



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
FORMAÇÃO DE PSICÓLOGO

CAUÊ PINHEIRO COSTA DE ALENCAR

TEONANACÁTL (A CARNE DOS DEUSES): RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COM
COGUMELOS “MÁGICOS” SOB A PERSPECTIVA GESTÁLTICA

JOÃO PESSOA – PB

2020

CAUÊ PINHEIRO COSTA DE ALENCAR

TEONANACÁTL (A CARNE DOS DEUSES): RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COM
COGUMELOS “MÁGICOS” SOB A PERSPECTIVA GESTÁLTICA

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Formação de Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Marísia Oliveira da Silva

JOÃO PESSOA – PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A368t Alencar, Cauê Pinheiro Costa de.

Teonanacátl (a carne dos deuses): relatos de experiências com cogumelos 'mágicos' sob a perspectiva gestáltica / Cauê Pinheiro Costa de Alencar. - João Pessoa, 2020.

119 f. : il.

Orientação: Marisia Oliveira da Silva.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Psilocibina. 2. Cogumelos mágicos. 3. Psicodélicos.
 4. Estados Alternativos de Consciência. 5. Gestalt-terapia
 6. Redução de Danos.
- I. Silva, Marisia Oliveira da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CAUÊ PINHEIRO COSTA DE ALENCAR

TEONANACÁTL (A CARNE DOS DEUSES): RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COM
COGUMELOS “MÁGICOS” SOB A PERSPECTIVA GESTÁLTICA

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Formação de Psicólogo.

RESULTADO: _____ NOTA:

João Pessoa, 14 de Fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marísia Oliveira da Silva (orientadora)
UFPB

Prof.^a Dr.^a Liana Clébia de Moraes Pordeus (examinadora)
UFPB

Me. Francisco Bento da Silva Filho (examinador)
UFPB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho e todo o meu aprendizado à Maria Sabina e aos Xamãs Mazatecas e Nahuas, ao Movimento Psicodélico, ao Movimento Antiproibicionista e à todas as pessoas que usam drogas.

Nada sobre nós sem a nossa participação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, aos Orixás e à Jurema Sagrada. Ao meu Pai Odé, que diariamente me aponta com seu Ofá os melhores caminhos e estimula a busca pelo conhecimento. Ao Senhor Tranca Ruas das Almas e a Padrinho Barruada, sem eles eu não estaria aqui e esse trabalho não estaria sendo publicado.

À minha mãe, minha tia e minha madrinha pelo apoio e por toda força que sempre me deram, mesmo buscando estudar um tema tao “diferente do normal” e que causou estranhamento a primeira vista.

À Leonísia, companheira que me acompanhou ao longo de toda a graduação e me ajudou nos estresses, nos momentos difíceis e com as revisões de texto. Na Academia e na vida. Agradeço infinitamente pelo acolhimento, o estímulo e os aprendizados.

À Tayná, minha companheira, pelo acolhimento, o apoio, o estímulo e as contribuições com o texto.

À Luan e Adriano pelas aventuras psiconáuticas. E à todos os meus amigos e amigas que me apoiaram direta e indiretamente.

À professora Marísia, amiga e orientadora, que comprou a ideia e me acompanhou na construção do trabalho mesmo não tendo proximidade com o tema. Agradeço pela confiança, sem a senhora esse trabalho sairia, mas com muito mais dificuldades.

Às pessoas que constroem a Marcha da Maconha João Pessoa e ao Coletivo Antiproibicionista da Parahyba, com quem tive aprendizados instigantes e prazerosos.

Ao cogumelo “mágico”, que tanto me ensina e abre meus olhos para o que a racionalidade não vê e não explica.

*Não deixaremos de explorar. E o fim de toda a
nossa exploração será chegar aonde começamos.
E conhecer o lugar pela primeira vez.*

T.S. Eliot

RESUMO

Pesquisas sugerem que a ingestão de psilocibina (substância presente nos cogumelos *Psilocybe*) e psicodélicos similares possibilitam um estado de consciência que podem levar a insights e à resolução de profundas questões existenciais e espirituais, durante ou mesmo após a experiência. Partindo da Gestalt-terapia, que entende o homem enquanto ser-no-mundo, ser que vive em e na relação com o campo, o uso de cogumelos “mágicos” pode ser entendido como uma forma de resistência frente ao Outro Social – assumindo função e sentido a partir de sua relação – ajustando-se criativamente frente aos desafios de estar no mundo. O presente trabalho teve por finalidade compreender a experiência dos sujeitos que fazem uso de cogumelos “mágicos” em contextos não ritualísticos e observar os impactos das experiências com a psilocibina na saúde e na vida do sujeito, observando se há mudanças de hábitos e perspectivas que possibilitam a este se rever como ser-no-mundo. A pesquisa foi constituída pelos seguintes eixos: 1) Uso do “Questionário sobre uso de substâncias psicoativas” visando apreender o conhecimento da população do Brasil sobre os cogumelos “mágicos” e construir um perfil epidemiológico do uso dos psicodélicos mais conhecidos (MDMA, LSD, Ayahuasca e cogumelos “mágicos”). 2) Estudo qualitativo gestaltático, a partir da análise de narrativas, visando observar os sentidos de uso de cogumelos “mágicos” e a influência dessas experiências na vida dos indivíduos entrevistados. O método fenomenológico permitiu acessar a experiência vivenciada pelos sujeitos a partir de suas próprias palavras, facilitando a elaboração de sentido para os narradores. O trabalho identificou grande número de pessoas que fazem uso da droga, além de permitir a reflexão sobre as experiências. Diante das narrativas dos colaboradores, podemos concluir que usar drogas, para eles, não é uma singela questão de infringir normas, ou ser influenciado por algo ou alguém ou apenas ter um comportamento desviante. Para alguns, assumiu valor terapêutico. Para outros, cumpre bem a função de sair da rotina e experienciar algo diferente (consumo hedonista). O cogumelo “mágico” agiu intensificando aquilo que era próprio de cada um, possibilitando uma awareness que permitiu que as realidades significativas ficassem aparentes ao campo perceptivo. As possibilidades emergiram do campo de acordo com a disponibilidade e abertura do self. No geral, reforçamos o caráter único de cada relação e dos fatores motivadores para início e continuidade do uso. A baixa produção de trabalhos científicos na área envolvendo os referenciais teóricos citados foi um dos elementos dificultadores. Reforçamos a necessidade de um aprofundamento no estudo fenomenológico dos psicodélicos e na construção de um diálogo entre a Gestalt-terapia e os psicodélicos.

Palavras-chave: Psilocibina. Psicodélicos. Cogumelos Mágicos. Estados Alternativos de Consciência. Gestalt-terapia.

ABSTRACT

Researches suggest the ingestion of psilocybin (substance present in *Psilocybe* mushrooms) and similar psychedelics can cause a state of consciousness that can lead to insights and to the resolution of profound existential and spiritual issues, during or even after the experience. Based on Gestalt-therapy, which understands the human being as a being-in-the-world, a being who lives in and in relation with the field, the use of “magic” mushrooms can be understood as a form of resistance to the Social Other – assuming function and meaning based on their relation – adjusting creatively to the challenges of being in the world. The purpose of the present work was to understand the experience of subjects who use “magic” mushrooms in non-ritual contexts and observe the impacts of experiences with psilocybin on the subject's health and life, assessing whether there have been changes in habits and perspectives that allow him to see himself as a being-in-the-world. The research consisted of the following axes: 1) Use of the “Questionnaire on the use of psychoactive substances” in order to apprehend the knowledge of the population of Brazil about “magic” mushrooms and build an epidemiological profile of the use of the most well-known psychedelics (MDMA, LSD, Ayahuasca and “magic” mushrooms). 2) Qualitative gestalt study, from the analysis of narratives, aiming to observe the meanings of using “magic” mushrooms and the influence of these experiences in the lives of the interviewed individuals. The phenomenological method allowed to access the experience lived by the subjects from their own words, facilitating the elaboration of meaning for the narrators. The work identified a large number of people who use the drug, in addition to allowing the reflection on the experiences with mushrooms. In view of the collaborators' narratives, we can conclude that using drugs, for them, is not a simple matter of breaking rules, or being influenced by something or someone or just having deviant behavior. For some, it assumed therapeutic value. For others, it fulfills the function of leaving the routine and experiencing something different (hedonistic consumption). The “magic” mushroom acted by intensifying what was proper to each one, allowing an awareness that allowed the significant realities to be apparent to the perceptual field. The possibilities emerge from the field according to the availability and openness of the self. In general, we reinforce the unique character of each relationship and the motivating factors for beginning and continuing use. The low production of scientific works in the area involving the theoretical references mentioned was one of the elements that made it difficult. We understand it's necessary to deepen the phenomenological study of psychedelics and to build a dialogue between Gestalt-therapy and psychedelics.

Key words: Psilocybin. Psychedelics. Magic Mushrooms. Alternative States of Consciousness. Gestalt-therapy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

5-HT - Serotonina

ANVISA - Agência nacional de vigilância sanitária

CAPS - Centro de atenção psicossocial

DMT – Dimetiltryptamina

EAC – Estados Alternativos de Consciência

FDA – Food and Drugs Administration

LNUD – Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira

LSA – Amida de ácido D-lisérgico

LSD – Lyserg Säure Diethylamid (Dietilamida do Ácido Lisérgico)

MDMA – Metilenodioximetanfetamina

OMS – Organização mundial de saúde

RD – Redução de Danos

SNC – Sistema nervoso central

SPA – Substância Psicoativa

UDV – União do Vegetal

Sumário

| | |
|--|-----|
| 1. Introdução..... | 11 |
| 2. Levantamento bibliográfico..... | 13 |
| 3. Fundamentação teórica..... | 18 |
| 3.1. Substâncias psicoativas e psicodélicos..... | 18 |
| 3.1.1. Panorama da pesquisa com psicodélicos..... | 23 |
| 3.2. “Guerra às Drogas” ou Guerra aos Pretos e Pobres?..... | 27 |
| 3.2.1 Redução de Danos como alternativa a política proibicionista..... | 33 |
| 3.3. Cogumelos “mágicos”..... | 36 |
| 3.3.1. Pesquisa com cogumelos “mágicos” (psilocibina)..... | 43 |
| 3.4. Gestalt-terapia e psicodélicos..... | 47 |
| 4. Metodologia..... | 53 |
| 4.1 Instrumentos e análise dos dados..... | 54 |
| 4.2 Método de Coleta de Dados..... | 56 |
| 4.3. Participantes e critérios de inclusão e exclusão..... | 56 |
| 5. Resultados e Discussões..... | 57 |
| 5.1. Primeira Fase – Conhecendo os consumidores de cogumelos “mágicos”..... | 57 |
| 5.2 Segunda Fase – Relatos de experiências com cogumelos mágicos sob a ótica gestáltica..... | 63 |
| 5.2.1. As unidades de Significado..... | 64 |
| 5.2.2. Síntese das Unidades de Significado..... | 91 |
| 6. Considerações Finais..... | 92 |
| REFERÊNCIAS..... | 97 |
| ANEXOS..... | 110 |
| Anexo 1 – Termo de Consentimento disponibilizado no Google Forms..... | 110 |
| Anexo 2 – Termo de Consentimento apresentado na entrevista..... | 112 |
| Anexo 3 – Questionário sociodemográfico..... | 115 |
| Anexo 4 – Questionário sobre uso de substâncias psicoativas..... | 116 |
| Anexo 5 – Roteiro de Entrevista..... | 117 |

1. Introdução

O interesse pela temática não surgiu ao acaso e não foi fruto de mero interesse acadêmico. Minha aproximação com o estudo dos psicodélicos se deu em meados de 2012, quando, através do fórum Teonanacátl¹, pude ter acesso a diversos relatos de experiências de pessoas que haviam feito uso da substância e comecei a repensar o significado do uso de drogas. Para além dos argumentos moralistas de “uso para fugir da realidade”, “coisa de vagabundo que não quer nada com a vida”, entre outras frases absurdas e simplistas, pude perceber naquelas pessoas, insatisfeitas com o “normal”, uma curiosidade em ver o mundo de outra forma. Ao longo da graduação, pude me aprofundar no estudo dos psicodélicos e me aproximar dos movimentos sociais que questionavam a atual política proibicionista de drogas, contestando o estigma de que os usuários são criminosos ou doentes.

O uso de drogas é um fenômeno antigo, datado desde tempos pré-históricos, que perpassa quase todas as sociedades humanas e com as mais variadas finalidades (Macrae et Gorgulho, 2003; Escotado, 1989). Sobre o assunto, Antonio Escotado (1989), um dos mais importantes historiadores das drogas, aponta que o fenômeno do uso de psicoativos é permeado por uma pluralidade de fatores, que representam a diversidade de lugares e motivos, bem como os diversos contextos de uso (cerimônias, rituais religiosos, uso individual, festas etc.). O consumo de substâncias psicoativas oscila do uso ocasional à dependência.

Segundo o III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira – III LNUD (Bastos, 2017), 65 milhões de pessoas de 12 a 65 anos consumiram álcool nos últimos 12 meses, 26,4 milhões de pessoas de 12 a 65 anos consumiram algum produto de tabaco nos últimos 12 meses, e ao menos 7,1 milhões de pessoas de 12 a 65 anos já consumiram “alguma substância ilícita” (considerando o uso de pelo menos uma das substâncias ilícitas citadas na pesquisa - maconha, haxixe ou skank, cocaína em pó (excluídas as formas fumada e injetável), Crack e similares 1 (cocaínas fumáveis), solventes, ecstasy/MDMA (Metilendioximetanfetamina), Ayahuasca, LSD (sigla de *LysergSäureDiethylamid*, palavra alemã para a dietilamida do ácido lisérgico), Cetamina e heroína.

1 Fórum organizado por entusiastas da micologia amadora que discute diversos assuntos incluindo cultivos de cogumelos comestíveis, medicinais e psicoativos (como os do gênero *Psilocybe*) além de proporcionar espaço seguro para formação de vínculos entre as pessoas e para discussões científicas sobre o tema. Nele, usuários de cogumelos “mágicos” podem compartilhar informações sobre uso seguro e expor relatos de experiências (<https://www.teonanacatl.org>).

Entre as substâncias psicoativas existentes, uma categoria especial nos chama atenção, os “psicodélicos”. Os efeitos provocados pelos psicodélicos envolvem principalmente as experiências subjetivas das pessoas (Shanon, 2003; Wilber, 2000; Grof, 2000, 1987, 1980, 1970). As substâncias psicodélicas têm sido estudadas há pouco mais de um século, desde que a ciência ocidental descobriu os seus usos entre as culturas tradicionais e sua utilização se popularizou entre grande parte da população, principalmente após o Movimento Hippie e o movimento psicodélico “*Flower Power*” - que teve como expoente Timothy Leary, Richard Alpert entre outros, pela defesa da ampla experimentação de substâncias psicoativas – nos anos 60. A partir desse período até a contemporaneidade, diversos estudos foram realizados em diferentes áreas. Após um período de obscurantismo científico na área, causado pela política antidrogas global, que teve os EUA (Estados Unidos da América) como principal fomentador, e a quase extinção como linha de pesquisa, o retorno ao interesse dos fenômenos proporcionados pelos psicodélicos ocorre no final do século XX (década de 90) e continua seu florescimento em pleno século XXI (Sessa, 2017). Apesar disso, poucos desses estudos trazem a narrativa a partir da ótica do usuário.

Dentre estas, os cogumelos “mágicos” serão o foco do nosso trabalho, psicoativo pouco estudado mas que tem sido usada por muitos psiconautas² e pessoas curiosas. Em geral, os cogumelos popularmente chamados de “mágicos” são aqueles cujos princípios ativos são a psilocibina e a psilocina, presente em diversos fungos em todo o mundo. Entretanto, os levantamentos sobre o uso de substâncias psicoativas não citam os cogumelos “mágicos” (ou psilocibina) nos seus questionários, o que não permite a construção de um perfil epidemiológico sobre a substância e conseqüentemente a compreensão aprofundada sobre o uso. Pesquisas sugerem que a ingestão de psilocibina e psicodélicos similares induzem os sujeitos a experienciar um estado de consciência que podem levá-los à reflexões sobre questões existenciais e espirituais, durante ou mesmo após a experiência (Moreno, Wiegand, Taitano & Delgado, 2006; Wiegand, 2003; Salomé, Boyer & Fayol, 2001; Baggot, 1996).

Embora haja grande número de pesquisas sobre o uso de drogas, poucos trabalhos discutem o tema a partir da perspectiva dos usuários. Precisamos compreender o consumo de drogas não por quem fala sobre ele, mas por quem as consome. Tem-se como justificativa a importância de compreender quais os processos históricos que permeiam a fala e a subjetividade dos sujeitos entrevistados, e de que modo suas falas levantam categorias em

2 “pessoas que mediante o uso de substâncias enteodélicas [psicodélicas] ‘navega’ por distintas dimensões da realidade, explorando assim a consciência humana” (Piñeiro, 2000, p. 18).

comum e como elas se constituem no processo de construção das suas identidades. A relevância deste estudo se evidencia na escassez de publicações que abordem a temática voltada para o estudo de experiências com psilocibina a partir da Gestalt-terapia. A Gestalt-terapia é uma abordagem relativamente recente e, pensando no caráter dinâmico e a constante (re) construção da abordagem, é essencial o interesse teórico sobre questões pouco estudadas.

Assim, faz-se necessário aprofundar os estudos sobre a substância citada, buscando refletir sobre os possíveis riscos e benefícios do consumo. O presente trabalho teve por finalidade compreender a experiência dos sujeitos que fazem uso de cogumelos “mágicos” em contextos não ritualísticos e observar os impactos das experiências com a psilocibina na saúde e na vida do sujeito, avaliando se houve mudanças de hábitos e perspectivas que possibilitaram a este se rever como ser-no-mundo. A pesquisa foi constituída pelos seguintes eixos: 1) Uso do “Questionário sobre uso de substâncias psicoativas” visando apreender o conhecimento da população do Brasil sobre os cogumelos “mágicos” e construir um perfil epidemiológico do uso dos psicodélicos mais conhecidos (MDMA, LSD, Ayahuasca e cogumelos “mágicos”). 2) Estudo qualitativo gestaltático, a partir da análise de narrativas, visando observar os sentidos de uso de cogumelos “mágicos” e a influência dessas experiências na vida dos indivíduos entrevistados.

2. Levantamento bibliográfico

No dia 20/06/2019 através dos portais PePSIC, SciELO, LILACS e BDTD, foi realizada uma pesquisa visando encontrar produções acadêmicas em língua portuguesa sobre a temática nas bases de dados brasileiras, utilizando os descritores “*Gestalt-Terapia E drogas*”, “*Gestalt-Terapia E droga*”, “*Gestalt-Terapia E psicodélicos*”, “*Gestalt-Terapia E psicodélico*”, “*Gestalt-Terapia E psilocibina*”, “*fenomenologia E drogas*”, “*fenomenologia E droga*”, “*psicodélicos*”, “*psicodélico*” e “*psilocibina*”. Foram utilizados como critério de análise a leitura dos títulos e resumos das produções encontradas, e foram excluídos da seleção os artigos que tratavam de uso de drogas relacionado a problemas sociais em contextos específicos, de uso de drogas específicas que não seja a Psilocibina, e que analisavam o uso de drogas a partir da dependência química. Apenas os trabalhos publicados na língua portuguesa foram analisados.

No portal **PePSIC**, utilizando os descritores “*Gestalt-Terapia E drogas*” foi identificado 1 artigo e nenhum selecionado; com as palavras-chave “*fenomenologia E drogas*” foram encontrados 4 artigos e nenhum foi selecionado. Com as palavras-chave “*Gestalt-Terapia E droga*”, “*gestalt-terapia E psicodélicos*”, “*gestalt-terapia E psicodélico*”, “*gestalt-terapia E psilocibina*”, “*fenomenologia E droga*”, “*psicodélicos*”, “*psicodélico*” e “*psilocibina*” nenhum artigo foi encontrado

No portal **SciELO**, utilizando os descritores “*fenomenologia E drogas*” foram encontrados 23 artigos e 2 selecionados (que se repetiam). O artigo abordava a questão da visão proibicionista propondo uma desconstrução desta a partir de uma compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. Os demais artigos remetiam ao uso de drogas em contextos específicos - instituições de Cuidado aos consumidores de drogas no SUS (Rede de Atenção Psicossocial, Unidades de Saúde da Família, Centros de Referência), jovens, foco em neurociências, contexto familiar, mulher negra em comunidades remanescentes de quilombos, foco em outras drogas específicas (crack, cocaína,) e foco em dependência química(3). Com os descritores “*fenomenologia E droga*” foram encontrados 3 artigos e 1 selecionado. O artigo fez uma construção etnográfica sobre a evolução dos atores sociais (pessoas que usam drogas) e dos territórios de uso de diversas substâncias. Os demais discutiam a temática em contextos específicos – tratamento da doença de parkinson e usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. Com o descritor “*psicodélico*” foi encontrado 1 artigo e nenhum foi selecionado; o artigo excluído discutia o uso de psicodélicos e a trepanação.

Com o descritor “*psilocibina*” foram encontrados 2 artigos e nenhum foi selecionado; os artigos tinham foco em neurociências e experimento com ratos. Com os descritores “*Gestalt-Terapia E drogas*”, “*Gestalt-Terapia E droga*”, “*Gestalt-Terapia E psicodélicos*”, “*Gestalt-Terapia AND psicodélico*”, “*Gestalt-Terapia E psilocibina*” e “*psicodélicos*” nenhum artigo foi encontrado.

No portal **LILACS**, utilizando os descritores “*Gestalt-Terapia E drogas*” foi encontrado 1 artigo e nenhum foi selecionado; o artigo propôs reflexões sobre a dependência química. Com os descritores “*fenomenologia E drogas*” foram encontrados 48 artigos dos quais 1 foi selecionado, mas o mesmo já havia sido selecionado em outro portal e portanto foi excluído. Os demais trabalhavam questões referentes à medicalização da vida, diversos contextos de uso de drogas quimioterápicas, contexto de Cuidado ao consumidor de drogas/familiares de consumidores, outras drogas específicas (maconha, crack, ayahuasca, cocaína, álcool), neurociência, mulheres, animais, drogas medicamentosas, mulheres em situação de rua, uso de drogas para tratamento de transtornos psiquiátricos, racismo, relação entre drogas e doenças específicas, uso de drogas por adolescentes, dependência química (11). Com os descritores “*fenomenologia E droga*” foram encontrados 9 artigos e nenhum foi selecionado. Os artigos remetiam a contexto de Cuidado ao consumidor de drogas, uso abusivo de álcool, uso de drogas farmacológicas, uso de outras drogas específicas (crack), questões relacionadas à dependência química – reflexões sobre o uso abusivo. Com os descritores “*Gestalt-Terapia E droga*”, “*Gestalt-Terapia E psicodélicos*”, “*Gestalt-Terapia E psicodélico*”, “*Gestalt-Terapia E psilocibina*”, “*psicodélicos*”, “*psicodélico*” e “*psilocibina*” nenhum artigo foi encontrado.

No portal **BDTD**, utilizando os descritores “*Gestalt-Terapia E drogas*” e “*Gestalt-Terapia E droga*” foi encontrado 1 artigo e nenhum foi selecionado. O artigo discutia sobre o tratamento da dependência química no Centro de Cuidados a Dependentes Químicos – CCDQ em Belém, estado do Pará. Com os descritores “*fenomenologia E drogas*” e “*fenomenologia E droga*” foram encontrados 35 artigos, dos quais apenas 1 foi selecionado, no qual o autor buscou compreender o uso de drogas a partir de uma perspectiva fenomenológica. Os demais tratavam de contextos específicos – uso de outras drogas específicas (maconha, crack, ayahuasca, cocaína, álcool), foco em dependência química, contexto de Cuidado ao consumidor de drogas/familiares de consumidores, uso de drogas farmacológicas, uso de drogas por grupos específicos. Com os descritores “*psicodélicos*” e “*psicodélico*” foram

encontrados 26 artigos, dos quais 1 foi selecionado. O autor fez uma construção etnográfica do uso de cogumelos mágicos (*Psilocybe cubensis*). Os demais tratavam sobre o uso de outras drogas específicas (maconha e ayahuasca), uso em contextos específicos, perspectivas teóricas distintas da gestalt-terapia, uso de drogas farmacológicas, estudos etnográficos da contracultura, estudos sobre música psicodélica. Com o descritor “psilocibina” foram encontrados 2 artigos e nenhum foi selecionado. Os artigos remetiam a questões específicas – identificação de psilocibina em algumas espécies de cogumelos e uso de “cogumelos mágicos” com foco em cognição (testes psicométricos). Com os descritores “Gestalt-Terapia E psicodélicos”, “Gestalt-Terapia E psicodélico” e “Gestalt-Terapia E psilocibina” nenhum artigo foi encontrado.

De modo geral, não foi encontrado nenhum artigo que tratasse especificamente sobre fenomenologia e uso de cogumelos mágicos. A maioria dos artigos traziam reflexões sobre a prevenção e o combate às drogas (com foco na dependência química e/ou no cuidado sobre o uso de drogas). O levantamento bibliográfico descrito acima resultou na seleção de quatro artigos, que estão descritos de forma mais precisa e organizados no quadro abaixo.

| Publicação/ tipo | Título | Referencial teórico | Objetivo | Método utilizado | Resumo do trabalho |
|-----------------------------|--|--------------------------------|---|--|---|
| 2010/ artigo | A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas | Fenomenologia existencial | Propor uma desconstrução da abordagem proibicionista a partir de uma compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. | Método dialético – análise dos paradigmas trabalhados a partir das duas abordagens analisadas. | O estudo aponta para a importância do desenvolvimento de uma nova abordagem preventiva que absorva de modo integral a singularidade da condição humana (vulnerabilidade existencial), rompendo definitivamente com os preceitos proibicionistas. O autor aponta como possibilidade a abordagem da Redução de Danos. |
| 2015/ Dissertação | O uso de drogas na consumação da modernidade | Fenomenologia | Discorrer sobre o sentido da mudança histórica que culmina no atual uso compulsivo de drogas psicotrópicas e | Método fenomenológico hermenêutico | Para compreender o uso de drogas na Modernidade, a postura científica tradicional |

| | | | | | |
|----------------------|--|---|---|--|---|
| | | | através do método fenomenológico hermenêutico, realizar uma compreensão acerca do nosso momento histórico no qual o uso de drogas se desvela compulsivamente. | | demonstra-se insuficiente, pois desarticula o fenômeno do acontecimento histórico mais amplo no qual ele se encontra. A abordagem fenomenológica pode ajudar na compreensão da relação do homem com as drogas. |
| 2018/ Dissertação | A viagem de volta: cogumelos e cogumelosidades no processo da vida. | Teoria ator-rede de Bruno Latour e antropologia “de volta à vida”, de Tim Ingold. | Construir uma etnografia do uso de cogumelos mágicos (<i>Psilocybe cubensis</i>) difundida em Minas Gerais e por outras regiões no Brasil e no mundo, e o diálogo com um conjunto de relações entre estes e os humanos. O trabalho busca desenhar este campo social a partir de um percurso etnográfico que considera diversas dimensões encontradas ao se perseguir as práticas humanas com estes cogumelos. | Construção etnográfica e entrevistas qualitativas | O trabalho buscou desenhar o campo social a partir de um percurso etnográfico que considerou diversas dimensões encontradas ao se perseguir as práticas humanas com estes cogumelos: regulações do uso; o ciberespaço e as técnicas micológicas; modalidades de trocas comerciais e não comerciais aí presentes; experimentos-eventos compartilhados entre pessoas-organismos e o relato de suas “viagens” com cogumelos. |
| 2019/ artigo | Revisitação aos atores e territórios psicotrópicos do Porto – Olhares etnográficos no espaço de 20 anos. | Etnografia. | Acompanhar a evolução dos atores e dos territórios psicotrópicos desde o início dos anos 90 até a atualidade, tendo por base o conhecimento gerado por duas investigações etnográficas levadas a cabo no Porto. | Observação participante e entrevistas etnográficas – trabalho interventivo junto a uma equipe de Redução de Danos, com os atores sociais nos territórios psicotrópicos considerados. | O trabalho faz uma comparação entre dois perfis sociográficos de usuários de drogas, a saber os de atualmente e o de 20 anos atrás. Quanto aos territórios psicotrópicos, as duas etnografias permitiram notar a estabilidade |

| | | | | | |
|--|--|--|--|--|---|
| | | | | | temporal das suas características e funcionamento e grande capacidade de resistência às investidas policiais. |
|--|--|--|--|--|---|

A partir do levantamento feito, percebemos a escassez de publicações a partir dos referenciais teóricos propostos no trabalho. Não foi encontrado nenhum trabalho em língua portuguesa que discuta o uso de Psilocibina (*Psilocybe cubensis*) a partir da ótica gestáltica, sendo fundamental o aprofundamento do tema para contribuir com o campo de conhecimento da Gestalt-Terapia e o diálogo com os psicodélicos. A referida pesquisa evidenciou a importância de pensar o fenômeno do uso de drogas para além da abordagem proibicionista e da questão da Dependência Química e do uso problemático/danoso. A abordagem fenomenológica se mostra como potente ferramenta para ajudar na compreensão da atual relação do homem com as drogas.

3. Fundamentação teórica

3.1. Substâncias psicoativas e psicodélicos

Como já apresentado, o uso de substâncias psicoativas (SPAs) acompanha a humanidade desde “o mundo é mundo”. Os diversos tipos de drogas são utilizados em diferentes ocasiões. As funções assumidas por cada uma são direcionadas pelos hábitos e costumes de cada sociedade, a depender do contexto de uso (cerimônias, rituais, celebrações e festa) (Moreira, 2015). Sobre o assunto, Antonio Escohotado, historiador das drogas, diz:

Salvo comunidades que vivem em zonas árticas, desprovidas por completo de vegetação, não há um só grupo humano aonde não tenha sido detectado o uso de vários psicofármacos, e se algo salta a vista neste terreno é que ele constitui um fenômeno plural em si, que se manifesta em uma diversidade de tempos, cobra uma ampla variedade de lugares e obedece a uma multiplicidade de motivos (Escohotado, 1989, p.22).

Para Andrew Weil (1986) e Ronald Siegel (2005) o desejo de alterar a consciência é tão primitivo quanto o ímpeto de saciar a sede e a fome. Weil (1986) acredita que: “o desejo de alterar periodicamente a consciência seja um impulso inato e normal, análogo à fome ou ao impulso sexual”; o autor, citado por Cristina Grof (1996) faz uma observação sobre as atividades infantis, na qual existe uma condução para estados não-ordinários, como girar até cair de tontura, por exemplo. A autora complementa: “Acredito que essa profunda necessidade de mudar a consciência reflita o nosso desejo natural de transcender a identidade egóica e experimentar uma noção maior de personalidade” (op. cit, p. 25). O homem sempre buscou, através dos tempos, maneiras de aumentar o seu prazer e diminuir o seu sofrimento gerado pela angústia de estar vivo e ser responsável por suas escolhas (Martins & Corrêa, 2004).

Assim, viu-se no uso de substâncias psicoativas um meio, com efeitos rápidos e evidentes, de retomar esse impulso básico das primeiras alterações de consciência (Weil, 1986). A cultura (principalmente os hábitos e costumes) direcionavam o sentido do uso de drogas em cerimônias coletivas, rituais e festas; o consumo era restrito a pequenos grupos e/ou a situações específicas, mas com o passar dos anos é possível notar que houve uma ampliação do consumo e uma diversificação dos contextos de uso (Pratta e Santos, 2009).

Para melhor compreensão da discussão, é necessário que caracterizemos o que entendemos por “droga”. Para a Organização Mundial de Saúde – OMS (1993), droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que atua sobre um ou mais sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento. Priorizaremos o uso do termo “substâncias

psicoativas” (SPAs), termo que faz menção às drogas que alteram o funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC), principalmente a consciência, as funções cognitivas, o afeto e a percepção sensório-motora-espacial (Oliveira, 2006). Entendemos o termo “psicoativo” como criado

para referir às substâncias que modificam o estado de consciência, humor ou sentimento de quem as usa – modificações essas que podem variar de um estímulo leve, como o provocado por uma xícara de café, até alterações mais intensas na percepção do tempo, do espaço ou do próprio corpo, como as que podem ser desencadeadas por alucinógenos vegetais [...] (Simões, 2008, p. 10).

Holmes (1997) categoriza as substâncias psicoativas em quatro classes, a partir do seu efeito no Sistema Nervoso Central (SNC): depressoras – provocam um efeito sedativo geral (álcool, barbitúricos e benzodiazepínicos, loló, lança-perfume); narcóticos – provocam efeito entorpecente sobre as experiências sensoriais (ópio, morfina, heroína e metadona); estimulantes – exercem efeito estimulante geral (anfetaminas, cafeína, cocaína, crack, merla, roupinol e nicotina); alucinógenos – exercem efeito de distorção sobre as experiências sensoriais (cannabis – maconha, haxixe, LSD - ácido lisérgico, ecstasy, mescalina e sintéticas). Ainda sobre os efeitos no SNC, Eduardo Schenberg (2020) [figura 1] apresenta uma outra classificação: estimulantes (modafinil, anfetamina, cocaína, efedrina, cafeína, MDMA, etc); depressores (álcool, barbitúricos, codeína, morfina, ópio, etc); antipsicóticos (risperidona, haloperidol, fluoxetina, etc) e psicodélicos (DMT, Salvinorina A, LSD, psilocibina, etc). As classificações são diversas e em todas, as fronteiras se confundem e várias drogas podem ter sido classificadas em mais de uma categoria.

Os fatores fisiológicos envolvidos no uso de substâncias psicoativas são a tolerância, a dependência e a abstinência (Swift & Lewis, 2009). A tolerância refere-se à diminuição do efeito da substância em seu uso contínuo, onde se precisa de uma dose maior para produzir a mesma resposta da primeira administração; o efeito contrário se chama sensibilização, onde há a necessidade de uma dose menor para produzir o mesmo efeito. A dependência diz respeito aos sintomas físicos e comportamentais que aparecem na abstinência, que por sua vez, é a interrupção abrupta do uso de uma substância, esses sintomas se dão pela quebra na homeostase já alterada pelos efeitos compensatórios do organismo na presença da substância. Existe também a dependência psicológica, essa, mais complexa, pode acontecer mesmo com substâncias que não geram tolerância e não causam dependência física, onde a cessação do

uso pode causar sintomas psicológicos e comportamentais, como disforia e “fissura” pela substância.

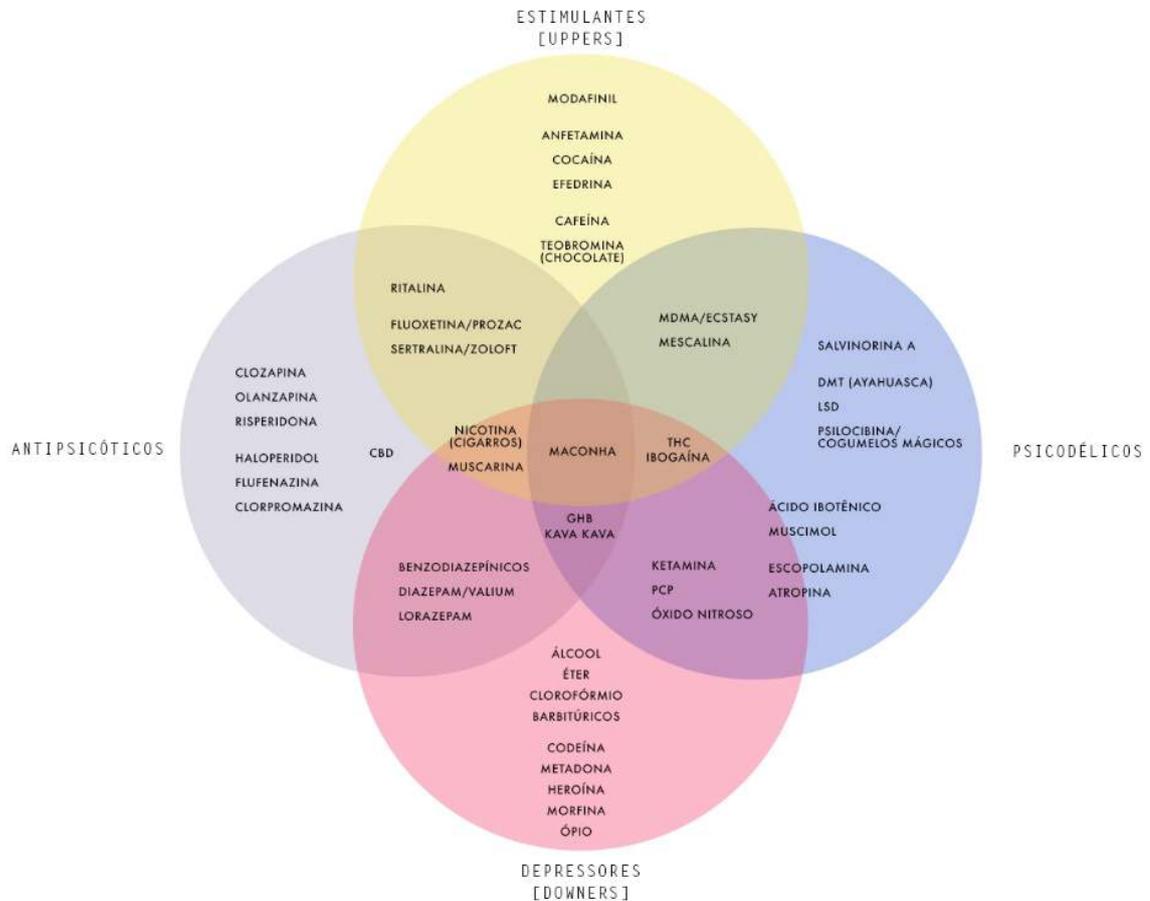


Figura 1: Classificação das drogas (Schenberg, 2020)

Embora seja um problema social alarmante, a adicção não é, de fato, ligada a todo consumo de substâncias psicoativas. Efetivamente, a grande maioria dos usuários de substâncias não apresentam comportamentos de dependência e abstinência (Anthony, Warner, & Kessler, 1994; Silveira & Moreira, 1996; Silveira, 2002, Silveira, 2006). O consumo, em si, não leva necessariamente à dependência, ao contrário, “a grande maioria dos usuários de droga não é e nunca vai ser dependente do produto” (Silveira, 2002, p.15). Ressaltamos então que a dependência e adicção estão muito mais relacionadas ao contexto social de uso do que a própria droga (Alexander, Coombs, & Hadaway, 1978).

Sendo o uso de drogas um fenômeno antigo que perpassa quase todas as sociedades humanas e com as mais variadas finalidades (Macrae et Gorgulho, 2003; Escohotado, 1989), precisamos nos deter sobre esse uso e compreender quais fatores perpassam os sentidos da

experiência de usar substâncias psicoativas. Não se sabe exatamente como uma pessoa que fez uso de substâncias psicoativas se comporta e se relaciona com o mundo a sua volta. Portanto, para compreender a experiência subjetiva, é preciso analisar não apenas a substância, mas também o contexto em que esta está sendo usada e o estado psíquico do indivíduo (Holmes, 1997, p.384). Carl Hart, neurocientista professor da Universidade de Harvard, alerta ao dizer que “efeitos de uma droga são determinados não só pela dose e a maneira como é administrada no corpo, mas também por diferentes características do usuário e de seu ambiente.” (Hart, 2014, p.202).

Assim, é necessário abordar o tema a partir de seus múltiplos determinantes: fatores farmacológicos, fatores psicológicos e fatores sócio-culturais. Na maioria das pesquisas, observamos que pouca atenção é dada para os fatores socioculturais, o que faz com que se desconsidere a gênese cultural das doenças ou do que se entende por doença (drogadição, por exemplo). Isso leva ao silenciamento sobre os interesses que perpassam a medicina como uma produção social e sobre as determinações sociais da saúde/doença (Minayo, 1999, p. 47-49).

Psicodélicos

Dentre as substâncias psicoativas, uma categoria em especial nos chama atenção. Entretanto, iniciaremos a discussão apresentando uma breve revisão histórica sobre os psicodélicos e a pesquisa na área. Segundo Henrique Carneiro (2005), as substâncias psicodélicas podem ser categorizadas e descritas a partir de três visões: alucinógenos, psicodélicos ou enteógenos. A primeira surge através do paradigma da pesquisa científica oficial dos anos 1930 a 1950 e, até hoje, é o termo usado “cientificamente” para descrever, a partir dos efeitos farmacológicos, as características de uma gama de substâncias que vão da maconha ao LSD. A segunda é a denominação criada pelo psiquiatra canadense Humphry Osmond, em 1953, e que foi adotada pelo movimento político-cultural dos anos 1960 (Leary, 1999, p. 340). A terceira foi proposta em 1978 pelo investigador Gordon Wasson e outros (C.A.P. Ruck, D. Staples, J. Bigwood e J. Ott) para se referirem às plantas que têm sido usadas como instrumentos sagrados de êxtase em contexto ritualístico (Ott, 1995). Segundo Henrique Carneiro (2005):

O termo enteógeno, embora seja preciso para denominar usos de tipo religioso, como os identificados nas raízes culturais de inúmeros cultos, é inapropriado para definir o uso laico contemporâneo das mesmas substâncias. O termo alucinógeno, embora seja o mais corrente, é incorreto, refletindo um preconceito que atribui à ocorrência de

supostas “alucinações” o principal ou único efeito de drogas que possuem uma natureza muito mais complexa.

Adotaremos aqui o termo *psicodélico*, por acharmos mais adequado e mais preciso para o estudo proposto, demarcando o posicionamento de uma possibilidade de uso social e terapêutico dessas substâncias, não necessariamente dentro de um contexto ritualístico. O termo engloba uma ampla classe de substâncias e formas de uso.

As substâncias psicodélicas podem ser caracterizadas como um conjunto de plantas e de substâncias sintéticas que produzem efeitos psicoativos peculiares e característicos, que “se distingue dos inebriantes (como o álcool), dos excitantes (como o café e a cocaína), ou dos sedativos (como o ópio)” (Carneiro, 2005). São elas: LSD, mescalina, psilocibina, DMT (dimetilriptamina), ergotamina e também as anfetaminas psicodélicas como o MDMA, das quais existem ao menos algumas centenas de análogos; entre outras de mesma natureza química. A natureza fundamental dos seus efeitos é psíquica, como demonstram os relatos das pessoas que fizeram uso. Os efeitos provocados pelos psicodélicos envolvem principalmente as experiências subjetivas das pessoas (Shanon, 2003; Wilber, 2000; Grof, 2000, 1987, 1980, 1970).

Andrew Weil (1983) considera que os verdadeiros psicodélicos são os indóis ou indólicos (entre eles, LSD, psilocibina, triptaminas, harmalinas, etc – e, entre eles, o LSA), além das fenetilaminas (entre eles, mescalina, MDA, DOM). Sobre o assunto, Weil (1983, p.10) comenta:

Estas drogas, e as plantas das quais elas derivam, constituem um grupo farmacológico distinto, todas estimulam o sistema nervoso central e simpático e todas afetam os caminhos (pathways) serotoninérgicos e dopaminérgicos (ou ambos) no cérebro. Estas drogas são também distinguíveis pela grande segurança médica, particularmente os indóis. Eles não matam, prejudicam ou produzem séria toxicidade física mesmo em largas overdoses ou usos crônicos ao longo da vida. Apesar de muito desejo e atividade de muitos cientistas, repórteres e agências governamentais, para apresentar incriminadoras evidências de danos, os verdadeiros psicodélicos continuam parecendo serem as drogas mais seguras da medicina. Refiro-me a segurança médica apenas. Existem perigos nas plantas e químicas psicodélicas, tendo haver com a aguda toxicidade psicológica – quer dizer, experiências difíceis. Estas reações são mais um produto do *set* [estado mental] e *setting* [contexto do uso] do que farmacológico.

Os riscos podem ser reduzidos com medidas de cuidado em relação à quantidade utilizada, pureza da substância, tempo, estado mental do sujeito e lugar de uso (Weil, 1983). É

preciso mais pesquisas para estudar o fenômeno e entender os possíveis riscos advindos do uso de substâncias psicodélicas.

3.1.1. Panorama da pesquisa com psicodélicos

As substâncias psicodélicas têm sido estudadas há pouco mais de um século, desde que a ciência ocidental descobriu os seus usos entre as culturas tradicionais. A partir desse período até nossos tempos de ciência contemporânea, diversos estudos foram realizados em campos diferentes de acordo com o período e com os interesses envolvidos no estudo dessas substâncias (Escobar, 2008). O interesse da ciência moderna pelos psicodélicos teve origem ainda no século XIX, principalmente a partir da pesquisa de Richard Spruce, biólogo americano que fez um levantamento botânico acerca das espécies vegetais existentes na América do Sul e estudou a relação dos povos locais com as plantas psicoativas encontradas. De acordo com Schultes et al. (2001), foi a partir desse estudo que se iniciaram as primeiras pesquisas com a Ayahuasca, bebida enteogênica utilizada ritualisticamente por algumas culturas indígenas e pelas religiões ayahuasqueiras no Brasil – Santo Daime, União do Vegetal – UDV e Barquinha, feita a partir de decocção do cipó *Banisteriopsis Caapi* com a adição de outras plantas, e Yopo (*Anadenanthera peregrina*) - semente utilizada ritualisticamente por diversas culturas indígenas, principalmente latinas (Carneiro, 2009).

O uso tradicional de substâncias psicodélicas é demonstrado por diversos relatos de exploradores europeus nos séculos XV, XVI e XVII, sendo estes condenados pela moral da época e pela Igreja Católica (Escohotado, 1989). Para Schultes et al. (2001) e Schultes (1963), essa perseguição foi uma das grandes responsáveis pelo epistemicídio das culturas locais e pelo apagamento da história do uso de substâncias psicodélicas.

Ao final do século XIX, com o crescente desenvolvimento da tecnologia química e bioquímica e do avanço da pesquisa farmacêutica, as pesquisas com as substâncias psicodélicas avançaram a partir dos estudos da mesalina (substância presente no cacto Peyote, ou *Lophophora williamsii*), realizados após subseqüentes estudos de auto-experimentação realizados e publicados em periódicos (Ott, 2004; Escohotado, 2004). Os principais estudos envolviam a pesquisa para a purificação dos alcalóides e revisão taxonômica do cacto. Entre os pesquisadores envolvidos no estudo estava Louis Lewin, responsável pela publicação de uma das mais importantes literaturas sobre substâncias psicoativas, “*Phantastica*”, publicado em 1927 (Schultes, 1963; Schultes et al., 2001).

Atualmente é usado legalmente em ritos da *Native American Church*, grupo religioso que combina crenças indígenas norte-americanas e aspectos do cristianismo (Escotado, 2004).

Outras substâncias psicodélicas também são usadas em ritos religiosos indígenas, como os cogumelos do gênero *Psilocybe* e o *Ololiuqui* (sementes da *Ipomoea violacea*, que tem como princípio ativo o LSA - amida de ácido D-lisérgico) (Beserra, 2011). Foi a partir do LSA que se sintetizou o LSD-25, uma das mais populares e potentes substâncias psicodélicas (Schultes et al., 2001). A descoberta acidental do LSD-25 em 1943, pelo Dr. Albert Hofmann, que trabalhava na empresa farmacêutica Sandoz (Suíça), possibilitou uma nova geração de estudos com tais substâncias nos mais diversos campos da medicina (Nichols, 2004; Schultes et al., 2001; Aghajanian & Marek, 1999; Grob, 1998; Gordon-Wasson, 1964; Hofmann, 1964). Hofmann, em seu livro “Minha Criança Problema” (1983), já identificava possibilidades terapêuticas para o LSD: “Eu vejo a verdadeira importância do LSD na possibilidade de providenciar ajuda material para a meditação voltada à experiência mística de uma realidade mais profunda e abrangente” (Hofmann, p. 92, 1983).

Os estudos com os cogumelos “mágicos” (*Psilocybe cubensis*) têm origem nas décadas de 30 e 40, principalmente devido aos trabalhos exploratórios de Roger Heim, Richard Schultes, Valentina Pavlovna e Robert Gordon Wasson no México (Wasson, 1957). Logo foram descobertas dezenas de espécies de cogumelos utilizados em rituais mágicos por xamãs, variáveis de acordo com a região e com as etnias indígenas. O México é o país com maior diversidade biológica e de uso enteogênico ou “mágico” desses cogumelos (Schultes et al., 2001; Folange, 1972a; Heim, 1972; Heim & Wasson, 1972; Wasson, 1963; Schultes, 1963; Singer, 1958). O conhecimento botânico acerca das plantas psicodélicas vem se expandindo desde meados do século XX, no qual milhares de espécies foram catalogadas e algumas estudadas quimicamente com o isolamento de seus alcalóides (Nichols, 2004; Schultes et al., 2001). Foi a partir do século XX que diversos pesquisadores voltaram seus olhares para tais substâncias, tendo início os estudos médicos com ênfase nos seus aspectos psicológicos e psicotomiméticos (Osmond, 1972; Hoffer & Osmond, 1966).

Na pesquisa feita por Yensen e Dryer (1999), foram encontradas evidências de que a terapia psicodélica poderia ser útil para aqueles que sofrem de ansiedade e outros problemas associados à doença terminal. Em 1965, uma pesquisa consistindo em fornecer uma experiência psicodélica para pacientes em estado terminal foi realizada no Spring Grove State Hospital, em Maryland. Dos 17 pacientes que estavam morrendo que receberam LSD após o

preparo terapêutico apropriado, um terço melhorou “dramaticamente”, um terço melhorou “moderadamente” e um terço ficou inalterado pelos critérios de tensão reduzida, depressão, dor e medo da morte (Grof & Halifax, 1977). No mesmo ano, no Brasil, o psiquiatra Cesario Hossri realizou pesquisas associando o uso de LSD a técnicas de Hipnose para “pesquisar a fenomenologia lisérgica, tendo concluído que o LSD possibilitava uma nova abordagem do estudo da personalidade, sendo um excelente meio de acesso ao inconsciente (individual e coletivo), por manter a pessoa consciente e lúcida” (Rodrigues, 2019 apud Hossri, 1984).

As pesquisas com substâncias psicodélicas, que ganharam força na década de 60, foram praticamente extintas com a proibição dessas substâncias nos EUA e com a campanha de “Guerra às Drogas” protagonizada pelo país (Nichols, 2004; Grob, 1998; Fort & Metzner, 1969; Metzner, 1967; Stern, 1966; Unger, 1964; Ling & Buckman, 1964; Metzner, 1963). Na década de 90, o reinício das pesquisas com psicodélicos em humanos se deu principalmente devido aos esforços do Dr. Rick Strassman (Universidade do Novo México, EUA) e do Dr. Franz Vollenweider (Hospital Psiquiátrico Universitário de Zurique, Suíça) (Carter, Pettigrew, Burr, Alais, Harsler, Vollenweider, 2004; Strassman & Qualls, 1994).

Estudo realizado pelo Instituto do Cérebro (ICe), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mostrou a Ayahuasca como eficaz na diminuição de sintomas de depressão em pacientes que não responderam aos tratamentos convencionais (Palhano-Fontes, Barreto, Onias, Andrade, Novaes et al., 2018). Em estudo realizado por Carhart-Harris, Bolstridge, Day et al. (2018), a psilocibina se mostrou eficaz como suporte psicológico no tratamento de pacientes com depressão resistente aos tratamentos convencionais. O uso de doses ativas de MDMA (75 mg e 125 mg) com psicoterapia adjunta se mostraram eficazes no tratamento de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) em veteranos militares, bombeiros e policiais (Mithoefer, Mithoefer, Feduccia, Jerome, Wagner, Wymer et al., 2018). Estudos conduzidos entre 2004 e 2010 relataram uma taxa de remissão geral dos efeitos de TEPT crônico de 66,2% e baixas taxas de efeitos adversos (Thal & Lommen, 2018).

Gasser, Kirchner e Passie (2014) encontraram evidências de que o LSD administrado em um ambiente psicoterapêutico supervisionado pode ser seguro e gerar benefícios duradouros em pacientes com uma doença terminal. Os participantes do estudo relataram experiências catárticas e transpessoais, acompanhadas por uma redução na ansiedade e um aumento na qualidade de vida. As experiências vivenciadas levaram a uma reestruturação da

confiança emocional da pessoa e da compreensão situacional, com conseqüente ressignificação de hábitos e visão de mundo.

As atuais pesquisas demonstram que as substâncias psicodélicas têm grande utilidade farmacológica e terapêutica no tratamento do abuso de drogas e de certas desordens psiquiátricas, e ainda podem servir como ferramenta de investigação dos processos mentais (Palhano-Fontes, Andrade, Tofoli, Santos, Crippa, Hallak et al., 2015). Esses benefícios se refletem no aumento de estudos sobre a temática presentes na literatura (Jerome, Mojeiko & Doblin, 2020; Nutt, Erritzoe & Carhart-Harris, 2020).

Se, por um lado, a rigorosidade científica exigida para a aprovação de um psicodélico como ferramenta terapêutica garante certo conhecimento sobre os riscos e benefícios, promovendo um uso consciente e seguro, por outro essa postura dificulta os estudos sobre o tema, uma vez que as medidas exigidas para testes são extremamente restritivas para os grupos e instituições que não tem financiamento particular ou público, limitando a diversidade de grupos que podem efetivamente realizar esses estudos.

Os estudos apresentados reforçam os benefícios do campo de trabalho atualmente chamado de “Terapia Psicodélica”, que se refere a qualquer tipo de tratamento profissional acompanhado por um terapeuta que usa substâncias psicodélicas em seus procedimentos. Os efeitos subjetivos dessas experiências, justificados pelos participantes como os responsáveis pelas mudanças significativas, ainda são desconhecidos pelos pesquisadores. Entretanto, os recentes estudos apontam que essas substâncias reduzem drasticamente a atividade na “rede neural em modo padrão”, área do cérebro que está relacionada à consciência. É possível que a hiperatividade nessa rede provoque o padrão de pensamento rígido e insistente característico da depressão e da ansiedade. Além disso, as substâncias psicodélicas disparam livremente conexões entre partes do cérebro que, em condições normais, não costumam conversar entre si. Isso estimula o cérebro a formar novas conexões e possibilitar a ressignificação de padrões de comportamento (Carhart-Harris et al., 2018).

3.2. “Guerra às Drogas” ou “Guerra aos Pretos e Pobres”?

Segundo Henrique Carneiro (2002), sempre existiram, em todas as sociedades, mecanismos de regulamentação social do consumo das drogas, mas foi só a partir do início do século XX que se instaurou o proibicionismo legal e institucional internacional. A primeira política proibicionista de repressão aos usuários foi criada pela China. Datada de

1839, foi direcionada ao Ópio e impulsionada por estudantes modernistas que se colocavam como uma vanguarda moral em enfrentamento às elites imperiais tradicionais e por missionários ocidentais, que o apontavam como um obstáculo à conversão (Dikotter, 2004, p. 108-110). O Brasil foi o primeiro país do mundo a proibir a maconha. A primeira lei que proíbe a maconha no país foi editada pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 1830. O “pito de pango”, como a maconha era conhecida à época, constava no § 7º da postura que regulamentava a venda de gêneros e remédios pelos boticários (Barros & Peres, 2011):

É proibida a venda e o uso do pito do pango, bem como a conservação dele em casas públicas. Os contraventores serão multados, a saber: o vendedor em 20\$000, e os escravos e mais pessoas, que dele usarem, em três dias de cadeia.

A pena privativa de liberdade era direcionada apenas aos usuários e escravos. Os vendedores, em sua maioria da classe média, apenas eram punidos com multa em dinheiro. Segundo Luisa Saad (2013) e Jonas Lunardon (2015) o uso da maconha (e seus diversos derivados) está relacionada com a cultura das pessoas negras desde muito antes da escravidão. A importância da planta pode ser reforçada pelos estudos de Henrique Carneiro (2009), que encontrou evidências de que as sementes de *Cannabis sativa* (planta que produz a maconha) foram trazidas pelas pessoas escravizadas dentro de bonecas de pano. Em 1890 a República publicou no Código Penal a "Seção de Entorpecentes Tóxicos e Mistificação", a fim de criminalizar e combater a capoeira, os cultos de origem africana e o uso da *Cannabis*. A delegacia responsável pelos casos citados se chamava “Delegacia de Costumes, Tóxicos e Mistificações”. A lei serviu de instrumento para auxiliar no controle e repressão das pessoas negras após a falaciosa abolição da escravidão (em 1888). Saad (2013) e Lunardon (2015) identificam diversas práticas persecutórias e de criminalização dessa população, com o objetivo de legitimar e manter o lugar de subalternidade destinado a ela. Percebemos, desde o início, a motivação racista por trás da política proibicionista no Brasil e no mundo.

Para Adelle Souza (2018, p. 43):

O proibicionismo ou proibição de algumas drogas é entendido como um dispositivo racista que produz formas de exclusão e opressão principalmente para a população negra e pobre. Tem seus mecanismos operando a partir de uma lógica racista de julgamento e criminalização das práticas, cultura, corpos e autonomia do povo negro (Saad, 2013; Lunardon, 2015; Boiteux, 2006).

O Brasil foi protagonista, ainda, em um segundo momento, no debate do uso da maconha (Boiteux, 2015). Em 1924, na II Conferência Internacional Sobre Ópio, o delegado brasileiro Pernambuco Filho advogou pela inclusão da maconha na lista das substâncias proscritas, sendo a proposta aprovada na conferência. Os fatos apresentados reforçam o caráter racista da criminalização da maconha no Brasil.

Foi a partir de 1961, com a Convenção Única sobre Entorpecentes (ONU, 1961), que um conjunto específico de substâncias passaram a ser consideradas ilegais, sob justificativa principal dos saberes médico-farmacológicos, que colocavam estas como sem finalidades científicas e com grande taxa de dependência e grande potencial de danos ao usuário. As determinações da Convenção foram a aplicação de duras sanções penais a quem comercializa substâncias psicoativas proscritas. Esta abordagem, que via de regra vigora até hoje, orienta-se prioritariamente à redução da oferta - agindo contra usuários e traficantes, à veiculação de informações pautadas pelo amedrontamento e ao apelo moral de slogans tais como “Diga Não às Drogas” (Fonseca, 2012).

A internacionalização da campanha proibicionista contra as drogas foi protagonizada pelos Estados Unidos na chamada “Guerra às Drogas”, sob a justificativa de que estas eram um grande mal à sociedade e precisariam serem exterminadas. Os EUA empreenderam uma verdadeira caçada à maconha e ao crack, com os esforços voltados principalmente para a população mexicana e negra, supostamente as que fomentam o uso da maconha e do crack. Percebemos também as motivações racistas por trás das campanhas proibicionistas locais e internacionais. A Guerra às Drogas se trata de nova ferramenta manicomial, que visa o controle social pautado em raça, classe e gênero, sob a chancela da regulação de substâncias psicoativas.

Como aponta Labate, Fiore e Goulart (2008, p.23) a elevação do uso de drogas “a categoria de problema social é historicamente recente”. A política mundial de criminalização das drogas não só é recente como também é contemporânea da partilha moral entre drogas de uso ilícito e drogas de uso livre, tolerado ou controlado. É preciso, entretanto, refletir sobre essa distinção entre drogas e fármacos – pois os fármacos também são, todos eles, drogas. Nessa intenção, Vargas (2008) pontua:

Embora seja possível encontrar exceções a essa regra, a tônica dessas políticas é marcada pela distinção entre drogas e fármacos e pela repressão a todas as formas de uso não médico de praticamente todas as drogas rotuladas como psicoativas, com as notórias, apesar de controversas, exceções do álcool etílico e do tabaco.

No Brasil, a política internacional foi referendada pelo Decreto Nº 54.216, de 27 de Agosto de 1964; atualmente a questão é balizada pela Lei 11.343 (2006) que “Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD. O SISNAD prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Apesar da legislação nacional pioneira na proibição da maconha, o Brasil tardou “a se tornar verdadeiro ator nos debates e negociações internacionais” (Silva, 2013, p.11). Tal postura de alheamento ao longo da maior parte do século XX “parecia a princípio se justificar. Com efeito, o país se manteve em grande medida incólume ao problema das drogas durante décadas” (Silva, 2013, p.91). Segundo o autor (2013, p. 47), no Brasil, “Apesar de algumas iniciativas pontuais, somente em meados dos anos oitenta o governo se deu conta da necessidade de engajar-se no tema”. Dois eventos demonstram essa nova orientação: a Conferência Especializada Interamericana sobre Tráfico de Entorpecentes, em 1986; e a criação da Comissão Interamericana para o Controle do Abuso de Drogas (CICAD). O CICAD tornou-se um modelo de cooperação multilateral, tendo exportado seu sistema para a Organização das Nações Unidas (SILVA, 2013, p. 248-253). Os fatos apresentados demonstram que o Brasil atendeu às referências colonizadoras e imperialistas mundiais impostas pelos EUA assumindo o modelo proibicionista como principal meio de lidar com a questão das drogas (Boiteux, 2015; Lunardon, 2015).

Desde que as SPAs e seu uso se tornaram uma questão social relevante, considerado como essencialmente problemático, e a política proibicionista se tornou hegemônica, a produção de conhecimento ao seu respeito foi, com raras e valiosas exceções, pautadas pela lógica da negatividade, do preconceito e do estigma, gerando um obscurantismo científico sobre o tema. A resposta penal contribui, ainda, para gerar um ambiente de estigmatização e discriminação contra as e os usuários de drogas. A partir da política proibicionista, compreende-se o usuário de drogas em termos de duas perspectivas: a moral-criminal e a da doença. O processo de estigmatização decorrente destas perspectivas cria barreiras para a inclusão social e também para o acesso das pessoas que usam drogas às instituições de saúde (Alves, 2009). Ao refletir sobre o modelo proibicionista (ou de proibição de algumas drogas), Luciana Boiteux (2006, p. 48) faz a seguinte afirmação:

O modelo proibicionista, ao defender como modelo a cultura branca protestante anglo-saxã norte-americana, além de desconsiderar a diversidade étnica, cultural e religiosa

de outros povos, pretende se sobrepor a culturas tradicionais diversificadas, como a dos países andinos, que faz uso de produtos naturais como a folha de coca, como expressão de sua cultura ancestral.

Ainda, a Lei de Drogas atualmente em voga no país contribui para o encarceramento em massa da população, principalmente pessoas negras, pobres e mulheres. Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen (Brasil, 2014), publicado em junho de 2017, o Brasil possui a terceira maior população carcerária do mundo com mais de 726.712 mil presos distribuídos em 368.049 vagas. 89% desta população estão em unidades superlotadas. É possível perceber uma tendência de aumento anual nesses números (Brasil, 2014). O crescimento da população prisional tem sido ainda maior entre as mulheres. A população de mulheres presas no Brasil cresceu 698%, entre 2011 e 2017 (Brasil, 2018). Os dados do INFOPEN Mulheres só se referem a mulheres cis, e os dados das mulheres trans não estão consolidados na pesquisa citada. O 27º Relatório Global da Organização Human Rights Watch (2017), afirma que a Lei de Drogas de 2006 é um fator chave para o drástico aumento da população carcerária no Brasil.

Entre os presos, o crime de maior incidência é tráfico de drogas, correspondendo a 28% dos detentos. Em 2005, antes da reforma da Lei de Drogas, apenas 9% dos presos no Brasil haviam sido detidos por crimes relacionados às drogas. Essencialmente, os principais responsabilizados criminalmente pela política de drogas são as pessoas negras e jovens: 55% possuem entre 18 a 29 anos; e 64% são negras. Alguns estados alcançam quase 100% de população prisional negra, como o Acre (95%), Amapá (91%) e Bahia (89%) (Brasil, 2014). Entre os homens, o número de presos por tráfico de drogas corresponde a 26%, entre as mulheres corresponde a 62%.

Segundo o levantamento feito pelo Instituto Sou da Paz, com dados do Departamento de Inquéritos Policiais e Corregedoria da Polícia Judiciária e do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP), mais de 67,7% das pessoas presas por tráfico de maconha tinham menos de 100 gramas da droga, dos quais cerca de 14% deles tinham menos que 10g (cerca de dez cigarros); dos presos por tráfico de cocaína, 77,6% tinham menos de 100g. Ainda segundo o levantamento, 62,17% das pessoas presas por tráfico exerciam atividade remunerada na ocasião do flagrante, 94,3% não pertenciam a organizações criminosas e 97% nem sequer portava algum tipo de arma.

A partir dos dados, podemos observar que a grande maioria das pessoas presas, supostamente por tráfico de drogas, são usuários ou microtraficantes. Suas prisões não afetam

a cadeia produtiva e de comércio das drogas e demonstram a falência das ações anti-drogas praticadas no Brasil, especialmente após a sanção, em 2006, da Lei 11.343, segundo a qual usuários passariam a ser punidos apenas com penas educativas e não mais com prisão. A crença na ineficácia das políticas proibicionistas contra as drogas também está sendo discutida nos EUA, país protagonista da proibição internacional das drogas. O relatório DROGAS E DEMOCRACIA: Rumo a uma mudança de paradigma (2009) sinaliza o impacto do fracasso do modelo americano de proibicionismo e guerra às drogas na América Latina. Segundo o documento:

Um aumento do crime organizado, tanto pelo tráfico internacional como pelo controle dos mercados domésticos e de territórios por parte dos grupos criminosos; Um crescimento da violência a níveis inaceitáveis, afetando o conjunto da sociedade e, em particular, os pobres e jovens; A criminalização da política e a politização do crime, bem como a proliferação de vínculos entre ambos, que se reflete na infiltração do crime organizado nas instituições democráticas (Comissão Latino-americana sobre Drogas e Democracia, 2009, p. 07).

Do ponto de vista pragmático, a política proibicionista se mostra ineficaz e irrealista, tendo em vista que o consumo de drogas aumenta a cada ano (Canoletti & Soares, 2005; Moura, 2004) assim como o tráfico (Coelho & Soares, 2014). Pesquisas recentes apontam que a preconização da abstinência (princípio que está na base dos pressupostos da política proibicionista), é um dos elementos principais que explica o fracasso da abordagem (Sodelli, 2006; Tavares-De-Lima, 2003). Rocha (2013) pontua que a “Guerra às Drogas” age diretamente sobre as pessoas, sendo tão nociva e violenta quanto qualquer outra guerra. Além disso, podemos observar que as ações balizadas pela política proibicionista são tao ou mais prejudiciais do que as próprias drogas (Rocha, 2013). Do ponto de vista socioantropológico, desde as premissas do nascimento do modelo proibicionista até os dias atuais, podemos observar o sucesso da política proibicionista, se considerarmos ao que ela de fato se propõe: controle do comportamento, da normalização do prazer, entre outras exigências da existência do indivíduo.

David Nutt, Leslie King e Lawrence Phillips (2010) realizaram um estudo comparativo visando avaliar os danos para o usuário e os danos sociais (danos aos outros) das seguintes drogas: álcool, tabaco, heroína, crack, cocaína, metanfetamina, anfetamina, maconha, GHB, benzodiazepínicos, ketamina, metadona, mefedrona, butano, Khat, anabolizantes esteróides, Ecstasy, LSD, buprenorfina e cogumelos. De acordo com os

pesquisadores, as drogas mais prejudiciais para os usuários foram a heroína, crack e metanfetamina; enquanto as drogas mais prejudiciais para os outros foram o álcool, heroína e crack. Quando os dois escores foram combinados, o álcool – droga (legal) mais consumida do mundo - foi a mais prejudicial seguida por heroína e crack. A psilocibina (princípio ativo dos cogumelos “mágicos”) ficou em último lugar no escore “dano para o usuário” e não obteve escore na categoria “dano para os outros”. A partir daí podemos refletir que a proibição de determinadas drogas não tem relação direta com os seus danos à saúde pública, e sim atende a diversos outros interesses econômicos e sociais, principalmente de controle dos corpos (essencialmente negros e pobres) e o lobby farmacêutico.

Embora as políticas oficiais sejam marcadas pela repressão, as relações que a maioria das sociedades contemporâneas (especialmente as ocidentais) mantêm com as drogas (no sentido amplo do termo) estão longe de serem únicas, seja porque as políticas de repressão são, frequentemente, ambíguas (nas quais, por exemplo, drogas que causam grandes males sociais e individuais, como o álcool e o tabaco, sejam legais), seja porque, mais fundamentalmente, jamais o consumo de drogas (no sentido amplo do termo) foi tão difundido e estimulado quanto no último século.

Devemos, portanto, compreender as drogas como um fenômeno social e tratá-lo como uma questão de saúde pública. Considerando que as pessoas experienciam o mundo de maneira singular a partir do modo como se vê no mundo, é necessário compreender o sujeito que faz uso de drogas através de uma multiplicidade de olhares em suas circunstâncias e os diversos cenários de uso (Hart, 2014). Tal fenômeno deve ser compreendido como um processo dinâmico, observando o contexto relacional e a singularidade dos sentidos que cada sujeito assume com/para a experiência. Assumimos aqui o paradigma da Redução de Danos, que considera fundamental não focar apenas na droga, mas considerar a pessoa que usa como um todo, com seus atravessamentos e o contexto em que ela está inserida.

3.2.1 Redução de Danos como alternativa a política proibicionista

A Redução de Danos (RD) pode ser entendida como um modelo ético e um outro jeito de olhar para a questão das drogas, pautada no direito à liberdade de escolha dos sujeitos, em seu protagonismo e autonomia, objetivando reduzir e/ou prevenir as consequências negativas ao uso de drogas, partindo do princípio de que as drogas sempre estarão na sociedade, apresentando caráter lícito ou ilícito em função de aspectos conjunturais de cada contexto

histórico (Fonseca & Bastos, 2005). Assumir essa postura é olhar o outro como alguém que tem o direito de fazer escolhas. Maciel e Vargas (2014) definem a Redução de Danos como uma postura que objetiva mudanças no pensamento social a respeito das drogas, pautando dignidade, respeito e inclusão social as pessoas que fazem uso de drogas.

A partir dos princípios da RD, podemos questionar os reais objetivos da política proibicionista pautada na abstinência, se esta seria uma prática genuinamente interessada em promover a saúde, uma vez que direciona a maior parte de sua atenção para o controle dos comportamentos ao invés de para a promoção de saúde (Reis, Guareschi & Carvalho, 2014) trazem ainda um questionamento importante.

A primeira experiência com redução de danos foi realizada no Reino Unido no ano de 1926 para usuários dependentes de ópio. O Relatório Rolleston, publicado pelo governo da Inglaterra, recomendava médicos a prescreverem morfina e heroína para pessoas que não conseguiam cessar o uso, visando amenizar os efeitos da abstinência. A administração era feita em ambientes controlados e apenas com doses mínimas e necessárias para fins terapêuticos, objetivando minimizar os sintomas danosos e possibilitar uma vida mais estável e produtiva. A administração de pequenas doses de opioides foi encarada como relevante e indispensável (Tisott, 2014; Fonsêca, 2012).

Uma outra experiência é significativa e vale ser pontuada. No início da década de 1980, os Junkiebonds, entidades auto-organizadas de usuários compostas majoritariamente por pessoas que faziam uso de drogas injetáveis, diante do aumento significativo dos casos de HIV e ao perceberem o risco pelo uso compartilhado de seringas, passaram a oferecer serviços de troca de seringas e informações à comunidade-alvo como medida preventiva frente o risco de contaminação por AIDS, hepatite e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). O governo da Holanda, ao perceber o sucesso das medidas, comprovados pela redução dos números de casos de ISTs, passou a levar em conta a RD como estratégia a ser adotada em sistemas de atenção à saúde (Santos, Soares & Campos, 2010).

A partir da implantação da política de RD na Holanda, em 1984, vários países do continente europeu passaram a adotar estas práticas, como a Inglaterra, em 1985. Em seu primeiro momento, a RD focava o controle da epidemia de AIDS que afetava as pessoas que faziam uso de drogas injetáveis. A maior parte dos projetos foi norteadada pela trocas de seringas e pela informação entre os usuários (Fonsêca, 2012).

No Brasil, as primeiras iniciativas de RD datam do final da década de 1980 nas cidades de Santos, Rio de Janeiro e Salvador. Assim como nos países da Europa que adotaram a RD, em 1989 a cidade de Santos estava sendo afetada por um alarmante problema de saúde, a AIDS. A cidade portuária era ponto estratégico para o tráfico de drogas, principalmente das drogas vindas da Europa, e 51% dos casos de AIDS estavam relacionados ao uso compartilhado de seringas (Passos & Souza, 2011).

Porém, a RD só se tornou uma estratégia no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) após o lançamento da Política de Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas (PAIUAD) do Ministério da Saúde em 2003. Essa Política preconiza ações preventivas e de Redução de Danos, bem como a inserção dos princípios de RD nos serviços do SUS, principalmente com os serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e nos serviços de Atenção Básica à saúde - como a Estratégia de Saúde da Família (ESF) e o Consultório na Rua, entre outros (Fonsêca, 2012).

Além do SUS, atualmente está presente direta ou indiretamente em diversos campos. Organizações não governamentais (ONGs) que trabalham com pessoas que usam drogas e pessoas em situação de rua, coletivos auto-organizados que atuam em festas de música eletrônica e em outros tipos de festas (a exemplo do Coletivo BalanCeará³ e do Coletivo CoNectar⁴), no dia a dia das pessoas que usam drogas e em qualquer relação entre pessoas. Mais do que uma técnica, a RD é uma ética do cuidado.

A RD, ao abordar a questão das drogas, é pautada no direito à liberdade de escolha dos sujeitos, em seu protagonismo e autonomia, objetivando reduzir e/ou prevenir as consequências negativas ao uso de drogas, partindo do princípio de que as drogas sempre estarão na sociedade, apresentando caráter lícito ou ilícito em função de aspectos conjunturais de cada contexto histórico (Fonseca & Bastos, 2005).

Assim, a Redução de Danos (RD) confronta o paradigma moral referente ao uso de substâncias e a “Guerra às Drogas” alinhada ao proibicionismo, que considera esse uso como essencialmente problemático, além de posicionar os usuários em um lugar de marginalidade e construir o estereótipo do sujeito que usa drogas como imoral, doente e/ou perigoso(a), o que contribui para que esses grupos criem uma identidade negativa de si, reverberando principalmente nos sujeitos negros, pobres e periféricos. Em alternativa, os princípios da RD estabelecem-na como uma alternativa aos modelos moral, criminal e biomédico de cuidado ao

3 Para mais informações: <https://facebook.com/balanceara/>

4 Para mais informações: <https://www.instagram.com/conectarjp/>

abuso de drogas, se apresentando como um paradigma de olhar as pessoas que usam drogas a partir de uma perspectiva ético-política de pensar cuidado, direito a vida e autonomia, respeitando suas escolhas e oferecendo ferramentas para que elas lidem com estas da melhor forma (Hart, 2014; Petuco & Medeiros, 2009).

A RD pauta uma abordagem “de baixo para cima” na estruturação das políticas públicas sobre drogas e na relação das pessoas que usam drogas, no qual o próprio usuário deve tomar a iniciativa na estruturação de estratégias para cuidar de sua saúde. A promoção da saúde implica o protagonismo dos envolvidos em sua qualidade de vida e saúde, como um contraponto à medicalização da assistência, visando à autonomia e emancipação. Enquanto política pública, a Redução de Danos é considerada uma abordagem horizontal na relação de cuidado, uma vez que, na interação entre o profissional e a pessoa que usa drogas, não existe a premissa de que o primeiro tenha alguma superioridade e saiba mais sobre que o segundo. Para Fernando Savater (2000, p. 287):

Nossa cultura, como todas as outras, conhece, utiliza e procura drogas. É a educação, a inquietude e o projeto vital de cada indivíduo que pode decidir qual droga usar e como fazê-lo. O papel do Estado não pode ser mais que informar da forma mais completa e razoável possível sobre cada um dos produtos, controlar sua elaboração e sua qualidade e ajudar os que desejam ou se virem prejudicados por esta liberdade social.

O posicionamento a favor da regulamentação das drogas e da RD está longe de se confundir com incentivo ao uso, propondo políticas públicas eficazes e transformadoras que lidem de maneira honesta e visando a promoção à saúde em favor de razões éticas e dos direitos humanos (Reis, 2015; Fonseca, 2012; Coelho & Soares, 2014). Em suma, dá-se maior visibilidade ao usuário como sujeito de direitos, colocando-se em discussão a responsabilidade individual e penal, a liberdade de escolha e o autocuidado. A lida com a questão das drogas deve se pautar em uma atuação singular de acordo com o que as próprias pessoas que fazem uso indicam no seu processo de organização subjetiva, propondo uma reflexão das relações do usuário com as substâncias e com a sua vida. É necessário se aproximar dos sujeitos e de seus contextos de vida, não para estabelecer critérios correlacionais, mas para dar espaço para os saberes trazidos pelos usuários e construir a prática junto a eles.

3.3. Cogumelos “mágicos”

Em geral, os cogumelos popularmente chamados de ‘mágicos’ são aqueles cujos princípios ativos são a psilocibina e a psilocina, presente nos fungos em todo o mundo nos gêneros *Psilocybe* (116 espécies), *Gymnopilus* (14 espécies), *Panaeolus* (13 espécies), *Copelandia* (12 espécies), *Hypholoma* (6 espécies), *Pluteus* (6 espécies), *Inocybe* (6 espécies), *Conocybe* (4 espécies), *Panaeolina* (4 espécies), *Gerronema* (2 espécies) e *Agrocybe*, *Mycena* e *Galerina* (1 espécie cada) (Escobar, 2008 apud Schultes, Hofmann & Rätsch, 2001; Guzmán, Allen & Gartz, 2000). Apesar de não serem os únicos fungos com efeitos psicodélicos, os cogumelos citados são os mais populares.

No Brasil, a psilocibina foi encontrada nos cogumelos do gênero *Psilocybe*, *Inocybe*, *Panaeolus* e *Pluteus* (Guzmán et al., 2000; Stijve & Meijer, 1993), sendo reportado a ocorrência de pelo menos 21 espécies pertencentes ao gênero *Psilocybe* em nosso país (Guzmán et al., 2000). O *Psilocybe cubensis* é um dos mais comuns nas regiões tropicais e pode ser encontrado nos pastos brasileiros (Carneiro, 2005). O México é o país que apresenta a maior diversidade de uso (a maioria do tipo ritual) envolvendo diversas espécies, sendo a principal espécie utilizada a *Psilocybe mexicana* (conhecido na região como “*Teonanácatl*” ou “carne dos Deuses”) (Schultes et al., 2001; Guzmán et al., 2000; Grob, 1998; Folange, 1972a, 1972b; Heim, 1972; Wasson, 1963; Schultes, 1963; Singer, 1958).



Figura 2: Cogumelo *Psilocybe cubensis* encontrado em dejetos de vaca (imagens da internet)

Acredita-se que o ritual com cogumelos realizados por povos indígenas no México exista há pelo menos 2.200 a 3000 anos, como demonstra a datação de achados arqueológicos

de esculturas de pedra em forma de cogumelos (Schultes et al., 2001; Folange, 1972a, 1972b; Heim, 1972). Estudo de Berlant (2005) sugere que os cogumelos “mágicos”, provavelmente *Psilocybe cubensis*, tenham sido utilizados ritualmente na história do Egito antigo, informação apresentada no Livro Egípcio dos Mortos. O primeiro registro histórico do consumo do cogumelo *Psilocybe* data de 1502, durante a coroação do imperador Montezuma (Heim, 1972). Há documentação do uso ritualístico dos cogumelos “mágicos” entre os povos Nahuas e Mazatecas, no qual estes fazem parte de ritos de cura e são reconhecidos como “meninos santos”, verdadeiros presentes de Deus. Os ritos, através dos cogumelos, ensinam a causa e a cura das doenças - físicas, mentais e espirituais (Estrada, 1984; Schultes et al., 2001).

Gordon Wasson e Valentina Pavlovna foram os primeiros a estudar o *Psilocybe cubensis*. Ambos eram micologistas amadores e, ao tomarem conhecimento do uso ritualístico de um cogumelo, se interessaram em saber mais sobre. Em 1953, foram ao México em uma expedição de campo no território do povo Mazateca e conheceram a xamã Mazateca Maria Sabina. Em 1955 participaram de um ritual com a xamã pela primeira vez mediante promessa feita para Maria Sabina de que não contaria a ninguém sobre o acontecido, mas na volta de sua viagem publicou um artigo sobre (Allen, 1987; Wasson, 1957).

Gordon Wasson e Roger Heim identificaram o cogumelo psicodélico através de cultura em laboratório e análise detalhada das diferentes espécies de cogumelos do gênero *Psilocybe* e seu uso ritualístico. Após, Wasson e Heim se associam à Sandoz, onde Albert Hofmann faz o estudo das propriedades químicas do cogumelo (Forte, 1997; Heim, 1972). No estudo, foram encontradas duas substâncias, Psilocibina e Psilocina, sendo a primeira a de maior concentração (Hofmann, Heim, Brack & Kobbel, 1958).

A difusão internacional do conhecimento sobre o uso ritual dos cogumelos “mágicos” aconteceu a partir das publicações dos estudos de Gordon Wasson e colaboradores (Brissac, 2008). Foi a partir da divulgação feita por Gordon Wasson que o ritual, antes secreto, passou a receber inúmeros visitantes brancos, principalmente Híppies, adeptos da contracultura, artistas famosos (como John Lennon e Yoko Ono) etc. A popularização da informação de que haviam xamãs indígenas realizando uso ritualístico dos cogumelos “mágicos” levou a um consumo desenfreado e à resignificação do sentido de uso daquele enteógeno. Se não fosse Wasson conheceríamos a psilocibina hoje? Como Wasson e outros pesquisadores e visitantes poderiam ter garantido a preservação daquele saber? As pessoas que tiveram acesso aos rituais durante esse período de passagem do “secreto” para o “popular” colocaram aquele

conhecimento no lugar do “exótico” e não se preocuparam com as consequências de suas ações. Vemos a imposição do saber científico do homem branco sobre o conhecimento tradicional indígena, que contribuiu fortemente para o epistemicídio desse saber (Carneiro, 2005).



Figura 3: (A) Cogumelo de pedra Maya de El Salvador, período formativo em anos de 300 a.C. – 200 d.C. Altura de 33,5 cm. (Retirada de Schultes et al., 2001). (B) Cogumelos de pedra encontrados na Guatemala, datação em anos de 1000 a.C. – 500 d.C.

Wasson (1961, p. 8-12) relata uma de suas experiências:

Tudo o que se vê naquela noite se banha na claridade da origem: a paisagem, as casas, os utensílios de uso diário, os animais, **tudo é calmamente irradiado pela luz primordial**; dir-se-ia que as coisas apenas acabam de serem produzidas pelo criador! Esta novidade total – a aurora da criação – o submerge e o envolve, o dissolve na sua beleza inexplicável [...] **Seu espírito está livre, você vive uma eternidade numa noite, vê o infinito no grão de areia.** O que você vê e escuta grava-se na sua memória, é gravado ali para sempre. Enfim, você conhece o inefável, sabe o que é o êxtase! [...] Uma simples planta abre as portas, libera o inefável, traz o êxtase. Não é a primeira vez na história da humanidade que as formas mais humildes de vida dão a luz ao divino. Por mais desconcertante que seja, a maravilha que anuncia merece ser ouvida pelos homens [grifo nosso].

Depois da sintetização, os laboratórios Sandoz passaram a disponibilizar a substância, assim como o LSD e outros psicodélicos, para as novas frentes de pesquisa que se disseminavam no início dos anos 60, principalmente norteados pelas vanguardas investigativas da Psiquiatria e Neurologia (Hofmann, Frey, Ott, Petrzilka & Troxler, 1958).

Não há dados epidemiológicos na literatura acerca do uso de cogumelos no Brasil (Galduróz, Noto, Nappo & Carlini, 2004; Noto, 1999; Galduróz, Figlie & Carlini, 1994), o que demonstra sua baixa popularidade nos registros policiais - embora haja registros de

apreensão policial para o LSD, proibido desde 1965 nos EUA. A utilização contemporânea de cogumelos, na América do Sul e em diversas localidades do mundo, ocorre em sua maioria de maneira recreacional ou com o intuito de exploração da consciência, devido à facilidade de comércio pela internet, inexistência de legislação reguladora (no caso do Brasil) e pela facilidade de serem encontrados em condições naturais.

Os efeitos induzidos pelo consumo de cogumelos do gênero *Psilocybe* são causados pelos princípios ativos Psilocibina (O-fosforil-4-hidróxi-N,N-dimetiltriptamina - alcalóide do grupo indólico) e Psilocina (4-HO-DMT – presente em menor quantidade, metabólito ativo da Psilocibina resultante da desfosforilação da segunda no organismo) de natureza química análoga ao neurotransmissor serotonina (5-HT ou 5-hidroxitriptamina), que atua regulando o humor, sono, apetite, ritmo cardíaco, temperatura corporal, sensibilidade, emoção, percepção sensorial e importantes funções cognitivas (Shepherd, 1994; Sato, 2011). A absorção das substâncias ocorre entre 15 e 40 minutos, com pico de efeito entre 1 e 3 horas e duração total entre 2 e 8 horas. Os efeitos englobam sensações de empatia, conexão com o Todo, alterações nas percepções visuais e noção de espaço, sinestesia, entre outros (Escobar, 2008).

A ação fisiológica da psilocibina em humanos acontece quando estas se ligam aos receptores de serotonina, o que promove maior absorção de serotonina na fenda sináptica, sendo o receptor 5-HT-2A o de maior afinidade. Esses receptores se encontram distribuídos pelo sistema nervoso central, porém apresentam maior concentração no córtex pré-frontal, cuja área está envolvida com a regulação do humor, cognição e percepção. A concentração média de psilocibina nos cogumelos “mágicos” é de 1% da massa total, podendo variar para mais ou para menos dependendo da espécie.

Não existem relatos ou estudos científicos em que a psilocibina ou a psilocina causaram dependência. Entretanto o uso dessas substâncias em pequenos intervalos geram tolerância, fazendo com que seja necessário uma quantidade maior para obter efeitos semelhantes. Estudos identificaram tolerância cruzada entre LSD, Mescalina e Psilocibina e recomendam um intervalo médio de 15 (quinze) dias entre as experiências com alguma destas para amenizar/evitar a tolerância (Moreno et al., 2006; Isbell, Wolbach, Wikler & Miner, 1961). A toxicidade da psilocibina, como de outros psicodélicos, é baixa, sendo a dose letal 280mg/kg. Tem uma taxa de segurança muito alta e perfil de risco muito baixo, mesmo em ambientes não supervisionados (Gable, 2004; Nutt et al., 2010; Tylš, Páleníček & Horáček, 2014; van Amsterdam, Opperhuizen, & van den Brink, 2011). Para uma pessoa morrer pelo

uso de cogumelos é necessário ingerir aproximadamente 1,7kg de cogumelos secos ou 17kg de cogumelos frescos (Rodrigues, 2019).

Em relação à dosagem de uso, optamos por não apresentar uma tabela indicativa, uma vez que as informações na literatura acerca desse ponto divergem substancialmente (Griffiths, Richards, McCann & Jesse, 2006; Stafford, 1992; Stamets, 1978). Precisamos ter o cuidado para não adotar uma postura reducionista e simplista dos efeitos dos cogumelos “mágicos” e outros psicodélicos. Um olhar ampliado multifatorial sobre a tríade efeitos fisiológicos da substância, sujeito e contexto (campo) se mostra como mais potente para a compreensão do fenômeno. Fóruns online, como o “DMT Nexus” e “Erowid”⁵, apresentam tabelas que caracterizam as dosagens em “limiar”, “luz”/“fraca”, “comum”, “forte” e “pesado”/“dose heróica”.

A natureza das substâncias Psilocibina e Psilocina (substância resultante da oxidação da psilocibina) está descrita na lista F (que trata das substâncias de uso proscrito no Brasil) do anexo I da Portaria SVS/MS nº. 344 (Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial):

23. Psilocibina (Fosfato Dihidrogenado de 3-[2- (Dimetilaminoetil)] INDOL-4-ILO);
 24. Psilocina (3-[2-(Dimetilamino)etil] INDOL-4-OL). 1. ficam também sob controle, todos os sais e isômeros das substâncias enumeradas acima (Brasil, 1988).

Portanto, a substância é proibida. Entretanto, na parte específica da portaria sobre os seres vivos proibidos, além de não haver a referência a “fungo” (classe diferente de plantas), no que diz respeito a psilocibina, nem mesmo o gênero *Psilocybe* é citado:

- Lista – E – Lista de plantas que podem originar substâncias entorpecentes e/ou psicotrópicas: 1. *Cannabis sativum*. 2. *Claviceps paspali*. 3. *Datura suaveolans*. 4. *Erythroxylum coca*. 5. *Lophophora williamsii* (cacto Peyote). 6. *Prestonia amazonica* (*Haemadictyon amazonicum*) ADENDO: 1) ficam também sob controle, todos os sais e isômeros das substâncias obtidas a partir das plantas elencadas acima. (Brasil, 1988).

Pela atual legislação, os cogumelos in natura podem – a depender da interpretação do juiz – serem considerados legais, já que neles a substância não está extraída, e na lista de plantas proscritas não consta o gênero *Psilocybe*. Entretanto, perante a lei, o chá de cogumelos, por exemplo, pode ser interpretado como uma forma de extração simples. Da mesma forma, desidratar os cogumelos frescos pode ser considerado uma forma de extração,

5 Fórum online organizado por usuários de psicodélicos, onde estes compartilham relatos de experiência e informações para uso seguro. Endereços eletrônicos: <https://www.dmt-nexus.me> e <https://erowid.org/>.

pois a massa do cogumelo diminui consideravelmente (aproximadamente 90%) e grande parcela do material resultante é de psilocibina (que tem pequenas perdas durante o processo). Esporos e micélios, que geram os cogumelos, por sua vez, não contém psilocibina. O cultivo de cogumelos que contém psilocibina pode ser considerado fabricação de drogas na maioria das jurisdições, embora alguns países tenham decidido que o cultivo de cogumelos “mágicos” não se qualifica como "fabricação" de uma substância controlada.

O controle nacional é influenciado pelo controle internacional, mais precisamente em três convenções da ONU (Organização das Nações Unidas) – das quais o Brasil é signatário: Convenção Única de Entorpecentes, de 1961; Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971; e Convenção das Nações Unidas Contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas, de 1988. O status legal da Psilocibina varia em todo o mundo. A legislação sobre o uso, posse, venda e cultivo dos cogumelos em si (frescos ou desidratados) também varia. Psilocibina e Psilocina são listadas como drogas de Classe I (substâncias consideradas como tendo um elevado potencial de abuso e não reconhecidas para uso médico) no documento construído pela ONU em 1971 na Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas.

Percebemos uma grande ambiguidade sobre o estatuto jurídico dos cogumelos, uma vez que a Psilocibina e Psilocina são considerados ilegais como substâncias, mas os cogumelos em si não são mencionados. Os aspectos jurídicos podem variar de acordo com as leis nacionais de cada país. No Brasil, não há jurisprudências legais disponíveis sobre o tema, nem registros de pessoas sendo presas especificamente pelo uso, posse ou cultivo. Eles são vendidos principalmente através da internet em sites especializados.

Alguns pesquisadores acreditam que a psilocibina abre uma porta para o inconsciente, permitindo que o mundo consciente seja encarado a partir de uma outra perspectiva: as cores se destacam, detalhes dos objetos passam a ter maior atenção e padrões geométricos coloridos são percebidos (Ferraz & Azevedo, 2010). O efeito pode gerar desorientação, reações paranóicas, incapacidade para distinguir entre fantasia e realidade, pânico e depressão (Schultes et al., 2001), sendo considerados fisiologicamente seguros e não produzindo dependência ou vício (Nichols, 2004; Schreiber, Brocco, Audinot, Gobert, Veiga & Millan, 1995; Peroutka, 1994; McKenna & Peroutka, 1989; Osmond, 1972).

Através de exame de ressonância magnética (iRMF), foi possível perceber que a atividade diminui em regiões centrais do cérebro, como por exemplo o córtex pré-frontal medial (mPFC), conhecido por ser hiperativo em pacientes com depressão e o córtex

cingulado posterior (PCC), que tem um papel na consciência e auto-identidade (Carhart-Harris, Erritzoe, Williams, Stone, Reed, Colasanti et al. 2012). Os pesquisadores observaram também o aumento da atividade cerebral (Petri et al., 2014). Uma experiência com psilocibina pode causar alterações neurológicas que duram mais de um ano. Essas mudanças resultaram em uma personalidade mais aberta para atividades criativas e mais feliz, mesmo depois de 14 meses depois da experiência (Petri et al., 2014).

Segundo Spitzer, et al. (1996), a experiência subjetiva com cogumelos “mágicos” pode se refletir como um aumento da criatividade bem como de ampliação do funcionamento da consciência, no entanto, ocorrendo um decréscimo paralelo no desempenho em medidas objetivas. É sugerido pelos pesquisadores que as substâncias psicodélicas podem de fato ampliar a consciência tornando associações mentais remotas mais acessíveis (Salomé et al., 2001; Baggot, 1996; Spitzer et al., 1996). Assim, aceitando a evidência de um aumento da atividade neural sob os estados de consciência induzidos pelo consumo da psilocibina, passaremos a nos referir a estes como um estado ampliado de consciência. Alguns pesquisadores consideram os sintomas “psicóticos” e outros estados conscientes “nao-normais” (por exemplo - devaneios, *déjà vu*, estados de êxtase) como partes do funcionamento normal e potencial da mente e da consciência. Isto é, Estados Alternativos de Consciência (EAC) seriam estados possíveis e constitutivos da mente, acessados ou habilitados por diferentes vias e motivos, e que permitem uma evolução no estabelecimento e manutenção da consciência e da personalidade dos indivíduos (Labate, 2004; Wilber, 2000; Grof, 2000; Grof, 1987; Jung, 1985).

3.3.1. Pesquisa com cogumelos “mágicos” (psilocibina)

A ciência passou a se interessar pelos cogumelos no início do século XX, quando o geógrafo alemão Carl Sapper descreveu, em 1898, esculturas de pedra com formas de cogumelos, que foram por ele interpretadas, à época, como representações fálicas. Mais tarde foi esclarecido que se tratavam de cogumelos que há muito eram utilizados em rituais mágicos (possivelmente a espécie *Psilocybe mexicana*). A maioria dos estudos com esses tipos de cogumelos aprofundou o entendimento de suas relações etnomicológicas e taxonômicas, enquanto poucos estudos exploratórios em relação aos efeitos psíquicos e orgânicos foram desenvolvidos, devido provavelmente ao foco da ciência às investigações

nessa área com o LSD, descoberto em 1943 (Nichols, 2004; Grof, 1987, 1980; Hollister, 1961; Isbell, 1959; Singer, 1958).

Na época, alguns estudos tiveram conclusões importantes, a exemplo: Delay, Pichot e Nicolas-Charles (1959) concluíram que o acesso ao material esquecido e a liberação de inibições (ab-reação emocional), atribuído ao uso de psilocibina, poderia ter grande valor terapêutico e interesse para a psicologia e psiquiatria; Quéting (1960) coloca que a substância pode ser de grande interesse para o diagnóstico e também para a psicoterapia. Com as pesquisas, podemos observar uma eficácia no tratamento dos distúrbios psicóticos, tratamento de desordens de personalidade e psicoterapia auxiliada pelo uso do químico.

No final dos anos 60 e início dos anos 70 tem início a política de Guerra às Drogas promovida pelo governo Nixon. Resulta na proibição das pesquisas e início da fase “obscura” da pesquisa psicodélica devido ao moralismo científico, ideia que é adotada pela maioria dos países. Na década de 90 os psicodélicos têm retorno à pesquisa científica, principalmente devido aos esforços do Dr. Rick Strassman, da Universidade do Novo México, nos EUA, e do Dr. Franz Vollenweider, da Universidade Psiquiátrica Hospital Zürich, na Suíça (Schultes et al., 2001).

Já no século XXI, as pesquisas na área continuam, ainda que a passos lentos. A grande maioria parte da neurociência para explicar os efeitos da substância e justificar os benefícios da mesma. Moreno et al. (2006), concluíram em seu estudo que a psilocibina provocou reações agudas nos sintomas básicos do Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) e melhora nos quadros diagnosticados por pelo menos 24 horas após a experiência. Sewell, Halpern e Pope (2006) observaram que a psilocibina, quando consumida aos primeiros sintomas, inibiu crises de cefaleia e alguns sujeitos relataram não ter tido crise por até dois meses após a experiência. Carhart-Harris, Roseman, Bolstridge, Demetriou, Pannekoek, Wall e Nutt (2017) encontraram evidências clínicas que demonstram benefícios no uso de psilocibina para o tratamento de depressão crônica em pacientes resistentes a outros tipos de tratamento. Johnson, Garcia-Romeu e Griffiths (2016) sugerem que, no contexto de um programa de tratamento estruturado, a psilocibina pode ajudar a parar de fumar. O estudo de Grob, Danforth, Chopra, Hagerty, McKay, Halberstadt e Greer (2010) que procurava a redução do estresse e dor, obteve resultados animadores no aumento da qualidade de vida e melhora do humor e ansiedade dos pacientes com estado avançado de câncer que fizeram uso de psilocibina e os dados revelaram um aspecto promissor na utilização terapêutica da

substância, estabelecendo a viabilidade e segurança da administração de doses moderadas para pacientes.

Griffiths et al. (2006) realizaram um estudo rigoroso com psilocibina de modo a acessar os efeitos psicológicos agudos e em longo prazo em trinta indivíduos que nunca utilizaram alucinógenos e participantes regulares de religiões e atividades espirituais. O estudo mostrou que a psilocibina foi capaz de ocasionar experiências que são marcadamente similares às experiências místicas clássicas, classificadas pelos voluntários como tendo um sentido pessoal substancial e significância espiritual. Constatou ainda que as modificações sofridas no humor, afeto e cognição dos sujeitos, após a experiência com a psilocibina, são típicas desta substância e produzem uma série de grandes alterações na percepção, na percepção subjetiva e no humor lábil. Foi observado também, a longo prazo, elevações nos índices de atitudes positivas, bom humor, sociabilidade e comportamentos assertivos. Os efeitos positivos se mostraram duradouros como demonstram acessos feitos 2 meses após a experiência e acessos feitos a partir de observadores comunitários contatados para observar mudanças de atitude e comportamento dos voluntários. A experiência foi classificada pelos sujeitos como estando entre as cinco experiências mais significativas de sua vida, considerando-a como possuidora de substancial sentido pessoal e significado espiritual.

Uma experiência com psilocibina pode causar alterações neurológicas que duram mais de um ano, como demonstra estudo de Petri et al. (2014). Essas mudanças resultaram em uma personalidade mais aberta para atividades criativas e mais feliz, mesmo depois de 14 meses depois da experiência. Pesquisas sugerem que a ingestão de psilocibina e psicodélicos similares podem facilitar os sujeitos a experienciar um estado de consciência que podem levá-los à insights e à resolução de profundas questões existenciais e espirituais, durante ou mesmo após a experiência (Moreno et al., 2006; Wiegand, 2003; Salomé et al., 2001; Baggot, 1996-97; Spitzer et al., 1996).

Outros estudos com psilocibina ocasionando experiências místicas já foram desenvolvidos no passado, indicando a possibilidade de induzirem tal experiência (Osmond, 1972; Pahnke, 1971; Pahnke, 1969; Leary, 1966; Leary, Alpert & Metzner, 1964). O Experimento da Capela de Marsh foi um dos estudos mais significativos sobre o tema. Na década de 60, o trabalho foi conduzido pelo Dr. Walter Pahnke, sob orientação do Dr. Timothy Leary, com o objetivo de investigar a potencialidade da psilocibina como catalisadora de experiências místicas em indivíduos com inclinação religiosa. Os pesquisadores tiveram como

participantes vinte estudantes da Faculdade de Estudos Religiosos de Harvard, que foram aleatoriamente divididos em dois grupos. Em um experimento duplo-cego, metade dos estudantes recebeu 30mg de psilocibina, enquanto um grupo controle recebeu uma dose de niacina. Os participantes relataram uma série de experiências de caráter místico que produziram mudanças positivas e duradouras na personalidade dos participantes (Pahnke, 1963). Um estudo conduzido por Doblin (1991) demonstra que os participantes do experimento realizado apresentam resultados positivos mesmo acessados 25 anos após o experimento.

A *Food and Drug Administration* (FDA)⁶ designou como “terapia inovadora”⁷ e aprovou a realização de ensaios de Fase 3⁸, em 2017, o uso do MDMA para Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) a partir de pesquisa da MAPS (MAPS, 2017). Em 2018, o uso de psilocibina para o tratamento de Depressão Resistente a Tratamento (DRT) em pesquisa realizada pela Compass Pathways, também foi designado como “terapia inovadora” (COMPASS Pathways, 2018). Em 2019, a partir da pesquisa do Instituto Usona - um grupo de pesquisa médica sem fins lucrativos dedicado à "compreensão dos efeitos terapêuticos da psilocibina e de outros medicamentos que expandem a consciência" – o uso de psilocibina para tratamento de DRT também foi reconhecida como “terapia inovadora” pelo FDA (National Institute of Health, 2019). O Usona lançou no mesmo ano um ensaio clínico de Fase 2⁹ para dar continuidade à pesquisa e à comprovação das possibilidades terapêuticas da psilocibina. Ainda no mesmo ano, a pesquisa sobre o uso de um spray nasal contendo Cetamina para o tratamento da DRT (UOL, 2019)

6 Agência federal do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, com função equivalente à ANVISA no Brasil.

7 A designação de terapia inovadora é um processo projetado para acelerar o desenvolvimento e a revisão de medicamentos destinados a tratar uma condição séria e evidências clínicas preliminares indicam que o medicamento pode demonstrar uma melhora substancial em relação à terapia disponível em um resultado clinicamente significativo (FDA, 2018).

8 Os estudos de fase III envolvem testes randomizados e cegos em várias centenas a vários milhares de pacientes. Esse teste em larga escala, que pode durar vários anos, fornece à empresa farmacêutica e ao FDA uma compreensão mais completa da eficácia do medicamento ou dispositivo, dos benefícios e da variedade de possíveis reações adversas. 70% a 90% dos medicamentos que entram nos estudos da Fase III concluem com êxito esta fase do teste. Uma vez concluída a Fase III, uma empresa farmacêutica pode solicitar a aprovação do FDA para a comercialização do medicamento (Center Watch, 2020, tradução nossa).

9 Os estudos de fase II testam a eficácia de um medicamento ou dispositivo. Essa segunda fase do teste pode durar de vários meses a dois anos e envolve até várias centenas de pacientes. A maioria dos estudos de fase II são ensaios randomizados, nos quais um grupo de pacientes recebe o medicamento experimental, enquanto um segundo grupo de "controle" recebe um tratamento padrão ou placebo. Muitas vezes, esses estudos são "cegos", o que significa que nem os pacientes nem os pesquisadores sabem quem recebeu o medicamento experimental (Center Watch, 2020, tradução nossa).

Além das pesquisas apresentadas, um grande número de pessoas “independentes” e grupos organizados estão fazendo uso da psilocibina, e relatam inúmeros benefícios terapêuticos incluindo ressignificação de perspectiva do ser-no-mundo e redução de ansiedade e depressão (Moraes, 2018). Centros de terapia psicodélica estão crescendo em regiões onde a substância é descriminalizada/legalizada, a exemplo do *Synthesis*, localizado em Amsterdã, definido como “um centro legalizado de retiro de psilocibina, supervisionado por médicos, para que os profissionais experimentem crescimento pessoal, avanços emocionais e desenvolvimento espiritual” (tradução nossa, texto disponível em: <https://synthesisretreat.com/>). Além dele, o Retiro Atman (<https://atmanretreat.com/>) e o Retiro The Buena Vida (<https://www.thebuenavida.net>) são outros locais onde os participantes podem participar de terapias psicodélicas com psilocibina.

Segundo os idealizadores dos centros, lá os participantes estarão imersos em um ambiente de apoio e conforto, com guias especializados no acompanhamento de experiências com substâncias psicodélicas. A experiência vivenciada num contexto seguro, com orientações ao participante e com condições adequadas para a discussão e integração da experiência psicodélica facilitam os benefícios terapêuticos e a compreensão dos *insights* experienciados (Leary, 1963).

As substâncias psicodélicas, como a psilocibina e a Ayahuasca, tem se mostrado como importantes aliadas em promover associações mentais remotas e/ou acessos às experiências não assimiladas, que permitem os sujeitos a refletirem sobre questões pessoais podendo levar às suas resoluções ou maior conscientização do problema suscitando em mudanças de perspectiva, como sugerem abordagens psicoterapêuticas com tais substâncias (Anderson, 2006; Moreno et al., 2006; Grof, 1987, 1980).

Atualmente, diversas instituições estão desenvolvendo trabalhos sobre o tema: Universidade Johns Hopkins (<https://www.jhu.edu/>); King’s College London (<https://www.kcl.ac.uk>); The Beckley/Imperial Psychedelic Research Programme (<https://beckleyfoundation.org>); Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies -MAPS (www.maps.org) entre outras. No Brasil, o Instituto Plantando Consciência (<https://www.medicinapsicodelica.org.br/>), o Instituto do Cérebro da UFRN – Ice (<https://neuro.ufrn.br/>) e o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos – NEIP (<https://neip.info/>) estão na vanguarda e atualmente realizam pesquisas com psicodélicos.

3.4. Gestalt-terapia e psicodélicos

A Gestalt-terapia teve e tem influência de várias correntes. As principais influências são o existencialismo, o humanismo e a fenomenologia. Para a abordagem, “o homem é todo ele um ser de relação com. Imerso no universo, tudo diz respeito a ele e com tudo ele se encontra em relação, consciente ou inconsciente” (Ribeiro, 2011). Para Ribeiro (1985), no humanismo o homem é considerado o centro do mundo e da existência. Os valores humanistas abarcam a consideração dos direitos humanos, dignidade individual e liberdade individual, somados à crença positiva sobre as potencialidades do homem, sendo este possuidor de um imenso potencial criador e capaz de se autorregular a partir de suas necessidades. O existencialismo conceitua o homem como um ser particular em constante (re) construção, sendo definido pelo seu fazer; este, responsável por sua existência, se depara com a angústia frente as escolhas em sua vida, uma vez que, ao escolher, precisa renunciar a muitas possibilidades (Sartre, 2012). Ainda, traz para a Gestalt-Terapia os questionamentos sobre a existência humana, existência essa cheia de incógnitas.

Com a fenomenologia, a Gestalt-Terapia propõe o entendimento dos fenômenos. A palavra Fenômeno, do grego, significa manifestar-se, aparecer. Pode ser definido como aquilo que aparece ou a aparência da coisa. Esse olhar para o fenômeno busca captar a essência das coisas (Husserl, 1950), a partir da descrição da experiência assim como ela acontece e se processa para o sujeito. Para tal, é necessário uma visão sem a priori e sem generalizações, pois o homem – por sua singularidade e consciência intencional – torna cada experiência única e permite a compreensão da percepção em um contexto, pois o que ocorre em parte do organismo, afeta o todo. Consciência aqui compreendida como consciência de algo, intencionalmente voltada para um objeto. Entretanto, não basta só a intencionalidade, pois a ação do homem perpassa sua vontade e liberdade, sendo este responsável por suas decisões. Segundo Forghieri (1997), o ser humano dispõe de possibilidades, em sua existência, para escolher suas relações com o mundo.

A Gestalt-Terapia pensa o homem como um organismo unificado, no qual o todo é muito mais do que a soma das partes, na qual as ‘partes’ são capazes de afetar o todo, assim como o ‘todo’ afeta as partes (Ribeiro, 1985). Sobre essa **visão holística**, Bessa (apud Moreira, 2015, p. 25) complementa:

Descrever a concepção holística do homem, é perceber o ser humano enquanto unidade indivisível e compreendido a partir da interação das partes que o compõem.

Percebendo-o de uma forma plural e multifatorial, incorporando a influência do ambiente e a importância da subjetividade [...]

Para a abordagem, o momento presente é a única realidade possível. Nesse caso, coloca-se que o passado e o futuro tem importância diminuída na experiência presente (Ribeiro, 2011; Perls, 1981). Para Marx e Hillix (1978, p. 290): “A experiência presente só é explicável na base de suas relações com o estado presente do campo fisiológico”, campo este entendido não só como o corpo, mas também a realidade onde o corpo se encontra.

Com a concepção de que somos afetados pelo mundo e o afetamos igualmente, pensamos uma perspectiva ampliada de **campo**, baseada na Teoria de Campo de Kurt Lewin. Falamos aqui de um campo perceptual, um campo “fenomenológico”, percebido pelo sujeito a partir de sua relação com o mundo. Assim, a pessoa é vista como um todo na sua relação dentro-fora com o ambiente. Para Yontef (1993, p. 297), o campo é “uma totalidade de forças que se influenciam mutuamente e juntas forma um todo unificado interativo”.

O aqui e agora, o presente, é o nosso foco, pois todas as nossas emoções e sentimentos, embora tenham sido vivenciados no passado, podem ser recuperados e (re) experienciados no presente. Sobre o assunto, Bessa (2012, p. 214) comenta: “Viver o aqui-agora significa buscar uma presentificação, ou seja, trazer a atenção e a intenção ao que acontece no momento presente”.

Apresentar alguns conceitos-chaves da teoria é essencial para melhor compreensão da visão de homem que propomos nesse trabalho. A crença na capacidade do homem de se auto gerir a partir de suas necessidades é chamada de **autorregulação organísmica** (Perls, Hefferline & Goodman - PHG, 1997). Essa força direciona o indivíduo em direção à maturidade e à independência, visando o equilíbrio do organismo que o mantenha em harmonia com o ambiente. Esse processo é chamado de homeostase. Para a Gestalt-Terapia, enquanto as necessidades de um indivíduo não forem atendidas (gestaltens fechadas), elas perturbam o equilíbrio deste e o processo de homeostase precisa acontecer com maior intensidade.

Quando estamos conscientes de nossas necessidades e buscamos atendê-las, a homeostase se estabelece (Perls, 1981). Para tal, é necessário que o indivíduo seja capaz de manipular a si e ao seu meio. Essas necessidades são estabelecidas a partir de uma hierarquia de dominância, onde a necessidade mais urgente é vista como figura (que se destaca) em relação a um fundo (que engloba o contexto e a subjetividade do sujeito). Quando esta é

satisfeita, volta a se tornar fundo e uma nova necessidade dominante se estabelece (Perls, 1981). Nesse processo, quando a necessidade é genuinamente satisfeita, a percepção da realidade do sujeito se modifica.

O **ajustamento criativo/criador** é o processo no qual o organismo faz contato com o meio em busca de sua autorregulação. Não se trata de se adequar ao meio, mas sim criar formas de transformar o ambiente; e enquanto transforma, ser transformado pelo ambiente. O ajustamento criador implica criatividade do organismo, através da qual este pode (se necessário) renunciar a suas crenças obsoletas numa postura fluida diante da vida. É através do ajustamento criador que o organismo busca satisfazer suas necessidades e crescer, operando no meio ativa e responsavelmente (PHG, 1997; Malaguth, 2007). Se ajustar criativamente é estar aberto às possibilidades do campo organismo-ambiente.

No diálogo fenomenológico com o aqui e agora, o conceito de **awareness** é fundamental para o experienciar do sujeito no mundo. Segundo Yontef (1998), é uma forma de experienciar e se caracteriza como a consciência de si e a consciência do que está vivenciando. Ginger (1995, p. 254) caracteriza a awareness como “a tomada de consciência global no momento presente, a atenção ao conjunto da percepção pessoal, corporal e emocional, interior e ambiental”. É o voltar-se completamente para a experiência, tendo consciência do fenômeno dentro e fora de si. A awareness se dá no contato, a partir da percepção, em forma de excitação.

O foco da Gestalt-Terapia é a relação, esta que acontece através do **contato** do self com o meio externo. Podemos considerar o **self** “como a função de contatar o presente transiente concreto” (PHG, 1997, p. 177). O self é considerado como o sistema complexo de contato presente e o agente de crescimento do organismo. O self não existe por si só, mas se constitui na relação com o outro, se constrói e desenvolve na medida que estabelece contatos com o meio, e em um funcionamento saudável tende a se adaptar às necessidades e circunstâncias, privilegiando as potencialidades inatas do ser humano.

É através do ajustamento criador que o self contata o meio externo e realiza sua autorregulação. “O self, o sistema de contatos, integra sempre funções perceptivo-proprioceptivas, funções motor-musculares e necessidades orgânicas. É consciente e orienta, agride e manipula, e sente emocionalmente a adequação entre ambiente e organismo” (PHG, 1997, p. 179). Na relação com o campo, o self pode atuar manipulando o ambiente para escolher ou rejeitar os estímulos e possibilidades que melhor se adequem a ele. Em situações

de contato, o self é o processo de figura e fundo. É através do self, na fronteira entre o “self” e o contato, que ocorrem as trocas com o mundo, visando se ajustar criativamente e crescer (Bessa, 2012).

O **contato**, experienciado através do self, é o momento no qual cada pessoa tem a chance de encontrar o mundo externo. “Basicamente, o contato é a consciência ‘de’ e o comportamento ‘para’ com as novidades assimiláveis, e a rejeição das novidades não assimiláveis. O que é difuso, sempre igual, ou indiferente, não é um objeto de contato” (PHG, 1997, p. 113). Através do contato com o desconhecido, ocorre o processo de mudança de figura, em que a necessidade satisfeita sai do foco (tornando-se fundo) para que outra surja, na busca da autorregulação orgânica. Para Ribeiro (1997, p. 13), “Contato é uma palavra mágica, é sinônimo de encontro pleno, de mudança, de vida. É convite ao encontro, ao entregar-se”.

Esse ciclo do contato tem começo, meio e fim, porém podem haver bloqueios de contato que impedem o fechamento dessa gestalt, gerando ansiedade no indivíduo. Podemos categorizar, de forma didática, o contato em quatro etapas: pré-contato, contato, contato final e pós-contato. Cada momento do ciclo é visto como um passo em direção à satisfação da necessidade dominante, visando a homeostase. O objetivo principal é a ampliação da *awareness*. Na experiência, há a possibilidade do encontro e assimilação de uma diferença, que implica em se arriscar diante do novo, do desconhecido.

A abordagem proibicionista define a norma de uma suposta sobriedade a ser seguida por todas as pessoas, o que não é condizente com as concepções ideológicas da abordagem, uma vez que esta faz críticas aos sistemas que trabalham com funções normativas da existência (Belmino, 2014). Para a teoria, o uso de psicodélicos (e o uso de drogas como um todo) pode assumir diversos significados. Uma leitura fenomenológica existencialista do uso de psicodélicos dialoga com os conceitos da abordagem (Sodelli, 2010), uma vez que propõe outras formas de entendimento do fenômeno além dos paradigmas moralistas e normativos estabelecidos pela abordagem proibicionista.

A Clínica das Banalidades, construída a partir de uma leitura fenomenológica e pragmática da realidade, pontua que há um conflito entre o Self (com seus desejos e vontades próprias) e a dominação biopolítica do Outro Social. Nesse confronto, o sujeito busca formas de não abrir mão dos seus desejos, construindo novas possibilidades ao produzir algo inédito na relação (*clinamen*) (Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2012). O uso de drogas pode

ser entendido como uma forma de ajustamento criador frente ao Outro Social, resistindo aos projetos de normatização deste. O algo novo, o *clinamen*, deve surgir revitalizando a capacidade de enfrentamento dos sujeitos à agressão do outro social para colocá-lo numa postura ativa. A angústia, inerente à existência, pode ser momentaneamente aliviada pelos efeitos das substâncias.

As principais referências na criação da Gestalt-Terapia (o Grupo dos 7 - Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Paul Weisz, Elliot Shapiro, Sylvester Eastman e Isadore Fromm) nunca trabalharam especificamente o tema das substâncias psicoativas. Apesar disso, há registros das relações de Fritz Perls e Paul Goodman com a Contra-cultura e o Movimento Hippie, movimentos culturais que faziam uso de psicodélicos abertamente. Será se alguém do Grupo dos 7 fez uso dos psicodélicos ou realizou pesquisas que não foram divulgadas? Não poderemos responder essa questão no presente trabalho, mas fica o questionamento para pesquisas futuras. Claudio Naranjo (2001), discípulo de Perls, foi um dos primeiros a pesquisar os efeitos das plantas alucinógenas e dos psicodélicos na psicoterapia a partir da Gestalt-Terapia e participou da organização do primeiro grupo de terapia psicodélica na abordagem.

Ao longo de sua trajetória, Naranjo observou os potenciais terapêuticos do LSD, MDMA, MDA e de outras substâncias, categorizando-as em “estimuladores de sentimentos” e os “estimuladores de fantasia” (traduções nossas), e considerou que os aspectos terapêuticos das experiências psicodélicas têm um impacto mais significativo na avaliação pessoal do que as experiências espirituais (Naranjo, 2001). Claudio Naranjo foi pioneiro nas pesquisas clínicas com harmalina, ibogaína e farmahuasca (preparado de estrutura química análoga a da ayahuasca, contendo uma combinação de DMT e iMAO) (Grinspoon & Bakalar, 1979). Para ele “o processo terapêutico, que envolve a limpeza da psique das impressões disfuncionais da infância e a recuperação da capacidade de amar, abre as pessoas de maneira mais estável e as aproxima da profundidade de seu potencial espiritual” (Naranjo, 2001, p. 210, tradução nossa). Naranjo considerava que os “estimuladores de sentimentos” (com foco no MDA e MDMA) teriam grande potencial terapêutico pois estimulavam a empatia. Além disso, Naranjo observou que o MDMA (apelidado de “o eterno agora”) proporciona uma maior conscientização do presente, agindo como um intensificador da terapia (catalisador terapêutico).

Com a expressão “estimuladores de sentimentos”, eu queria transmitir que seus efeitos primários estavam na esfera emocional e que esses efeitos não eram os de um simples estimulante. Uma faceta desse aprimoramento parecia aumentar a consciência do sentimento, e outra era uma inclinação aprimorada para expressar sentimentos, mas isso não era tudo. Hoje, eu chamaria isso de “otimizador de sentimentos” para o sentimento ideal, que é o amor. (...) Os estimuladores de sentimentos têm a ver com o mundo do relacionamento e com o aprimoramento do senso de “eu” e do senso de “você” (que são interdependentes). São notáveis pela maior abertura que suscitam e pela capacidade que engendram para se comunicar melhor em relação aos problemas de relacionamento (Naranjo, p. 210, tradução nossa)

A substância por si só pode não trazer melhoras terapêuticas, mas o trabalho terapêutico junto a um psicólogo/facilitador da experiência pode fazer uma grande diferença na vida daquela pessoa. Para os benefícios, é salutar considerar a atitude com a qual o sujeito embarca na experiência.

Partindo da Gestalt-Terapia, que entende o homem enquanto ser-no-mundo, ser que vive em e na relação, o uso de cogumelos “mágicos” pode ser entendido como uma forma de se relacionar consigo e com os outros – assumindo uma função e sentido construído por cada sujeito a partir de sua relação – se ajustando criativamente frente aos desafios de estar no mundo.

4. Metodologia

Toda pesquisa possui uma intencionalidade, de acordo com o contexto histórico-sociológico onde ela se faz; o que significa dizer que o seu conteúdo está relacionado a um conjunto de valores, ideologia, concepções de homem e de mundo que constituem esse contexto, assim como o pesquisador, que não é imparcial. Trata-se de pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo, descritiva de corte transversal. A pesquisa qualitativa é uma atividade de reflexão, que ao procurar o sentido, o significado e as relevâncias dos achados, “tem como objetivo observar e interpretar a realidade estudada, por meio de procedimentos metodológicos diversificados, buscando explicações alternativas, que possam gerar comparabilidade e, portanto, sem a pretensão de estabelecer leis gerais ou previsões” (Pádua, p. 130, 2016). Assim, se utiliza do método dialético e se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais, ou seja, na investigação qualitativa leva-se em consideração as motivações, as crenças, os valores e as representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais (Oliveira, 2008).

A pesquisa quantitativa se apoia essencialmente em dados estatísticos. Segundo Kerlinger (1980, p. 170-171) “os levantamentos descritivos procuram determinar a incidência e distribuição das características e opiniões de populações de pessoas obtendo e estudando as características e opiniões de amostras pequenas e presumivelmente representativas de tais populações”.

Por haver limitações tanto na pesquisa qualitativa como na pesquisa quantitativa, optamos por escolher ambas para enriquecer a possibilidade de compreensão do fenômeno. A escolha pela utilização conjunta se deu pois “(...) permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente” (Fonseca, 2002, p. 20). Souza e Gomes (2003) sugerem a eficácia desse tipo de pesquisa, no qual os dados quantitativos e qualitativos se complementam para a reflexão do fenômeno.

Para a compreensão das experiências, utilizamos do estudo das narrativas. A narrativa se constitui como uma técnica da pesquisa fenomenológica, buscando, através da exposição existencial do vivido, apresentar os significados e sentido da experiência para o narrador (Dutra, 2002). Essa perspectiva enfatiza a dimensão existencial do humano e os significados vivenciados pelo indivíduo no seu estar-no-mundo, objetivando compreender as experiências a partir do(s) sujeito(s) que a vivenciou. Para tal, utiliza-se do método fenomenológico, que é um paradigma que propõe reflexões com a finalidade de conhecer e compreender o fenômeno

a partir do seu contexto. Para Rigotto e Gomes (2002), a compreensão fenomenológica permite que os indivíduos constituam e ofereçam sentido à sua experiência. Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador.

A relação estabelecida nessa técnica de pesquisa situa-se muito mais próxima de uma relação de intersubjetividades, própria do existir humano, e não objetiva o distanciamento do pesquisador, que apenas observa o sujeito de forma neutra, objetivando analisar e interpretar a experiência sob seu ponto de vista. Pelo contrário, coloca que, para existir essa relação de intersubjetividades, é preciso estar-com o outro, numa perspectiva existencial e na sua totalidade. Nessa relação, é possível captar o sentido e o significado que as experiências vividas possuem para as pessoas na sua existência.

Pensando na singularidade da experiência com psicodélicos, julgamos adequado utilizar esse método, já que este está diretamente vinculado à Gestalt-Terapia, buscando, através da exposição existencial do vivido, apresentar os significados e sentido da experiência para o narrador (Dutra, 2002). Tivemos o cuidado de não formular hipóteses, e sim de nos colocar a disposição dos sujeitos para compreender sua experiência e acolhê-la na sua alteridade, criando condições fundamentais para que esses relatos adquiram significado para os envolvidos (Fukumitsu, Cavalcante e Borges, 2009).

4.1 Instrumentos e análise dos dados

Na primeira fase da pesquisa, utilizamos o “Questionário sobre uso de substâncias psicoativas” (anexo 1), criado por José Arturo Escobar (2008), pesquisador e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que foi adaptado para a realidade da nossa pesquisa; juntamente com o questionário sociodemográfico (anexo 2). A aplicação do questionário teve por objetivo apreender o conhecimento de uma amostra da população do Brasil sobre os cogumelos “mágicos” e colher dados epidemiológicos sobre o uso dos psicodélicos mais conhecidos (MDMA, LSD, Ayahuasca e cogumelos “mágicos”), bem como construir um levantamento sociodemográfico, sem identificação nominal, visando a caracterização da amostra.

Na segunda fase da pesquisa, que teve como objetivo acessar as experiências das pessoas entrevistadas, utilizamos um roteiro de entrevista com questões norteadoras, a saber: **1)** Desde quando você faz uso de cogumelos? Ainda faz uso? Com que frequência?; **2)** O que te motivou a usar pela primeira vez?; **3)** O que te leva a continuar usando?; **4)** Quando você

usa, você faz com alguma intenção ou objetivo?; **5)** Você pode falar um pouco da experiência mais marcante que você teve com cogumelos mágicos?; **6)** Como você se percebia antes do uso de cogumelos?; **7)** Como o uso de cogumelos mágicos influenciou na sua vida? Você percebe alguma mudança?; **8)** Você recomendaria o uso de cogumelos para outras pessoas? Por quê? Pretendemos seguir aqui essencialmente a descrição da experiência a partir dos relatos dos sujeitos, na qual a entrevista semi-estruturada foi o principal instrumento utilizado para tal. As perguntas que compuseram a entrevista serviram para nortear a fala do sujeito e compreender o significado atribuído às experiências, e foram realizadas com pessoas que já fizeram uso desse psicodélico, para que fosse possível a obtenção de material investigativo de como as questões levantadas na fundamentação teórica se apresentam na fala dos sujeitos.

Tratando-se de um estudo qualitativo-quantitativo, a análise dos dados envolveu duas etapas: para a análise dos dados epidemiológicos, obtidos com a aplicação do “Questionário sobre uso de substâncias psicoativas” e do questionário sócio-demográfico, as respostas foram inseridas em um banco de dados, através do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão para Windows, para a aferição das respostas e análise estatística descritiva. Foram realizadas associações entre algumas variáveis para a análise descritiva de tabulação cruzada. Os escores obtidos estão relatados na seção Resultados e Discussão.

Para a análise das narrativas, buscamos trabalhar a partir do método fenomenológico de pesquisa qualitativa. Para a análise do conteúdo das entrevistas, procedemos a partir do modelo descrito por Giorgi (1985, 2008), que apresenta os seguintes passos: 1) Compreensão do sentido do Todo da experiência (feita a partir da leitura de cada um dos relatos, com o objetivo de captar um sentido global para o pesquisador); 2) Construção das Unidades de Significado (a partir do discurso, foram demarcadas as unidades de significado, que consiste em identificar e nomear percepções, experiências, opiniões, conhecimentos e sentimentos expressos nos depoimentos); 3) Compreensão psicológica de cada Unidade de Significado, através da transcrição de cada uma delas em linguagem psicológica visando aproximá-las das teorias trabalhadas; 4) Síntese, construída a partir da interpretação das informações trazidas pelas Unidades de Significado, visando integrar as compreensões diversas dos fenômenos trazidos pelos colaboradores.

4.2 Método de Coleta de Dados

Para compor os dados da primeira fase da pesquisa utilizamos a plataforma digital *Google Forms* – ferramenta que permite maior alcance da pesquisa ao disponibilizar formulários de coleta de dados de forma on-line. Ao abrirem o link de acesso ao formulário, os participantes foram esclarecidos, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dos objetivos da pesquisa, dos riscos possíveis e da liberdade de interromper o processo a qualquer momento, caso desejem, sem quaisquer penalidades acerca de tal escolha, além da confidencialidade e a privacidade dos seus dados pessoais e das possíveis utilizações dos dados. Ao final dos questionários apresentamos a opção de participar da segunda fase da pesquisa, caso houvesse interesse, que consiste na segunda fase da pesquisa, focada na experiência subjetiva dos usuários.

Na segunda fase, os participantes foram previamente contatados e os encontros foram agendados de acordo com a disponibilidade mútua entre pesquisador e colaboradores. Os encontros aconteceram na Clínica-Escola de Psicologia da UFPB; a escolha foi feita considerando que o local dispõe de espaço que resguarda privacidade e estrutura para fornecer amparo, caso fosse necessário. Após a apresentação do TCLE, visando esclarecimentos sobre privacidade, possibilidade de interrupção da entrevista a qualquer momento sem justificativa e solicitação de autorização para gravação em áudio, as entrevistas eram iniciadas. Cada entrevista durou aproximadamente 30 minutos e posteriormente foram transcritas na íntegra para facilitar a análise.

4.3. Participantes e critérios de inclusão e exclusão

Para a coleta dos dados epidemiológicos participaram **310 pessoas**. Como critério de inclusão se estabeleceu: estar residente no Brasil; como critério de exclusão: ter menos de dezoito anos.

Participaram da segunda fase quatro pessoas, duas do gênero masculino e duas do gênero feminino, que foram escolhidas a partir dos participantes da primeira etapa da pesquisa. Optamos por um pequeno número amostral para que os pesquisadores possam se aprofundar nas experiências trazidas pelos sujeitos; o objetivo da pesquisa não é generalizar conclusões referentes à amostra. Os critérios de inclusão para a participação na segunda fase da pesquisa foram: pessoas que fizeram uso ao menos uma vez na vida de cogumelos “mágicos”, residentes em João Pessoa – PB e que demonstraram disponibilidade e interesse

em colaborar de forma voluntária para a segunda etapa da pesquisa; como critério de exclusão ter menos de 18 anos. Denominamos os participantes de colaboradores. Os colaboradores foram contatados através do WhatsApp, disponibilizado na primeira fase da pesquisa, não tendo vínculos próximos com os pesquisadores.

O Colaborador 1 (C1) tem 25 anos e é do sexo masculino. Declarou ser solteiro e se identifica como católico. É Bacharel em Educação Física e trabalha como Personal Trainer e pesquisador. É usuário regular de maconha e usou cogumelos “mágicos” apenas uma vez. O Colaborador 2 (C2) tem 30 anos e é do sexo masculino. Declarou ser solteiro e se identifica como ateu. É Bacharel em Música e trabalha como Copista. Usuário regular de MDMA, LSD, Ayahuasca, faz uso regular de cogumelos “mágicos” há 4 anos. O Colaborador 3 (C3) tem 21 anos, é do sexo feminino e se declara solteiro. Declarou ser não religioso. É estudante de enfermagem do 6º período. Usuário regular de maconha, já fez uso de LSD, Chá de Jurema, Ayahuasca e cogumelos “mágicos”. O Colaborador 4 (C4) tem 21 anos, é do sexo feminino, solteiro, e se identifica como ateu. É estudante de Psicologia do 8º período. Usuário regular de maconha e LSD, já fez uso de MDMA e cogumelos “mágicos”.

5. Resultados e Discussões

5.1. Primeira Fase – Conhecendo os consumidores de cogumelos “mágicos”

Participaram da primeira fase da pesquisa **310 pessoas**, com participantes das regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. A partir dos dados sociodemográficos colhidos, podemos traçar o perfil predominante dos participantes como sujeitos moradores da cidade de Joao Pessoa – PB (26,1%), faixa etária entre 23 a 27 anos (40%), do gênero masculino (50%), brancos (59,7%), solteiros (88,1%), com ensino superior incompleto (50,3%), declarados não religiosos (45,2%), com renda individual de até 1 salário (56,5%) e que residem com familiares (59%) (Tabela 1).

Em relação ao conhecimento da amostra sobre os cogumelos “mágicos” (psilocibina) (tabela 2), a grande maioria dos participantes já havia “ouvido falar” dos mesmos (97,4%). A porcentagem dos que conheciam alguém que já havia usado foi um pouco menor (89%). Os resultados demonstram que a psilocibina é uma substância conhecida no país e é necessário sua inclusão nas questões dos próximos levantamentos sobre o uso de drogas no Brasil, tendo em vista que a substância não está incluída nas drogas citadas nos objetivos específicos do III LNUD, visando contribuir para a construção dos “parâmetros epidemiológicos do uso de

drogas na população de todo território nacional – inclusive população rural [...]” (Bastos, 2017).

A Tabela 3 apresenta as respostas dos participantes referentes ao consumo de psicodélicos. Quando perguntados se já haviam feito uso de cogumelos “mágicos” (psilocibina), 65,8% responderam afirmativamente. Em relação ao consumo de MDMA, a maioria dos participantes (34,8%) afirmaram nunca ter feito uso. Entre os que fizeram uso, 26,1% afirmaram ter usado mais que 15 vezes, seguidos por 20,6% que usaram até 5 vezes. Ainda, 12,3% fizeram uso entre 6 e 10 vezes e 6,1% afirmaram ter usado a droga entre 10 e 15 vezes. Na pesquisa, um total de 65,2% dos participantes afirmaram já ter feito uso de MDMA ao menos uma vez na vida. No III LNUD, a porcentagem de pessoas que declararam ter feito uso é de 1,67% (Bastos, 2017).

| Tabela 1 – Dados sociodemográficos dos participantes | | | |
|---|---|-------------------|--------------------|
| Características | | Frequência | Porcentagem |
| Faixa etária | 18 a 22 | 110 | 35 |
| | 23 a 27 | 124 | 40 |
| | 28 a 32 | 51 | 16 |
| | 33 ou mais | 25 | 8 |
| Genero | Feminino | 151 | 48,7 |
| | Masculino | 155 | 50,0 |
| | Outro | 4 | 1,3 |
| Orientação Sexual | Bissexual | 88 | 28,4 |
| | Heterossexual | 190 | 61,3 |
| | Homossexual | 29 | 9,4 |
| | Não utilizo | 1 | ,3 |
| | Pansexual | 2 | ,6 |
| Cor ou Raça | Amarelo (a) | 6 | 1,9 |
| | Branco (a) | 185 | 59,7 |
| | Indígena | 6 | 1,9 |
| | Pardo (a) | 70 | 22,6 |
| | Preto (a) | 38 | 12,3 |
| | Outros | 5 | 1,6 |
| Escolaridade | Ensino fundamental completo | 1 | ,3 |
| | Ensino fundamental incompleto | 2 | ,6 |
| | Ensino médio completo | 31 | 10,0 |
| | Ensino médio incompleto | 7 | 2,3 |
| | Ensino superior completo | 68 | 21,9 |
| | Ensino superior incompleto | 156 | 50,3 |
| Estado Civil | Pós-graduação | 45 | 14,5 |
| | Casado (a) | 19 | 6,1 |
| | Divorciado (a) | 5 | 1,6 |
| | Solteiro (a) | 273 | 88,1 |
| | Outros | 13 | 4,2 |
| Renda Individual | Até 1 salário mínimo | 175 | 56,5 |
| | Entre 2 e 5 salários mínimos | 118 | 38,1 |
| | Entre 6 e 10 salários mínimos | 13 | 4,2 |
| | Mais que 10 salários mínimos | 4 | 1,3 |
| Religiao | Ateísmo/Agnosticismo | 57 | 18,4 |
| | Católica | 25 | 8,1 |
| | Espírita | 13 | 4,2 |
| | Não sou religioso | 140 | 45,2 |
| | Protestante/Evangélica | 14 | 4,5 |
| | Religião afro-indígena(umbanda, candomblé, Jurema, etc) | 27 | 8,7 |
| Moradia | Outros | 34 | 10,9 |
| | Com amigos | 54 | 17,4 |
| | Com familiares | 183 | 59,0 |
| | Sozinha (o) | 43 | 13,9 |
| | Outros | 30 | 9,7 |

| Tabela 2 – Popularidade dos Cogumelos “Mágicos” (Psilocibina) | | | |
|--|-----|-------------------|--------------------|
| Pergunta | | Frequência | Porcentagem |
| Você já ouviu falar de cogumelos “mágicos”/chá de cogumelo? | Não | 8 | 2,6 |
| | Sim | 302 | 97,4 |
| Você conhece alguém que já usou cogumelos “mágicos”/chá de cogumelo? | Não | 34 | 11,0 |
| | Sim | 276 | 89,0 |

Já em relação ao consumo de LSD¹⁰, a maioria dos participantes (31,6%) afirmaram ter usado a substância mais que 15 vezes. Ainda, 24,8% afirmaram ter usado até 5 vezes, 13,2% usado entre 6 e 10 vezes e 7,1% usado entre 10 e 15 vezes. A porcentagem dos que afirmaram nunca ter feito uso foi de 23,2%. A porcentagem total dos participantes que afirmaram ter feito uso ao menos uma vez de LSD foi de 76,8%. O número, mais uma vez, é consideravelmente maior do que o encontrado no III LNUD, no qual 1,96% dos participantes afirmaram ter usado a substância ao menos uma vez na vida.

Quanto ao consumo de Ayahuasca, a maioria afirmou nunca ter feito uso da droga (68,1%). Dentre os que fizeram uso, 17,7% afirmaram ter feito uso até 5 vezes; 3,9% afirmaram ter feito uso mais que 15 vezes. A porcentagem foi a mesma para os que declararam ter feito uso entre 6 e 10 vezes e entre 10 e 15 vezes. Dos participantes, 5,2% afirmaram serem formalmente ligados a alguma instituição ayahuasqueira (Santo Daime, UDV, Barquinha, institutos xamânicos, etc). O número de pessoas que declararam ter feito uso de Ayahuasca ao menos uma vez na vida no III LNUD foi de 0,87% (Bastos, 2017). Já na presente pesquisa a porcentagem foi de 31,9%.

Em relação ao consumo de mescalina, a maioria afirmou nunca ter feito uso (88,7%). Entre os que fizeram uso, a maioria afirmou ter feito uso até 5 vezes (9,7%); o número foi consideravelmente menor entre os que afirmaram ter feito uso mais que 15 vezes (1%), e ainda menor entre os que afirmaram ter feito uso entre 6 e 10 vezes (0,6%). A substância não aparece no III LNUD (Bastos, 2017).

A maconha, identificada como o psicodélico que teve maior número de usuários no III LNUD (18%) (Bastos, 2017), também aparece como a droga de maior consumo na pesquisa, na qual 70% declararam ser usuário regular. Dos demais participantes que declararam já ter feito uso, 13,2% afirma ter usado entre 10 e 15 vezes, 7,1% até 5 vezes, e 3,5% entre 6 e 10 vezes. Apenas 6,1% declararam nunca ter feito uso da substância.

10 A questão fazia referência de forma geral ao LSD (popularmente conhecido como “doce”), agregando aqui as substâncias similares e análogas (NBOME, NBOH, DOX, DOC, entre outras). Essa distinção também não foi feita no III LNUD. A apresentação de estimativas agregadas também é realizada em levantamentos internacionais (SAMHSA, 2014), pois, se por um lado, perde em especificidade farmacológica e clínica; por outro, se mostra de grande relevância em termos de embasamento para políticas públicas.

| Tabela 3 – Consumo de Psicodélicos | | | |
|---|-------------------|------------|-------------|
| Pergunta | | Frequência | Porcentagem |
| Você já usou cogumelos “mágicos”/chá de cogumelo? | Não | 106 | 34,2 |
| | Sim | 204 | 65,8 |
| Você já consumiu MDMA (Ecstasy)? | Nunca | 108 | 34,8 |
| | Até 5 vezes | 64 | 20,6 |
| | 6 a 10 vezes | 38 | 12,3 |
| | 10 a 15 vezes | 19 | 6,1 |
| | Mais que 15 vezes | 81 | 26,1 |
| Você já consumiu LSD(doce)? | Nunca | 72 | 23,2 |
| | Até 5 vezes | 77 | 24,8 |
| | 6 a 10 vezes | 41 | 13,2 |
| | 10 a 15 vezes | 22 | 7,1 |
| | Mais que 15 vezes | 98 | 31,6 |

Optamos por não discutir as relações entre o consumo das drogas MDMA, LSD, Ayahuasca, Mescalina, maconha e os dados sociodemográficos, visando delimitar o aprofundamento do trabalho sobre a Psilocibina. As diferenças consideráveis entre os números de usuários de psicodélicos da pesquisa e do III LNUD podem ser explicadas pela especificidade da pesquisa, que tende a atrair pessoas simpatizantes ao tema, diferente do Levantamento, que coletou seus dados através do IBGE, abrangendo uma diversidade maior de público.

Em relação ao uso de cogumelos “mágicos” (psilocibina), é possível observar que os homens consomem mais do que as mulheres, conforme demonstrado na Figura 4. A diferença é significativa, tendo em vista que o número de participantes na pesquisa foi praticamente igual entre homens e mulheres (50% e 48,7% respectivamente). Os dados corroboram com as estimativas apresentadas no Relatório Brasileiro sobre Drogas (BRASIL, 2010) e no III LNUD (Bastos, 2017) de que os homens apresentam maior uso de substâncias psicoativas na vida do que as mulheres.

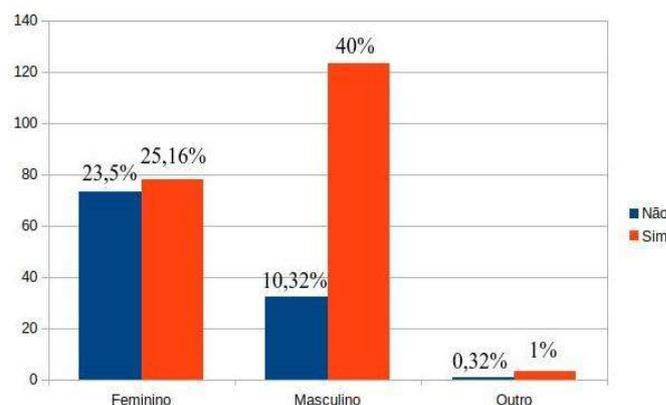


Figura 4: Porcentagem de uso dos cogumelos “mágicos” de acordo com o gênero.

Quando observamos o consumo de acordo com a renda, a Figura 5 mostra que há uma prevalência entre as pessoas que tem renda de até 1 salário-mínimo (35,5%). O menor número de uso se deu entre as pessoas com renda acima de 10 salários-mínimos (0,13%). Os dados corroboram com a discussão de que pessoas ricas tendem a ser mais conservadoras e ter menos experiências “fora do padrão” do que pessoas com menor poder aquisitivo (Powdthavee & Oswald, 2014).

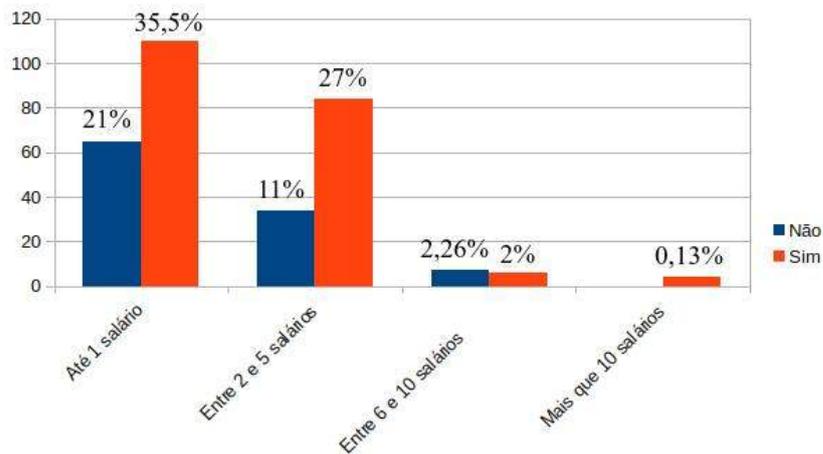


Figura 5: Porcentagem das pessoas que já usaram cogumelos “mágicos” de acordo com a renda individual.

Ao analisar a relação do consumo de acordo com a religião (figura 6), a prevalência se deu entre aquelas pessoas que se declararam “não religiosas” (30%) seguidos pelos que se declararam ateus (13,55%). O menor uso se deu entre os que se declararam protestantes/evangélicos (1%). Pesquisas demonstram que pessoas que não fazem parte de nenhuma religião estão mais propensas a utilizar drogas lícitas e ilícitas (Sanchez & Nappo, 2007).

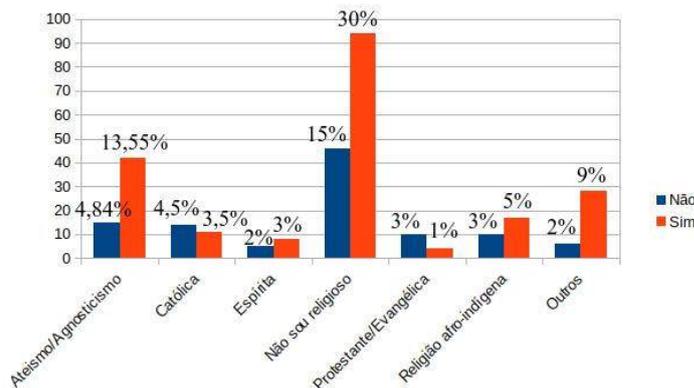


Figura 6: Porcentagem das pessoas que já usaram cogumelos “mágicos” de acordo com a religião.

Em relação ao uso de cogumelos “mágicos” e a cor/raça, o maior número de consumidores está entre as pessoas brancas (40%) e o menor entre as pessoas amarelas (1%) (figura 7). Quanto à escolaridade, as pessoas com ensino superior incompleto se apresentam como a maior parte das que declaram já ter consumido cogumelos “mágicos” (33%).

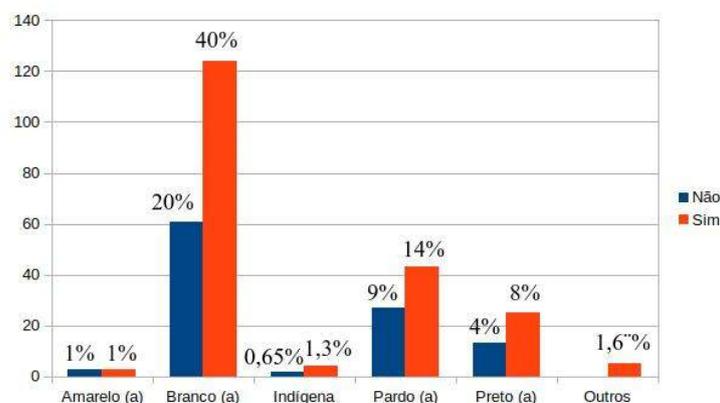


Figura 7: Consumo de cogumelos “mágicos” de acordo com a cor/raça.

A pesquisa buscou identificar também as pessoas que fazem uso de cogumelos mágicos e outros psicodélicos (conjuntamente ou não). Em relação ao consumo de cogumelos “mágicos” e MDMA, pouco mais da metade dos participantes (52%) declararam já ter feito uso das duas substâncias. Desse número, 23% declararam já ter feito uso de MDMA mais que 15 vezes. Quanto ao consumo de cogumelos “mágicos” e LSD, a porcentagem foi ainda maior; 59% declararam já ter feito uso das duas drogas. Destes, 28% declararam já ter feito uso de LSD mais que 15 vezes. Quando se trata do consumo de cogumelos “mágicos” e Ayahuasca, o número é consideravelmente menor; 26,5% fizeram uso dos dois psicodélicos. Destes, apenas 3,5% declararam já ter consumido Ayahuasca mais que 15 vezes. Em relação ao consumo de cogumelos “mágicos” e Mescalina, apenas 11% declararam já ter feito uso das duas; destes, apenas 1% já fez uso de mescalina mais que 15 vezes. A tabela 4 traz a porcentagem das pessoas que fizeram uso de cogumelos “mágicos” e outras substâncias de forma discriminada em relação à frequência de uso.

Quando se trata do uso de maconha e cogumelos “mágicos”, o número é ainda maior: 65% dos participantes declararam já ter feito uso das duas substâncias. Destes, 53,5% se declaram usuários regulares de maconha. Visando compreender melhor essa relação, foi perguntado aos participantes sobre o uso conjunto desses psicodélicos. A maior porcentagem (36,5%) declara não fazer uso concomitante das duas substâncias. Dos que se declararam simpatizantes da combinação, 34,8% fazem uso de maconha durante as experiências com

cogumelos “mágicos”, mas a considera dispensável; 13,9% declararam sempre usar durante as experiências; 4,9% declararam usar e acham o uso conjunto indispensável. Ainda, 9,8% são indiferentes à combinação.

A partir dos dados expostos, podemos perceber que os psicodélicos se mostram como uma categoria das substâncias psicoativas com grande número de usuários. A falta de dados epidemiológicos consistentes pode prejudicar a compreensão do fenômeno com a devida complexidade e multifatorialidade. Não podemos apontar uma única justificativa ou explicação para a grande porcentagem de usuários que fazem uso de múltiplos psicodélicos, porém é curioso perceber que, por muitos efeitos semelhantes – e outros bem distintos - podem atrair o interesse comum de pessoas que buscam estudar os Estados Alternativos de Consciência e os potenciais terapêuticos dessa classe. Ainda, todas estas substâncias são comumente usadas pelos psiconautas e aventureiros curiosos das drogas.

5.2 Segunda Fase – Relatos de experiências com cogumelos mágicos sob a ótica gestáltica

Para a análise dos discursos, foi realizada a suspensão temporária, e incompleta (Merleau-Ponty, 1999), das crenças e certezas construídas previamente pelos pesquisadores, visando abrir caminho para o desvelamento da perspectiva dos participantes. A partir das narrativas, foram encontradas diversas Unidades de Significado apreendidas da experiência de cada colaborador. A seguir serão apresentadas as Unidades de Significado encontradas. Em seguida, prosseguiremos com a discussão aprofundada de cada unidade, relacionando trechos das falas com as teorias supracitadas.

Unidades de Significado

1. Navegando por outros mares.
2. Caminhando com o desconhecido.
3. Seguro para vivenciar a experiência.
4. Cuidando do espaço.
5. A sensação do consumo de cogumelos “mágicos”.
6. Transcendendo a singularidade.
7. Experiências difíceis.
8. Percepções de si nos dias seguintes a experiência.
9. Experiências terapêuticas na relação com a psilocibina.

10. Refletindo sobre o ser-no-mundo.
11. Se relacionando com a substância.
12. Integrando a experiência.
13. A experiência direcionada pelo sentido.
14. Comparação com outras substâncias.

5.2.1. As unidades de Significado

5.2.1.1. Navegando por outros mares

Esta Unidade de Significado traz quais as principais motivações que levaram os colaboradores a experimentar cogumelos “mágicos”. Diversos fatores podem motivar uma pessoa a usar psicodélicos, desde a curiosidade até a busca por autoconhecimento e “expansão de consciência”.

“Eu me vejo, eu tento ao máximo aproveitar de tudo, de todas as experiências que eu puder eu vou tentar utilizá-las, seja de maneiras boas. (...) E não é todos os dias que a gente tem uma oportunidade de comer um cogumelo”. (C1)

“Porque assim, foi uma coisa bem espontânea lá. A gente foi, comprou, e usou lá. Desde então a gente, eu e meus amigos, a gente lembra muito da experiência, por que foi realmente algo bem assim, louca pra gente”. (C1)

“Pela primeira vez foi por curiosidade mesmo. (...) Foi essa curiosidade também, por que eu já tinha tido experiências com outras substâncias [LSD, NBOMe, DMT] e sabia que havia algum nível de similaridade entre os efeitos de substâncias que são caracterizadas como ‘psicodélicas’. De conhecer mais sobre psicodelia, psiconautismo, mergulhar em si (...) Essa busca pelo autoconhecimento, quem sou eu, quem sou eu no mundo, que mundo é esse, acho que foram as principais motivações pra mergulhar nesse tipo de experiência”.(C2)

“Honestamente foi a ideia da lombra, a ideia do efeito. A galera comentava que rolava uma vibe meio psicodélica, mas comigo não rolou isso não. E tinha o rolê espiritual também, que eu tinha curiosidade”. (C3)

“Curiosidade de saber os efeitos. Surgiu de ouvir relatos, de que provavelmente seria uma experiência positiva. Não só de amigos, mas também de ver documentários. Foi algo que eu fui pesquisar”. (C4)

A partir das narrativas, é possível observar que o principal impulsionador para as experiências foi a curiosidade. O colaborador 1 decidiu fazer o uso de forma espontânea, sem planejamento prévio, impulsionado pela curiosidade em vivenciar uma experiência nova, algo diferente. A experiência relatada, que foi a única até o momento, aconteceu junto a um grupo

de amigos em uma viagem de férias. O uso motivado pela curiosidade também está presente nas falas dos outros colaboradores. O desejo de alterar a consciência, experimentar novas sensações e enxergar o mundo de forma diferente, sob novos olhares. É o desejo consciente de buscar algo que faça, amplie, transcenda a capacidade sensorial e intelectual que é acessada rotineiramente. Percebemos a disponibilidade dos colaboradores em entrar em contato com o novo.

Ainda, o colaborador 2 aponta a busca de autoconhecimento como um dos principais motivadores para as suas experiências com cogumelos “mágicos”. Para Yontef (1998), o autoconhecimento pode ser trabalhado a partir da awareness, para a ampliação da consciência de si e de suas relações com o mundo. Além disso, o modo diferenciado de perceber o mundo remete a manifestação da awareness enquanto a experiência de estar em contato com a própria existência (Yontef, 1998). A busca de si aparece como inerente ao sujeito, em um constante esforço para se entender e se definir. Entretanto, essa busca nunca se acaba, tendo em vista que nós estamos sempre em construção e o “Eu” de ontem que achávamos conhecer já não é o mesmo hoje.

Os colaboradores 3 e 4 comentam que o interesse surgiu a partir de conversas com os amigos. Foi na relação com o outro que surgiu uma temática que se configurou como figura para eles, tendo reverberado como curiosidade para conhecer o novo. Ainda, o colaborador 3 comenta de seu interesse na possibilidade de ter experiências espirituais com os cogumelos. A espiritualidade é apontada como uma das dimensões do ser humano (Ribeiro, 2009) que influencia a busca por um sentido para sua existência. Ginger e Ginger (1995, p. 115) descreveram a dimensão espiritual como “lugar e sentido do homem no meio cósmico e no ecossistema global”.

O uso de cogumelos proporciona, de algum modo, um acesso ao mundo próprio do sujeito, que vai atualizando suas potencialidades e possibilitando autoconhecimento. “O ‘mundo’ próprio caracteriza-se pela significação que as experiências têm para a pessoa, e pelo conhecimento de si e do mundo, sua função peculiar é o pensamento” (Forghieri, 1997, p. 33).

Segundo Forghieri (1997), o ser humano dispõe de possibilidades, em sua existência, para escolher suas relações com o mundo, e é a partir dessa liberdade de escolher que os colaboradores decidem fazer o consumo. Essa vontade de alterar a consciência pode ser identificada como uma busca pelo homem de aumentar o seu prazer e diminuir sua angústia existencial (Martins & Corrêa, 2004). Entretanto, acessar Estados Alternativos de Consciência

(EAC), mudando temporariamente a percepção de mundo, pode gerar sentimentos de angústia frente ao dar-se conta diante da fragilidade de ver a realidade tal qual é e não ser capaz de mudar, uma vez que só é possível mudar o que é próprio de si.

5.2.1.2. Caminhando com o desconhecido

Nessa Unidade, os colaboradores apresentam seus medos e receios dos possíveis efeitos e suas estratégias para lidar com a questão, que envolveram principalmente a busca de informações para conhecer o terreno onde pisarão.

“Na verdade eu sempre tive muito medo. Na verdade assim, um receio, um certo receio. (...) Eu tinha na minha cabeça que eu realmente não ia experimentar por medo. Não sei se batesse uma bad lá, eu não sabia”. (C1)

“A curiosidade eu já tinha antes de ele falar, só que as informações que eu tinha tido acesso eram bem duvidosas, sei lá. Falava que fazia mal, que deixava louco, os dentes caem, várias coisas”. (C2)

Nas falas dos colaboradores 1 e 2, percebemos o medo diante de uma experiência desconhecida. Apesar do medo, o desejo de usar ainda era presente. O colaborador 1 comenta que teve medo de ter uma experiência difícil, mas teve seus anseios amenizados após esclarecimentos sobre os possíveis efeitos e cuidados devidos feitos pelo vendedor da loja onde comprou (em Amsterdã). Além disso, o colaborador 1 também demonstrou preocupação em ser visto por pessoas conhecidas sob efeito da substância. O colaborador 2, por já ter tido contato com outras drogas psicodélicas, teve facilidade em buscar informações e se tranquilizar em relação ao uso.

Mendonça Filho (2010) afirma que os valores morais associados a uma determinada prática, como consumir drogas, são mutáveis, múltiplos e incoerentes. A expectativa social é um dos fatores que compõem a experiência psicodélica e, devido aos valores negativos transmitidos pela mídia e a patologização do uso de drogas, tem-se como principal efeito o medo. Este, causado principalmente pela falta de informações sobre a substância, tem influência negativa sobre a experiência. O medo pode ser interpretado como uma expressão da tendência à autopreservação do indivíduo. Ainda assim, os colaboradores 1 e 2 decidiram assumir o risco da experiência, uma vez que o desejo de usar aparecia como uma necessidade para eles.

“Quando a gente comprou a gente ainda teve um receio assim ‘caramba, vamo, vamo não vamo’ só que na hora a gente, eu pelo menos, fiquei bem confortável. Ai a gente foi e comeu. Ele [o cara que vendeu] deu todas as explicações. (...) Mas na hora a gente se sentiu muito confortável para fazer o uso, mas ele explicou tudo tudo direitinho. Inclusive vem com um manual de instrução, o cogumelo em si, ele vem com um manual, a gente leu e tudo (...) no manual eles vem especificando muito bem, diz assim olhe, se você tiver passando por algum momento ruim, ou depressão, ou qualquer doença que seja e tudo. Tipo, não utilizar. E tem até de você tá alimentado, não tá alimentado. Tem todas as recomendações. As recomendações me deram muita segurança”. (C1)

“E aí quando ele me falou dessa experiência de cogumelo dele [amigo que apresentou a substância pela primeira vez] ele já veio já com um estudo falando sobre o uso de cogumelo no tratamento de depressão. (...) É curioso porque ao mesmo tempo falar [para pessoas que desejam usar pela primeira vez] ajuda a compreender, mas é complicado porque parece que é mentira a pessoa falando, porque são muitos aspectos. Multissignificados”. (C2)

“Eu li algo sobre informalmente, aquele Google. Nenhum material específico assim que tratasse numa perspectiva espiritual, religiosa. Foi algo mais científico e de improviso mesmo. Informações que tem mais fáceis no Google. Eu não pesquisei muito em artigos, mas depois deu para dar uma olhada. Foi mais para entender até que ponto ia, o nível de gravidade, será se eu volto ou não dessa lombra. Pra me deixar mais segura (...) É importante ter propriedade do efeito daquilo no seu corpo, porque pode ser que desencadeie algo positivo, de restabelecer algum equilíbrio Mas pode ser que faça o contrário, isso fisiologicamente falando”. (C3)

A orientação do vendedor e a leitura atenta do manual de instruções tiveram papel fundamental no bem-estar durante a experiência, conforme demonstra o relato. Na fala do colaborador 2, podemos perceber a dimensão ampla dos efeitos da substância. Mesmo tendo conversado com um amigo e ouvido seus relatos, entende que cada experiência é única e assume diversos significados. Os colaboradores 3 e 4 buscaram informações antes do uso visando se sentirem mais seguros. O colaborador 3, mesmo tendo pesquisado sobre, sente que sua pesquisa foi insuficiente e que ainda não está seguro para vivenciar “totalmente” aquela experiência.

Fornecer informações sobre os efeitos da substância pode ser entendido como uma medida de Redução de Danos, uma vez que, de posse de informações consistentes e confiáveis, o usuário pode escolher de forma consciente usar ou não e a forma mais segura para fazer.

“Eu acho que tem um pouco de desconhecimento não me faz eu me entregar como me entrego a maconha. E se fosse comparar em questão de leitura, de conhecimento, eu

diria que a maconha é muito mais. Então essas coisas assim o fato de desconhecer também me gera esse distanciamento. Mas isso sou eu inferindo, não tenho certeza. Eu acho que é uma questão muito de entrega mesmo, Porque eu só consigo me entregar mais quando eu conheço mais as coisas”. (C3)

É interessante perceber o movimento de busca de informações a respeito das drogas antes de consumi-las. Podemos visualizar esse movimento como uma expressão do ajustamento criador frente ao desconhecido. Conhecer mais sobre o cogumelo “mágico”, buscar informações acerca de seus efeitos e a partir daí estipular quanto, quando e onde usar parece ser uma atitude que demonstra a autonomia dos usuários. Essas pessoas, frente ao obscurantismo científico e a falta de informações para uso consciente e seguro, tem desenvolvido estratégias próprias para lidar com a falta de informação sobre as drogas psicodélicas, como a formação de grupos virtuais para troca de informações, experiências e material biológico (blogs, fóruns, comunidades, etc.). A exemplo dos fóruns online “DMT Nexus” e “Erowid” desenvolvido por usuários onde estes compartilham relatos de experiência e informações para uso seguro.

5.2.1.3. Seguro para vivenciar a experiência

Nessa Unidade, os usuários expõem os cuidados associados ao estado mental/autopercepção que eles adotaram antes do uso e o que consideram importante que as pessoas que desejam ter uma experiência com esse tipo de substância adotem.

“Eu acho que se alguém tiver passando por alguma complicação muito maior, uma coisa muito lá de trás pode vir, ou uma coisa muito recente. Ou o que ela tá passando pode vir muito mais a tona. Então, pode mudar para um lado ruim também, querendo ou não. É importante esse cuidado. (C1)

“Também porque eu escolhi o momento para tomar porque eu tentava para não tá carregado emocionalmente antes de fazer, antes de ter a experiência. Principalmente se for assim emoções negativas. Eu tentava encontrar um momento onde eu tivesse assim meio neutro ou mais com emoções positivas para poder usar”. (C2)

“E eu tento buscar esse entendimento de mim, de me perceber antes, não necessariamente quando eu estou usando, pra saber se rola ou não. Vai que eu surto no meio do role, sabe? Eu tenho muito medo disso. De vir muita coisa a tona e eu não saber lidar. (...) de me perceber se eu estou bem. Isso ainda fica muito no Ideal porque a gente não tem como saber como vai ser com aquela droga naquele momento exatamente. Mas realmente se eu estou mal a tendência é que aquele quadro não mude, por que a droga não está sendo usada como medicamento justamente porque

não tem esse controle do efeito que ela vai ter. A tendência é que piore. Se eu estou bem a tendência é que aquilo permaneça”. (C3)

Na fala do colaborador 1, podemos perceber mais uma vez o receio em ter uma experiência difícil e não saber lidar com ela. A preocupação também aparece nas falas dos colaboradores 2 e 3. A narrativa do colaborador 3 transparece um receio em entrar em contato com coisas que, para ele, são identificadas como ameaçadoras ao self.

Apesar de ser considerada uma droga segura do ponto de vista médico, Weil (1983) aponta os riscos de toxicidade relacionados aos efeitos psicológicos dos psicodélicos (aqui a psilocibina). Uma das estratégias para minimizar estes riscos é se atentar ao estado mental, às intenções de uso e ao estado psicológico do momento, além do contexto de uso, buscando um ambiente seguro para a experiência. Mendonça Filho (2010) ressalta que, ao estudar a relação das drogas e a sociedade, é preciso considerar não apenas a substância e o sujeito consumidor, mas com igual importância o contexto em que é realizado o uso.

Os colaboradores 1, 2 e 3 demonstraram se atentar ao seu estado mental antes da experiência, visando minimizar as chances de uma experiência difícil. Os três consideram que, estando com pensamentos “negativos”, há grande chance de isso se intensificar durante a experiência e gerar consequências negativas para o usuário. Ter a consciência sobre como se está antes do uso de cogumelos “mágicos” pode ser entendido como uma forma de estar *aware* de si e dos sentidos assumidos para a experiência.

O colaborador 3 demonstra em seu relato o medo de ter uma crise psicológica. Precisamos refletir de onde vem esse medo. Uma “informação” muito comum no conhecimento popular é que os psicodélicos podem proporcionar uma viagem sem volta. Mais uma vez vemos a influência negativa do imaginário social preconceituoso sobre os psicodélicos, que tende a centralizar a veiculação de informações às experiências negativas e episódios de “surto”, focalizando os comportamentos patológicos e ignorando o que acontece nas condições comuns e normais (Hart, 2014). Em função da expansão do uso de drogas ilícitas e da hipocrisia social sobre o tema, a questão do consumo fica envolta em significações marginais que reforçam pré-conceitos (Pratta e Santos, 2009).

Timothy Leary (1966) pontua que características como flexibilidade, confiança, conhecimento sobre a substância, abertura para o novo e criatividade são essenciais para lidar com uma situação nova e podem contribuir para uma experiência saudável. Do contrário,

rigidez, desejo de controle, desconfiança, medo e estigmas podem contribuir para a leitura de uma situação nova como ameaçadora.

Entretanto, nem tudo são flores. Há risco considerável no consumo por parte de pessoas com histórico familiar e pessoal de transtornos mentais. Além disso, é importante a integração da experiência [discutiremos sobre isso de forma aprofundada na Unidade de Significado “Integrando a experiência”] para a assimilação dos conteúdos que emergiram, para que a Gestalt seja atualizada e transformada e possibilite ao indivíduo a autorregulação e a fluidez para uma formação de nova figura.

5.2.1.4. Cuidando do espaço

Nesse espaço, os colaboradores apresentam as influências do meio geográfico percebidas por eles na experiência. Percebemos, entretanto, que esse meio é percebido de forma diferente por cada um. O campo geográfico, acrescido da percepção individual, se amplia e se transforma em um campo organismo-ambiente, constituído numa relação dialética.

“Eu acho que a experiência depende do ambiente que você tá, influencia. Eu acho que para as coisas que você vai fazer”. (C1)

“Amsterdã tem aqueles canais, e não tem proteção para os canais. [...] Então, mas não só por isso. É porque também tava tarde da noite. Ai eu disse "não, vamos voltar pra casa". Tava muito frio. Um lugar mais seguro. Tava muito frio, então não tinha condições. [...] Vamos pro hotel e a gente fica lá. Porque é mais seguro, e se a gente já comeu, vai bater. [...] Estar num lugar seguro era nossa preocupação porque era nossa primeira vez, num canto totalmente diferente e tudo”. (C1)

“Eu não tenho muita exigência mas eu tenho um ambiente mais confortável, familiar, pra não gerar uma experiência negativa ou traumática. Porque a gente sabe que no meio da multidão a gente ta absorvendo aquela energia ali. Eu evito sabe (usar em ambientes não acolhedores), não que não vai ser acolhedor, mas eu acho que é uma porta aberta para esse tipo de experiência negativa. Facilita”. (C3)

“Eu acho que eu fiquei muito à vontade com o contato com a terra, com o ambiente no geral, com os bichos de lá, que eu acho que não ficaria tão à vontade normalmente. Eu nunca tinha estado naquela situação e aí ter esse contato tão positivo me faz ter vontade de ter esse contato mais vezes. O que é uma coisa que eu não pensava tanto. Para mim tanto fazia mas esse dia eu penso em repetir mais vezes a experiência. Sempre pensando naquela experiência como exemplo, queria passar por aquilo de novo. (...) Não que você faça uso numa sala e vai ser algo negativo, mas eu acho que quando você tá em contato com a natureza eu acho que é melhor. Eu

acho que no geral as coisas são melhores em contato com a natureza. Mas com cogumelos eu acho bem massa ter essa experiência conectada. (C4)

O colaborador 1, em seu relato, tomou o cuidado de estar em um ambiente seguro para que ele se sentisse mais confortável durante a experiência. A narrativa do colaborador 3 também dialoga no mesmo sentido, frisando a importância de se estar em um ambiente acolhedor, junto a pessoas em que ele confie. Para o colaborador 4, estar em um ambiente de natureza foi determinante para a avaliação positiva de sua experiência. A sensação de conexão com a natureza também aparece nos depoimentos de outros usuários (Lyons & Carhart-Harris, 2018). A ambientalidade também aparece como uma das dimensões do humano. O colaborador 2 não fez observações sobre a influência do ambiente na experiência, apesar de ter frisado várias vezes a importância de estar bem consigo mesmo, ou minimamente preparado para o que estiver por vir para fazer uso dos cogumelos.

Leary (1966) considera que é importante que os usuários preparem minimamente o ambiente visando contribuir para o uso seguro. Música, iluminação, a disponibilidade de comida e bebida, estar em um ambiente acolhedor entre outros fatores devem ser consideradas com antecedência.

Estar em um ambiente confortável, aparentemente, facilitou o contato pleno com a experiência. O self, na relação dialética com o campo, se ajusta criativamente frente aos estímulos no processo de contato com os eventos do campo indivíduo/ambiente com apoio sensorio-motor, afetivo, energético e cognitivo, buscando assimilar os estímulos que melhor se adaptem a si, visando o crescimento (Bessa, 2012).

5.2.1.5. A sensação do consumo de cogumelos “mágicos”

Os usuários descrevem como foram suas experiências com a substância e suas percepções sobre os efeitos. Cada experiência foi singular e trouxe sensações positivas, prazerosas e também angustiantes.

“[no início] Eu senti como se meu corpo sabe, vai rejeitar alguma coisa. Não é enjoado, mas enguiando. Mas é uma coisa leve, muito de boa (...) E é uma coisa surreal. Porque a gente tava na fila do MC[Donalds] e você sente, foi ali que eu comecei a sentir uma vontade de rir, porque assim, eu tava muito feliz. Eu tava rindo por que era um sentimento de felicidade. Eu tava realmente muito feliz ali. E gargalhava, e gargalhava (...) Eu sentia minha temperatura mudar. Eu ficava muito aquecido, muito aquecido. E aí passava, e voltava, e passava. Então você sentia uma quentura, nada surreal, você sentia mais quente, como no calor você tá embaixo de

um edredom. Você vai ficar mega quente. Mas passava, e depois voltava, e passava”. (C1)

“Porque, é, é um misto de sentimentos. Você passa pouquíssimo tempo pensando alguma coisa. E aí já muda o pensamento, e já muda, e já muda. Então, é, eu tive algumas bads, claro, sendo que era uma coisa tão rápida que a bad passava e você pensava em outra coisa, em outra coisa, e voltava uma bad, e outra coisa, e outra coisa, então era tipo, eram coisas que ficavam mudando toda hora”. (C1)

“E aí teve uma hora que eu deitei na cama e eu deitei assim de cara pro colchão. Eu deitei, e foi um sentimento muito bom. Porque, não sei se tu já viu em filme, tem um ácido queimando na mesa e começa a borbulhar e tudo. Era esse sentimento, parecia que eu tava entrando no colchão (...) Só que eu tive um medo, porque eu pensei, eu disse, caramba esse sentimento tá muito bom, mas caramba será se eu tenho o controle do meu corpo ainda? Ou eu vou ficar na cama por horas? Só que eu levantei, vi que eu tinha o controle e eu baixei de novo, porque realmente tava muito bom (...) o irmão dele botou música. Só que assim, é muito diferente, é muito diferente. É como se a música fosse uma extensão do seu corpo, sabe? Porque você sente de verdade. Você fecha o olho e pronto, você vai embora, vai embora”. (C1)

“Como se fosse eu assistindo um filme sobre a minha própria vida, só que sempre com cenas inéditas (...) no geral o cogumelo era como se sempre na experiência ele ficasse me dizendo coisas (...) Aí o ‘cogu’ sempre vinha com mensagens para mim. Parecia um Coach, vinha com mensagens de otimismo, de positividade, coragem empoderamento”. (C2)

“As outras drogas proporcionavam uma viagem só que às vezes nessa viagem você se perde um pouco do que tá acontecendo. Eu acho que a associação com cogumelo trouxe essa distinção melhor das coisas que tão acontecendo naquele momento, propriedade do que tá acontecendo no tempo que tá acontecendo. Porque às vezes você tá lombrado de maconha e olha assim, e anos depois Eita tô. Era algo mais imediato, de você saber o que tá acontecendo com seu corpo no momento que tá acontecendo e saber a intensidade de expansão e contração. De me perceber melhor no momento, de sensações mesmo do corpo, não da mente. (...) eu sinto diferente meu sentar, eu sinto diferente meu levantar, e eu percebo isso rápido”. (C3)

O colaborador 1 conta que se sentiu diferente durante a experiência. Foram mencionados efeitos físicos (aumento da temperatura corporal), efeitos cognitivos (alucinações visuais e sensoriais e sinestesia¹¹) e uma percepção diferente sobre o mundo, com uma sensação de bem-estar presente durante toda a experiência. Também, relata um sentimento de felicidade genuína logo ao início da sua experiência. Durante o relato, o

11 Efeito que costuma aparecer em Estados Alternativos de Consciência, comum a grande maioria dos psicodélicos. É a interrelação que se verifica espontaneamente (e que varia de acordo com os indivíduos) entre sensações captadas pelos sentidos (olfato, audição, visão, tato e paladar) (p.ex., determinado ruído ou som pode evocar uma imagem particular, um cheiro pode evocar uma certa cor, sentir o toque de um som no corpo, ver a cor das letras no nome da cor, ver sons, etc).

colaborador 1 demonstrou preocupação com o risco de “perder o controle”. Chama a atenção a percepção dele sobre os sentimentos durante a experiência, que, a seu ver, iam e voltavam muito rápido. Observamos aqui efeitos que corroboram com os diversos relatos do EAC proporcionado pela psilocibina (Carter et al., 2007; Wittmann et al., 2007; Nichols, 2004).

O colaborador 2 narra que, durante os efeitos da substância, ele pode ter momentos de reflexão e lidar com questões existenciais presentes em sua vida. A intencionalidade de seu uso, pontuada como uma busca por autoconhecimento, é reforçada com a percepção de que sempre há mensagens para ele durante as experiências.

O colaborador 3, diferente dos outros colaboradores, não vivenciou efeitos sensoriais e cognitivos significativos. Percebemos em suas palavras um aumento da percepção corporal, identificada como uma intensificação da awareness corporal. Quando o colaborador 3 compara sua experiência com a de outras pessoas, é possível perceber uma expectativa sobre a experiência que não foi correspondida.

“Olha eu não sei porque tem gente que parece que tomou MD, ouvir vozes, não sei o quê. não sei se isso é uma experiência puxando assim para um espectro de esquizofrenia que a pessoa tem Ou se era um rolê espiritual Ou se era sei lá. E essas coisas não rolaram comigo. Não que essas coisas tenham que rolar, mas eu nem cheguei a ficar num estado de Euforia diferente. Eu continuei normal. Nenhum tipo de viagem”. (C3)

Para o colaborador 4, os efeitos mais evidentes foram cognitivos e perceptuais, além da redução dos sintomas de ansiedade percebidas por este.

“Eu fiquei horas lá só sentindo as sensações mais físicas mesmo. Esse tipo de coisa (...) Eu senti muito relaxamento, eu sentia que tudo brilhava. O contato com a água foi muito, muito bom. Muito bom mesmo. (...) A sensação de bem-estar foi muito marcante. As relações com os amigos lá, a relação com o ambiente. E os efeitos da substância foram muito bons também.”

“Eu sempre fico tensa nesse tipo de situação, estar num ambiente que eu nunca fui, com pessoas que eu não conheço ao redor. Mas eu fiquei bem tranquila. Já tem 6 meses e a gente fala disso até hoje porque foi muito marcante”. (C4)

Para os colaboradores 2 e 4, as experiências com cogumelos “mágicos” tiveram importante função terapêutica, especialmente sobre a ansiedade e a depressão. Dialogaremos especificamente sobre essa questão na discussão da Unidade de Significado “Experiências terapêuticas na relação com a psilocibina”. É curioso observar sensações em comum nas

narrativas dos quatro colaboradores. Percebemos que o cogumelo provocou uma sensação de bem-estar com a vida e uma intensificação na percepção dos sentidos.

Apesar de a substância usada por todos os colaboradores ser a mesma, podemos observar diferenças consideráveis na percepção da experiência. Além dos efeitos fisiológicos, temos os componentes subjetivos da mesma. Percebemos que a forma que cada um contacta a experiência é única, construída na relação dialógica com a substância.

5.2.1.6 Transcendendo a singularidade

Trataremos aqui dos relatos que envolvem as experiências de transcendência e unidade com o Todo. Os colaboradores descrevem sentimentos de coletividade, responsabilidade coletiva e reflexões sobre a espiritualidade. Considerar a espiritualidade como uma das dimensões do humano é essencial para a compreensão holística do homem (Ribeiro, 2009). Ginger e Ginger (1995, p. 115) descreveram a dimensão espiritual como “lugar e sentido do homem no meio cósmico e no ecossistema global”. Naranjo (1990) advoga que há uma relevância espiritual na psicoterapia, e que a espiritualidade é terapêutica.

“Porque quando eu tive algumas visões, experiências místicas, que o pessoal chama de espiritual, pra mim eu não sei como chamar na verdade. Dentro dessas experiências eu tive experiências místicas, onde parecia uma aula sabe. Onde algo foi me revelado ali, foi me passado, só que em alguns casos eu não, no momento específico eu não interpretava assim, como se tivesse sido um toque, principalmente nas primeiras experiências. Mas depois a pessoa vai ficando mais esperta”. (C2)

“Na época que eu tava procurando Deus, eu tive uma experiência onde sei lá se era Deus apareceu para mim. E aí me disse que eu tava muito preocupado em ter uma experiência espiritual, em Conhecer alguma coisa do além. Aí veio esse ser aí, essa entidade, o que quiser chamar. Essa imagem, esse arquétipo veio para mim e disse que você tira esse momento aí para ter uma busca espiritual só que isso não é nada diferente da vida cotidiana, tudo é uma coisa só. Não dá para você recortar a realidade e ter ali um momento espiritual um lugar espiritual, palavras espirituais. Todas as coisas são a mesma coisa. Assim que foi me mostrado. Eu me senti bem aliviado porque eu fico... eu fui criado numa tradição católica com conhecimento bem baseado na Autoridade, sem questionar. Deus quer isso faça isso. Não importa o que Deus disse quem é que tá espalhando aí o que Deus quer e o que Deus não quer. Depois disso eu comecei a pensar o que era uma experiência espiritual, o que era uma experiência recreativa, o que diferencia uma coisa da outra. Aí eu vi que na verdade nada. E a pessoa que escolhe como vai perceber a coisa”. (C2)

“Aí para mim essas coisas [distinção sagrado x profano] se dissolveram e parou de fazer sentido por causa dessa experiência muito forte que eu tive na época que eu ia para a igreja. E lá muitas vezes ficava se repetindo que Deus é tudo Deus está em

tudo, que nada escapa a Deus. Que veio somar com esse questionamento que eu tinha do que é recreativo e do que é espiritual, do que é sagrado do que é profano. Deus é tudo (...) Apesar de que na época eu senti uma presença do que eu achava que era Deus (...). Mas com essas experiências eu senti uma presença e muitas das experiências foram para compreender essa minha maneira de perceber alguma coisa que tá ligando tudo, todas as existências”. (C2)

O colaborador 2 relata ter tido experiências místicas em que teve contato com uma “presença divina” e sentimento de conexão com um Todo. Experiências semelhantes aconteceram em estudo realizado na Inglaterra (Griffiths et al., 2006). Na maior parte de suas experiências, a sensação de unidade com o Todo está presente e demarca as noções de responsabilidade coletiva, apontadas por ele como um dos grandes aprendizados trazidos pela experiência. É interessante observar que, mesmo com uma crença que se distanciava da religiosidade, o colaborador 2 teve, a partir da experiência com os cogumelos “mágicos”, a catalisação de uma experiência mística. Diz ter se sentido aliviado ao perceber que era possível se aproximar da espiritualidade sem necessariamente estar atrelado a uma religiosidade (que na sua relação com esta apareceu como autoritária).

Segundo Ribeiro (2009) grande parte do sofrimento existencial passa pelo seu desconhecimento de pertencer a um todo maior. Esta individualidade e o excesso de racionalidade, estimuladas pelo mundo moderno e pelo Capitalismo, é promotora de sofrimento psíquico, uma vez que a pessoa sente um vazio de sentido e uma sensação de isolamento e desamparo. Percebemos na sociedade moderna dificuldade na experiência da alteridade e do diálogo. O contato pleno é o momento em que se pode sentir mais claramente a nossa qualidade de totalidade, superando uma concepção de homem como um ser separado do todo. É na mais profunda postura de renúncia de si, de entrega, que o self se sente mais vivo.

A partir de suas experiências com os cogumelos “mágicos”, o colaborador 2 pode ressignificar os sentimentos de culpa e moral introjetados a partir da imposição da tradição católica em sua vida. Também foi possível, para ele, a ampliação da noção de espiritualidade, com a percepção de conexão com o sagrado e o transcendente. Além disso, sente que as experiências com os cogumelos “mágicos” proporcionam momentos de aprendizado e crescimento pessoal. Trabalharemos essa questão mais a frente na Unidade de Significado “Mudanças no ser-no-mundo proporcionadas pela experiência”

O colaborador 3 aponta para o benefício do uso em grupo, com pessoas de sua confiança.

“Eu acho esse rolê da troca com o outro interessante também. União no sentido de sinergia, de compartilhar com pessoas que de certa forma tem uma certa afetividade, uma amizade, um carinho. [Esses sentimentos foram aflorados durante a experiência?]. Talvez... talvez não, foram”. (C3)

A partir do relato do colaborador 3, percebemos a ação do self em contato com o campo. A relação com o outro, percebida como nutridora, é estimulada durante a experiência. A sensação de coletividade e comunhão aparecem como figura frente ao fundo. Estimular o processo de fluidez da função Personalidade do Self pode contribuir para a diminuição do sofrimento ético-político. Nos tempos da sociedade moderna capitalista, que estimula cada vez mais a individualidade, percebemos, a partir dessa experiência, que o cogumelo “mágico” figurou como uma potente ferramenta estimuladora de empatia (Naranjo, 2001).

5.2.1.7 Lidando com experiências difíceis

Nessa unidade, os colaboradores 1 e 2 apresentam os momentos desconfortáveis sentidos durante as experiências. Apesar de terem se sentido seguros para o uso, se depararam com momentos difíceis (as popularmente chamadas “bad trips”, que chamamos aqui de Experiências Psicodélicas Difíceis - EPD¹²) e puderam refletir sobre o papel delas.

“E aí me deu uma bad. A bad que eu tive foi que, é, era como se eu não tivesse dando 100% de mim para os meus alunos de personal. Então eu tava preocupado com isso (...) Só que ao mesmo tempo eu conseguia entender que era uma bad. Eu falava assim, não isso aqui é uma bad. Mas o sentimento machucava entende. E aí passava. (...) Como eu consegui, tipo, organizar as coisas, saber que era uma bad, mas quando passa e você vai relembrar, você bota, você começa a pensar. Será se eu realmente tava me dedicando. (...) E, é, eu percebi que era só um incomodo da minha cabeça (...) Até que eu não, que não me afetou muito não, mas depois você pensa. Não só esse assunto. Obviamente porquê a bad ela pesa mais para você pensar, mas, as coisas boas que você tira, os momentos, risadas, tudo, você pensa também, mas você consegue organizar tudo direitinho, todos os seus pensamentos. Mas não foi uma bad que me afetou não, foi só naquele momento ali. Pra você ter noção, é uma coisa muito rápida”. (C1)

“Tem gente que entra em uns loopings mentais, Por que pode acontecer quando a pessoa tem depressão quando tem transtorno de ansiedade, fica pensando que algo tá

12 As bad trips são “condições emocionais induzidas por drogas que variam de um estado agudo de pânico ou um episódio de ansiedade severo a uma experiência francamente psicótica” (Abruzzi, 1977, p. 185), muitas vezes causada pelo desconhecimento sobre as substâncias utilizadas e um estado mental e/ou ambiental gerador de sofrimento/ansiedade e a não aceitação da experiência. Preferimos utilizar o termo Experiências Psicodélicas Difíceis (EPD) visando ressignificar o conceito de “bad trip”, que tem conotação essencialmente negativa. Apesar de serem experiências difíceis, podem proporcionar aprendizados considerados terapêuticos para os usuários.

errado, pensando que algo não era pra ser assim. Aí você se foca no não e fica ali naquele looping de negatividade. As vezes você gira no looping e você oxente de novo essa mesma sensação? Vou sair dessa. Quando você gira, gira, gira. A trilhazinha vai ficando marcada naquele looping. Cada vez que você gira vai marcando mais vai marcando mais depois vai ter um Buracão ali e você vai estar girando dentro daquele buraco para sair fica mais difícil. Mas pelo que eu percebi são padrões mentais a pessoa que quer usar tem que estar ciente o que pode acontecer certo tipo de coisa e a pessoa tem que ter destreza de sair sozinho”. (C2)

Uma EPD pode ser facilitada por diversos fatores. Um dos mais comuns é o medo, provocado muitas vezes por achar que a experiência não vai acabar nunca ou por achar que vai perder o controle de si. O excesso de informações (sensoriais, energéticas, físicas) e os traumas antigos lembrados e revividos também podem gerar desconforto e se ampliar para uma EPD.

Apesar da EPD, o colaborador 1 conseguiu lidar bem com a situação, contornando os efeitos desse momento na experiência e considera que a mesma foi proveitosa. Ainda assim, tal situação gerou uma reflexão para ele, levando-o a pensar sobre sua relação com seus clientes e com o seu trabalho. O colaborador 2 aponta para as possibilidades de reviver traumas do passado durante a experiência. A situação possibilita a recuperação e a re-experienciação das emoções e sentimentos contidos naquelas lembranças, vivenciando-as no aqui e agora (Perls, 1969).

O “estar no buraco” pode ser entendido como uma postura de rigidez do self no processo de formação de figura-fundo. A figura se torna fixa e não retorna ao fundo, resultando com que a Gestalt não seja fechada e o ciclo de contato interrompido. O contato não acontece de forma efetiva e a formação de novas figuras fica prejudicada devido à fixação da figura que ainda não retornou ao fundo.

A repetição compulsiva é uma tentativa de lidar com uma situação difícil. As repetições são investimentos no sentido da complementação de uma gestalt de modo a liberar as energias para o crescimento e o desenvolvimento. As situações inacabadas impedem o trabalho; são empecilhos no caminho da maturação (Perls, 1981, p. 101).

A rigidez implica a perda da espontaneidade, considerada dimensão primeira do self, reduzindo as possibilidades de produção do *clinamen*, tendendo a agir de forma passiva na relação com o Outro Social. O que não permite vivenciar plenamente o encontro, ficando o contato esquecido enquanto possibilidade. A psilocibina pode atuar como agente catalisador do processo de ressignificação, possibilitando que ocorra contato e ampliando a possibilidade

do self adotar uma postura vigorosa e de crescimento (Naranjo, 2001). O uso de psicodélicos na resignificação de traumas vem sendo estudado por diversos pesquisadores no mundo (Mithoefer, 2001; Lyons et al., 2018; Carhart-Harris et al., 2018).

5.2.1.8. Percepções de si nos dias seguintes a experiência

Essa Unidade de Significado traz as percepções dos colaboradores sobre os efeitos da psilocibina sobre os mesmos após a experiência. Como apontado anteriormente, os impactos das experiências com cogumelos “mágicos” pode durar dias ou até meses seguintes ao uso.

“Não teve nada pós não. Acabou o efeito acabou, acabou-se, segue o dia. No dia seguinte tudo normal”. (C1)

“Uma sensação de felicidade que veio depois da trip. Que é diferente, já vi gente também que essa sensação não é duradoura, que é um negócio do momento mesmo, enquanto a molécula tá ativa. E pra mim não, pra mim é diferente. Tem aquele momento enquanto a molécula tá ativa no seu corpo, mas o pós da experiência também conta bastante pra mim. Até porquê eu não consigo ter uma experiência e depois não pensar sobre. Ficar ali uma semana, um mês pensando. Hoje ainda me vem coisa também da primeira experiência. Enfim, é uma reflexão cotidiana mesmo. Porque faz tempo que eu tive experiência. Mas acontecem insights. Tem vez que é bem claro. Uma ligação direta com algo que eu vi ou algo que eu senti, e as vezes não, é meio uma charada pra o cara desvendar. Não sei se é uma coisa meio geral ou são peculiaridades do meu Eu. (C2)

Para o colaborador 1, não houve nenhuma influência da psilocibina nos dias seguintes à experiência. Para ele, quando os efeitos acabaram foi como se nada tivesse acontecido. Já o colaborador 2 percebe nos dias seguintes à experiência uma sensação de felicidade. Isso pode ser explicado devido ao aumento da disponibilidade de serotonina na fenda sináptica e a redução da atividade da amígdala, que exerce importante papel no processamento de medo e estresse. Efeitos semelhantes foram encontrados em estudo que analisou a eficácia do uso de psilocibina para casos de depressão resistentes aos tratamentos convencionais (Carhart-Harris et al., 2017).

Além disso, C2 sente que os insights proporcionados pelas experiências vão sendo processados ao longo do tempo e podem gerar reflexões cotidianas sobre a vida, facilitando a solução de problemas para o sujeito, mediante a reorganização do campo (PHG, 1997). O homem tem a possibilidade de resignificar a sua existência a partir do seu fazer e de sua relação com o mundo. Os estudos recentes sobre a psilocibina demonstram que os efeitos terapêuticos podem persistir por até 6 meses (Carhart-Harris et al., 2018).

5.2.1.9. Experiências terapêuticas na relação com a psilocibina

Apresentamos nesse tópico os efeitos da psilocibina no bem-estar físico e psíquico durante e após a experiência. Percebemos que as experiências têm possibilidade de gerar efeitos terapêuticos sobre os usuários, proporcionados por reflexões existenciais ou mesmo pelos efeitos fisiológicos.

“Eu tive problemas com depressão, sou meio ansioso. E o cogumelo me ajudou para eu me acalmar. Tipo teve uma vez que eu tive uma trip que eu tava nervoso, aguniado, porque tinha muita coisa acontecendo não tava nem conseguindo prestar atenção. Aí veio uma voz e me disse que eu tinha que relaxar, porquê não dá pra viver agoniado, porque senão eu não vou aproveitar nada. Aí a voz dizia assim relaxa mano é só viver é só viver, aí ficava se repetindo. É só viver, só viver. Até que eu pensei assim: é só viver? eu já tô vivendo. aí é só relaxar, não precisa tá agoniado. (...) As experiências me ajudaram a lidar com a ansiedade e a depressão de maneira a ressignificar assim as experiências que tavam me atordoando. Para mim as experiências com cogumelo sempre eram muito motivacionais”. (C2)

“Para mim o ponto positivo na ansiedade e na depressão foi isso ressignificar as experiências da vida que me deixavam daquela maneira, com aquele tipo de emoção para baixo. Fiquei lembrando também depois de adulto que eu tava sofrendo por coisas que eu já tinha passado antes e que não sofria antes. Passei coisas piores do que eu passei na época da depressão e eu não sentia nada. Aí isso também me deixava encucado. Eu ficava porra se eu já passei uma barra mais pesada do que essa, porquê essa me deixa assim e a outra que era mais pesada não me deixava? Era a ambição negativa de querer o que não pode ou que não consegue naquele momento. Foi acabando a paciência. Porquê também foram muitas mudanças na minha vida de uma hora para outra. E aí essas coisas foram me botando para baixo. E as experiências me ajudaram a entender que não tem problema nisso, a olhar de outra forma. Eu fui me acalmando e passei a ver que tudo era de boa. Aí eu fui vendo que é bem isso né que eu acabei de dizer: a vida pode ser boa sempre. A pessoa que escolhe se vai achar bom ou se vai achar ruim”. (C2)

“Porquê quando eu tava para baixo e usei foi muito forte muito forte, que eu fiquei meio isolado um tempo. Porquê eu ficava pensando sobre as coisas que eu tinha e que aquilo dizia algo de mim. Várias coisas que eu não tinha conseguido ainda desvendar. Por imaturidade, ou a depressão, ou ansiedade bloqueando a minha visão. Com o passar o tempo eu fui, foi tudo liberando né”. (C2)

“Eu tenho uma ansiedade social muito forte. Não só a ansiedade social, mas a ansiedade generalizada me faz ficar muito nervosa com tudo que dá errado. E nesse dia várias coisas deram errado e nesse dia eu não fiquei "porra que merda nada vai dar certo". Coisas desse tipo que eu penso geralmente. Essa sensação de negatar, sabe. De sempre negatar tudo. E aí nesse dia a gente tava véi eventualmente vai dar certo, alguma coisa vai dar certo e a gente vai aproveitar, a gente aproveita a

companhia um do outro e é isso aí. Independente do que acontecer vai dar certo. (...) Eu acho que eu tava mais conectada com o ambiente, eu tava mais tranquila, eu não tava me sentindo julgável. Eu não tava preocupada com nada. Porque o negócio da ansiedade é isso né se preocupar o tempo inteiro. Mas eu não tava nesse espectro”.
(C4)

Em uma de suas experiências, o colaborador 2 pode se colocar em uma postura de contemplação diante do vivido. O esvaziamento do self permite estabelecer o vazio fértil, permitindo a disponibilidade para o encontro e a criação. O colaborador 2 pode ressignificar situações de sua vida que o deixavam deprimido e ansioso. O contato proporcionado pela experiência permitiu o sujeito se ajustar criativamente frente a situações ocorridas no passado e criar uma outra forma de se relacionar com estas. O criar reconfigura o contato consigo mesmo e com o outro. Para a Gestalt-terapia, criatividade é compreendida como a capacidade de refazer-se, de organizar sua existência criativamente (PHG, 1997). As experiências permitiram ao colaborador 2 ressignificar conceitos, hábitos, crenças e atitudes que o impediam de vislumbrar outras formas de ser e estar no mundo. Assim, se colocou em movimento e pode assumir uma postura ativa diante da vida e se responsabilizar sobre a sua forma de estar no mundo.

Na sua experiência o colaborador 4, ao se colocar no momento presente, pode reconfigurar o campo, escolhendo, diante das opções disponíveis, a melhor forma de assimilar os estímulos e possibilidades disponíveis. Para Perls (1969), o presente se faz a partir da relação entre o estado presente do campo e o self.

Para os colaboradores 2 e 4, as experiências com psilocibina tiveram grande potencial terapêutico. Tais efeitos terapêuticos podem ser explicados pela capacidade da psilocibina de “relaxar” áreas do cérebro responsáveis pelas estruturas psíquicas graves que causam depressão e a ansiedade, fazendo com que o sujeito se desvincule dos típicos pensamentos e bloqueios relacionados aos comportamentos depressivos. Os recentes estudos apontam que a psilocibina reduz drasticamente a atividade na “rede neural em modo padrão”, área do cérebro que está relacionada à consciência. É possível que a hiperatividade nessa rede provoque o padrão de pensamento rígido e insistente característico da depressão e da ansiedade (Grob et al., 2010; Carhart-Harris et al., 2017; Moraes, 2018). Além disso, a capacidade do cogumelo “mágico” em proporcionar uma maior conscientização do presente pode contribuir para o entendimento do porque essas experiências podem assumir função terapêutica.

Em ambos os relatos, podemos perceber que a experiência proporcionou aos colaboradores vivenciarem o aqui e o agora, trazendo a atenção e a intenção ao que acontece no momento presente (Bessa, 2012). Em relação aos efeitos terapêuticos percebidos, Grof (2008) e Hartogsohn (2018) apontam que os significados da experiência psicodélica desempenham um papel importante nesse ponto.

Foi essa presentificação que permitiu que estes agissem com criatividade frente a situação possibilitando a ressignificação dos sentimentos de ansiedade e depressão. A criatividade representa a ruptura dos limites, sendo “a possibilidade de a pessoa ser e fazer qualquer coisa” (Zinker, 2006, p.16). Essa criatividade pode ser entendida como um ajustamento criador, resultante do contato intencional entre o self e o campo, trabalhando a partir dos recursos disponíveis para a pessoa no momento presente, tendo a possibilidade de enxergar, vivenciar e ressignificar, visando a autorregulação sob condições diversas (Malaguth, 2007).

5.2.1.10. Refletindo sobre o ser-no-mundo

Esta Unidade de Significado apresenta as reflexões dos colaboradores sobre a influência das experiências com cogumelos “mágicos” em sua vida, quanto às suas percepções de mudanças consigo, com os seus e com o mundo.

“Eu não acho que tinha muita diferença do A de antes pro A de agora. Não vai ter muita diferença. Meus pensamentos não mudaram drasticamente”. (C1)

“Mudou também no sentido de assumir responsabilidades comigo mesmo, com as pessoas que eu convivo. Até as que eu não convivo, a sociedade no geral. Quando eu comecei a me reconhecer a partir dessas experiências e eu pensei no outro também porque eu queria ter o meu direito de ser eu mesmo, mas eu não consigo ter o direito para mim e não querer para os outros. Eu quero que todo mundo seja livre, não só eu. Eu quero ser, não só eu, mas várias coisas me prendem... a grana, as responsabilidades com o filho. O desafio da vida é esse ser livre apesar de tudo que me prende. Foi como o cogumelo me mudou também, me botando para assumir certas responsabilidades, principalmente comigo mesmo. Porquê a maneira como eu sou com os outros só acontece como quando eu sou comigo mesmo. (...) De tudo que a gente vai passando vão ficando várias marcas na vida do cara. Aí as experiências vão dando uma luz sobre, que cada etapa dessa que passou na sua vida foi necessário para eu estar aqui na sua frente hoje alegre, satisfeito por lhe encontrar aqui, estar respondendo a pesquisa”. (C2)

“Aí eu cheguei no ponto que eu tive que praticamente recomeçar a me perceber no mundo porque tudo praticamente se tornou a mesma coisa e não ao mesmo tempo (...)”

Aí foi como se tivesse anulado o conceito de bem e de mal aonde tudo é neutro e eu que decido o que é bom, o que é mal. Eu que dou o peso. No budismo eu acho que é assim também, no hermetismo também” (C2)

“Eu não acho que tem influenciado muito no meu processo de investigar sabe, de pensar sobre a vida”. (C3)

“Eu vejo a minha personalidade meio que moldada pela ansiedade, em vários âmbitos. Não só na identidade, mas também na profissional, na parte acadêmica e em tudo que permeia. É meio moldado pela ansiedade. E eu acho que esse uso de substância é meio que um escape disso, talvez uma forma de aprender a lidar melhor. Eu acho que não é uma válvula de escape, mas uma forma de procurar outras formas de ver o ambiente e tal e me ver também. Não é tipo eu tô ansiosa e eu vou usar um doce pra ver se passa. É tipo eu tô ansiosa e eu vou usar alguma coisa para ver se outra forma sabe. As substâncias no geral, mas eu acho que o cogumelo é uma das coisas que me fez ver de uma forma diferente”. (C4)

Os colaboradores 1 e 3 não perceberam nenhuma mudança após o uso de cogumelos “mágicos” em relação ao ser-no-mundo. Para o colaborador 2 as experiências com os cogumelos, aliadas às experiências com outras substâncias psicodélicas, o ajudaram a ressignificar seu modo de ver o mundo. Para ele, as experiências o ajudaram a estar *aware* de si e com isso assumir suas responsabilidades frente ao mundo. Percebemos que as experiências com o cogumelo promoveram um estímulo à alteridade, levando-o a pensar sobre o direito para si e para os outros. Essa transformação dialoga com um dos objetivos da Gestalt-Terapia, que é levar o ser humano a assumir suas responsabilidades e lidar de maneira real com a angústia de estar vivo. Para Holanda (1998, p. 43): “O ser humano, como um ser histórico, é um ser total. O que a Gestalt-Terapia promove é um despertar do indivíduo à sua responsabilidade, como um exercício de escolha e de tomada de posse de sua própria vida”. Também, é possível perceber que as experiências trouxeram a tona reflexões sobre questões existenciais, perpassando conceitos como liberdade e responsabilidade. Para ele, houve uma mudança na forma em que ele se via no mundo. A Gestalt-Terapia acredita que o direcionamento fluido da energia orgânica é fértil e possibilita crescimento.

O colaborador 4 sente que sua relação com o mundo sofre grande influência da ansiedade. Diz estar constantemente procurando uma outra forma de ver a questão, para “aprender a lidar melhor”. Para ele, o cogumelo proporciona uma forma diferente de ver o mundo e de lidar com as angústias presentes na vida. Dessa forma, ao perceber a necessidade predominante no momento tornando-a figura, foi possível ressignificar o campo na relação figura-fundo, visando o processo de fechamento da gestalt aberta, reduzindo a ansiedade

(Perls, 1981). Ainda, segundo ele, o cogumelo não está colocado como uma válvula de escape, uma relação rígida para fugir da angústia da ansiedade. Ainda que fosse, não caberia a nós julgá-lo.

5.2.1.11. Se relacionando com a substância

Nessa Unidade, os colaboradores discorrem sobre sua relação com a psilocibina. Com o passar do tempo, e das experiências, os usuários ressignificaram a sua relação, mudança essa acompanhada de uma tomada de consciência sobre os próprios limites, levando-os a refletirem sobre quantidade, frequência e momento para o uso.

“O cogumelo é uma coisa que é fora do normal, fora do normal. Aí beleza, você vai interagindo com o pessoal, você conversa (...) foi uma coisa, tipo, muito muito intensa. Foi muito marcante”. (C1)

“Mas eu acho que, se eu experimentar de novo, vai ser uma coisa que, vai ser um pouco diferente por que eu acho que eu vou saber lidar mais (...) Como eu disse, o que me preocupavam eram as bads. Só que eu entendi que as bads vem e vão, não só como a bad, mas como os outros sentimentos. Alegria vem e passa, aí vem a preocupação, aí vem a alegria, você pensa em milhares de outras coisas. São sentimentos que vem muito rápido. Vem e passam, vem e passam. E aí por isso que eu sinto mais uma segurança de usar de novo. (...) Hoje eu sinto uma segurança muito maior pra utilizar entendeu. Eu sei que não é para todo mundo, de jeito nenhum, mas hoje eu sinto uma segurança muito maior”. (C1)

“Todas foram muito significativas [as experiências com cogumelo]. Todas nas ideias assim de otimismo, tranquilidade, paz, empoderamento, coragem, reconhecimento de si, reconhecimento dos meus valores e reconhecimento do outro. Empatia também, reconhecer a dor do outro, a alegria do outro. Assim durante a trip mesmo até as coisas ganham vida pelo menos para mim”. (C2)

“Não é que eu decidi parar, é que eu tive uma certa quantidade de experiências e não senti a necessidade de ter outras experiências (...) Teve uma época que eu cultivei, e nessa época eu sempre tinha, já que eu cultivava. De 10 em 10 dias eu tirava um novo fluxo de colheita. E aí eu fiquei por um tempo, cerca de um ano, fazendo um uso mensal, e as vezes até quinzenal. Mas poucas vezes eu usei na mesma semana. Com um intervalo menor que isso. É muito raro eu dar um intervalo de menos de 15 dias pra tomar. Eu dava os intervalos tanto pra digerir as informações que eu tinha tido acesso na experiência anterior, como pra evitar tolerância. Pra quando eu tomar da outra vez a pessoa saber quanto tomar, e o que esperar de tal dose. Que é uma coisa que eu via, por relatos, que gente que toma direto a tolerância sobe rápido. Ai depois você fica meio no escuro pra tomar as doses, sem saber o que vai passar mais ou

menos. É lógico que o cara nunca sabe o que vai passar, e talvez por isso que a experiência seja tao significativa”. (C2)

“Teve casos de eu tomar uma dose e ser forte demais pra mim. E teve outro caso de ser fraco demais também. Aí essa é uma coisa que eu levava bem em consideração sobre tomar com pouco intervalo ou com intervalo maior”. (C2)

“Então quando eu vim tomar o cogumelo era tipo como se eu já tivesse num momento de transição pra precisar cada vez menos dessas experiências [com psicodélicos]. Aí o cogumelo parecia um abraço para mim. Um abraço venha cá, calma fique tranquilo a vida é linda, tudo é lindo. Você é quem escolhe pode achar horrível também mas você é quem escolhe. Aí o cogumelo meio veio que pra consolidar essa transformação que nunca para né, ainda continua”. (C2)

O colaborador 1 considera que sua experiência com a psilocibina foi muito marcante e intensa. Afirma se sentir mais seguro e maduro após a primeira experiência, e acredita que lidará de forma diferente com as próximas, agora que entende melhor os efeitos da substância.

O colaborador 2 considera suas experiências muito significativas. Assume que a psilocibina tem uma função terapêutica para si, e assim construiu uma boa relação com aquela droga. Após inúmeras experiências, construiu regras próprias para o consumo, visando minimizar os possíveis danos. Costuma dar intervalos mínimos de 7 a 15 dias entre os dias de consumo. Aparenta ter plena consciência da possibilidade de tolerância e dos efeitos negativos que um consumo em excesso pode ocasionar. As várias experiências geraram aprendizado; já teve experiências muito fortes e outras em que sentiu que a quantidade consumida não foi suficiente para atingir o objetivo desejado. Já passou por EPD e ao longo do tempo ressignificou sua relação com a droga, construindo uma relação saudável e madura com a substância. Colocar-se de maneira fluida na relação com os cogumelos “mágicos” pode caracterizar um processo saudável, proporcionado pelo estar consciente da maneira de vivenciar a singularidade do ser (Fukumitsu et al., 2009)

Ao refletirem sobre o desejo de usar novamente cogumelos “mágicos”, os colaboradores discorrem sobre os motivos para sua decisão.

“Eu to muito no pensamento de um dia eu vou usar de novo. Porque foi uma intensidade boa, muito alta, mas muito boa, e eu sei que tipo, se for desse jeito, que é o meu pensamento, se eu for utilizar de novo. Se for desse jeito, eu sei que eu não vou ser tao afetado pela bad e tudo (...) Eu não tive oportunidade, por que não apareceu ninguém que tivesse. Mas eu queria passar por essa experiência de novo”. (C1)

“Acho que a mesma coisa ainda [autoconhecimento], a mesma busca de sempre. Porque tudo tá em constante mudança, até o que eu busco de mim também muda.

Tinha uma época que eu queria, eu tava muito fechado em mim. E eu tentava me compreender mais pra me colocar no mundo. E é claro que as coisas são todas complementares, mas o foco, entendesse, que eu tava na minha mente durante certo momento vai mudando. Mas é sempre essa busca de si e do mundo. Eu, o mundo, eu no mundo (...) Só que agora é uma busca que não depende mais do uso de nenhuma substância mas que eu também não descartei a possibilidade de usar novamente. Faz um tempo que eu usei né eu tô sem usar mas eu não tô nessa necessidade de usar mas continuo na mesma busca. Se eu sentir uma necessidade ou um chamado como o pessoal místico diz, aí eu vou lá e uso. Só que a busca não tá mais atrelada a isso, ao uso de substância. É uma coisa que eu buscava na experiência e a experiência me mostrou que é só uma experiência dentro de outra que a vida que é a experiência maior entendeu”. (C2)

“Acho que é justamente por entender que o autoconhecimento não é uma coisa fixa, estável, que não vai mudar. Que tem sempre algo a acrescentar. E também pelo fato das experiências que eu tive não terem sido tão, como eu posso dizer, de descobertas do jeito que eu esperava. Eu entendo que é uma questão de processo meu mesmo”. (C3)

“Porque foi muito bom, porque foi uma experiência muito boa. Eu acho muito massa sabe as capacidades terapêuticas. (...) A diminuição de ansiedade eu acho que pra mim é o principal porquê eu sou muito ansiosa. E aí sou a favor de qualquer substância que possa diminuir esses efeitos, diminuir minha ansiedade. Foi o que aconteceu comigo”. (C4)

Por se sentir mais seguro, o colaborador 1 diz ter vontade de usar novamente, mas aponta a limitação de disponibilidade da droga como um dos motivos de não ter feito uso outras vezes. Após ter várias experiências, o colaborador 2 atualmente não sente necessidade de usar novamente, mas coloca o uso como uma possibilidade. Afirma continuar em busca de autoconhecimento e demonstra fluidez no uso de cogumelos “mágicos” e na vida. Nesse processo, reconhece que não é um sujeito acabado em si e que está sempre em mudança. Não atrela sua busca necessariamente ao uso de psicodélicos, mas os define como um facilitador nesse processo. O colaborador 3 entende que a busca por autoconhecimento é constante. Para ele, as experiências da vida tem sempre algo a acrescentar e possibilitam crescimento. Diz ter vontade de usar novamente para que possa ter descobertas e ir de encontro às suas expectativas com a droga. O colaborador 4 considera que teve uma experiência muito boa e quer ter a experiência novamente. A redução dos sintomas da ansiedade é um fator motivador para ele voltar a consumir os cogumelos.

A consciência sobre os efeitos e possíveis riscos e a construção de uma relação singular com a substância demonstram a autonomia desses usuários. As experiências que cada um teve foram uma fonte de conhecimento primário, possíveis graças a *awareness* da

experiência, para a construção dessa relação. Podemos entender essa tomada de consciência e maturidade como uma ação da autorregulação organísmica. O ajustamento criador presente na relação com a substância elimina as tensões iniciais do desconhecido (Zinker, 2007). O problema não é o consumo de drogas em si, mas a função que passa a desempenhar e o vínculo que com ela se estabelece. O colaborador 2, mais experiente e com uma relação sólida com o cogumelo, estabeleceu um vínculo fluido e nutritivo, assumindo função terapêutica. Para Hart (2014, p. 99) “A decisão de usar depende muito mais do contexto e da disponibilidade de alternativas do que nos leva a crer”.

5.2.1.12. Integrando a experiência

Em suas falas, o colaborador 2 aponta para a importância de “digerir” as situações vivenciadas durante o efeito da substância visando a assimilação da experiência. O conceito, trazido apenas por C2, diz respeito à assimilação da experiência pelo sujeito. A integração propõe que as sensações com que o sujeito teve contato durante a experiência com psicodélicos (sejam a nível perceptivo, físico ou cognitivo) sejam integradas como um todo ao self. Ao contatar de forma plena e aberta o vivido, as novidades assimiláveis são agregadas e as não assimiláveis rejeitadas.

“O pessoal do DMT Nexus tem uma coisa que eles falam lá sobre integração. De que a pessoa deve ter um tempo pra integrar aquela experiência na sua vida cotidiana”. (C2)

“(...) coisas que eu vi, não dei importância, voltei a levar minha vida, quando eu tive outra experiência aí era uma sensação como se a experiência tivesse me cobrando, uma cobrança de como se tivesse me oferecido algo, que eu levei pra casa, não usei, e voltei querendo algo mais. Aí certa vez, teve uma mensagem bem clara assim pra mim ‘Mano, você tá vindo buscar mais. E o que eu já lhe dei, você já usou?’. Aí me deixou meio perplexo assim. No momento eu fiquei me sentindo até meio assim pra baixo, me achando ambicioso, mas negativamente. Querendo mais do que eu poderia suportar. Tem a ver também sabe, a questão da integração”. (C2)

O colaborador 2 assume ter adotado, em determinado momento, uma relação negativa com os cogumelos que foi resignificada quando tomou consciência desta durante uma experiência. No caso dos cogumelos “mágicos” (e de grande parte dos psicodélicos), ir com muita sede ao pote – além dos riscos já apresentados anteriormente – pode colocar o usuário em perigo, uma vez que nem todo conteúdo ao qual ele tiver acesso será assimilado sem causar danos ao self.

Os dias seguintes ao consumo são muito importantes para avaliar se aquele uso foi de fato seguro. É recomendado dar tempo e espaço para pensar sobre o que foi vivenciado e estar aberto para as informações obtidas, se permitindo aprender/mudar com elas. Em alguns casos, uma experiência psicodélica despreziosa pode resultar em mudanças profundas, quase por acidente. Mas para muitos, para que haja uma transformação profunda ou aquela experiência seja de fato terapêutica, é preciso integrá-la. Para os estudiosos dos Estados Alternativos de Consciência, a função terapêutica da experiência psicodélica só acontece quando há a integração desta, quando o sujeito se torna *aware* do vivido e experienciado e assimila aquelas informações à consciência (James, 1991; Grof, 1990).

Os conteúdos que são acessados a partir da experiência com os psicodélicos não são ressignificados ou integrados ao self puramente pela ação farmacológica da substância. Para tal, é necessário uma postura ativa do sujeito frente a experiência - antes, durante e principalmente depois desta.

Diversas ações podem ajudar nesse processo, como meditação, escrita, leitura, ir à natureza, conversar com pessoas sobre a experiência etc. Integrar a experiência pode ajudar a diminuir os riscos do uso de psicodélicos, uma vez que muitos desses riscos são oriundos de sentimentos, pensamentos e informações que são acessados de forma muito intensa e rápida e podem gerar “sobrecarga”. O contato brusco com conteúdos que o self não está acostumado pode ser difícil de lidar. A importância desse processo tem como base a crença na autorregulação orgânica, na qual o sujeito que vivencia a experiência, melhor do que ninguém, poderá refletir e apreender o melhor para o seu crescimento pessoal.

Também, é uma construção no sentido de dar continuidade de um processo direcionado à totalidade, compreendendo a existência como totalidade, de agredir a experiência como um todo (assim como suas partes) para digerir e assimilar à personalidade o que o self pode e desconsiderar o que não será útil. Engolir aquela experiência sem refletir, introjetando as percepções e valores oriundos da experiência psicodélica pode distanciar a personalidade de uma postura autêntica e de um reconhecimento do organismo como um todo (Perls, 2002). Uma integração “adequada” perpassa uma compreensão consciente racional e afetiva dos conteúdos e da percepção sobre a experiência.

5.2.1.13. A experiência direcionada pelo sentido

Nessa Unidade de Significado, é possível perceber que os colaboradores sentem que a intenção/expectativa adotada para o uso exerce influência sobre os efeitos dos cogumelos “mágicos”, podendo ser um direcionador da experiência. Ainda, estes atestam a importância de saber o porquê de se usar o cogumelo “mágico” (“*nem que seja só para conhecer*”, C2).

“Quer usar? Saiba por que que quer usar, saiba o que você espera da parada. [...] A pessoa tem que tá querendo tirar algo dali. Mesmo que seja só para fazer, só por curiosidade, só quero saber como é, beleza você tem um porquê. Fulano usou e disse que foi massa. Isso é pouco para você se meter numa parada dessa. Por que vai lá dentro. Fulano não vai saber de nada do que vai passar com você. E mesmo quando você fala não dá pra saber, a experiência é muito além da verbalização”. (C2)

“Eu acredito que sim, por que tudo é uma questão de intencionalidade para mim. A intencionalidade que a gente bota vai facilitar que as coisas aconteçam. Influência energética”.(C3)

“O objetivo era alcançar esses efeitos no ambiente. Relaxamento, tentar entrar mais em contato com a natureza, empatia”. (C4)

A influência da intencionalidade na experiência dialoga com o estudo fenomenológico das drogas. Para Holmes (1997) e Hart (2014), uma mesma substância pode apresentar efeitos diferentes em indivíduos distintos. Ainda, efeitos diferentes em momentos diferentes no mesmo indivíduo, relacionados com o Set e Setting estabelecido pelo usuário (Leary, 1966).

Devido ao caráter improvável de cada experiência, que vai além de qualquer verbalização da experiência (“*a experiência é muito além da verbalização*), o colaborador 2 frisa a importância de se ter um motivo para usar. Entretanto, em suas palavras não fica claro se ele considera que ter um objetivo ao usar influenciará a experiência. Ainda, o colaborador 2 alerta para o cuidado com a influência de terceiros sobre o uso de cogumelos, colocando como essencial que cada um tenha um motivo pessoal para usar. O colaborador 3 considera que adotar uma intencionalidade ao escolher fazer uso vai facilitar para que aquela experiência tenha o rumo desejado. Percebemos em suas palavras também um conceito metafísico de intencionalidade ao falar em influência energética. O colaborador 4 diz ter tido a experiência com uma intenção prévia clara, e que atingiu seus objetivos. O

A partir de Forghieri (1997), podemos compreender a diversidade de experiências como a correlação essencial existente entre a intencionalidade e o objeto alvo desta. Dessa forma, ao adotar uma intencionalidade para aquele momento, o usuário exerce forte influência

sobre a experiência, diferenciando-a completamente das experiências de outras pessoas, tornando-a única. É somente na relação intencional que aquela experiência terá um caráter único e será significada para o sujeito. O fenômeno só é, e como é, pela intencionalidade da consciência naquele momento.

Timothy Leary et al., em seu livro “A Experiência Psicodélica” (1964), trazem algumas reflexões acerca da intencionalidade sobre as experiências psicodélicas. Se por um lado adotar uma intencionalidade e a partir daí criar expectativas pode ser positiva no sentido de que criá-las pode acelerar o aprendizado (principalmente para pessoas que já tiveram muitas experiências), por outro essas expectativas podem resultar em um excesso de racionalização e enrijecer o contato com a experiência.

5.2.1.14. Comparação das experiências com psilocibina e com outras substâncias

Comumente, pessoas que consomem um tipo de psicodélico também fazem uso de outras substâncias psicodélicas. Essa questão também pode ser notada na fala dos usuários, quando comparam as experiências com cogumelos “mágicos” às outras em que utilizaram outras drogas psicodélicas.

“E aí antes do cogumelo eu já vinha nessa minha busca de me encontrar. Só que essas experiências com LSD eu não conseguia medir nem nada e demora mais do que o cogumelo às vezes ele ficava muito exausto cansado da experiência em si e algumas coisas não ficavam para refletir depois eram sensações do momento do cansaço, da privação de sono porque a substância lhe priva. Eu queria dormir tava exausto e não conseguia. Essas coisas causam sensações que é difícil de falar sabe mas que afeta em como a pessoa em como você se reconhece como ser subjetivo”. (C2)

“Quando eu sei cogumelo eu já vinha usando o Daime [Ayahuasca na doutrina do Santo Daime] nessa mesma busca de sempre. Daime também é cheio de mensagens nesse sentido”. (C2)

“A sensação de bem-estar mesmo no sentido de estar confortável com aquela situação, não só o relaxamento físico assim, mas de estar me sentindo segura, de não estar se sentindo fora de mim como algumas substâncias geralmente deixam. Era uma substância que tava ali afetando meu corpo mas eu não estava com a sensação que me deixasse insegura, ou que me deixasse com medo das possibilidades. A sensação de estar ingerindo algo que realmente era natural (...) Eu acho que o cogumelo dá uma sensação de relaxamento que o LSD não dá. Mesmo considerando as diferenças entre NBome e LSD mesmo, a psilocibina não me deixou. Eu não sei por que é, não sei se é essa coisa de ser sintético. Mas eu percebi a diferença mesmo. Tanto no momento quanto depois. Porque quando você usa nesse daí o efeito passa você tem

uma mazela assim, e a psilocibina não me deixou assim. Eu só me senti cansada da viagem, mas não fiquei de mal humor, essas coisas”. (C4)

Nos discursos, surge a comparação dos cogumelos “mágicos” com outras substâncias psicodélicas. O colaborador 1 compara suas experiências com as que teve com LSD e Ayahuasca. As experiências que teve com LSD foram exaustivas e proporcionaram menos reflexões do que as que teve com os cogumelos. Durante os efeitos do primeiro, se sentia cansado e querendo dormir mas não conseguia, o que gerava certa angústia. Para ele, os efeitos e aprendizados obtidos com a Ayahuasca foram semelhantes aos dos cogumelos. O colaborador 4 relata que se sente melhor ao consumir cogumelos pelo caráter “natural” da droga. Considera que, devido o LSD e Nbome serem sintéticos, estes podem causar mais danos do que uma substância natural. Na comparação do “depois” das experiências, avalia que com LSD os dias seguintes são de mal-humor e cansaço, o que não sente nos dias seguintes às experiências com os cogumelos “mágicos”.

É importante ressaltar que a nomeação e identificação da substância utilizada como “LSD” partiu dos colaboradores 1 e 2. Entretanto, não foi mencionado por nenhum deles a realização de testes ou uma fonte segura que garantisse que aquela substância era de fato LSD ou alguma outra substância similar ou análogas (NBOME, NBOH, DOX, DOC, entre outras). Essa incerteza quanto ao que está sendo utilizado é mais uma nuance do proibicionismo. Por conta da proibição, não há controle de qualidade ou garantia de que o que se comprou é de fato o que é dito que é. No Brasil vários usuários tem identificado, a partir de testes colorimétricos ou por fontes confiáveis, muitos NBOME vendidos como LSD, principalmente na forma de blotters - papel mata-borrão onde se pinga uma substância para consumo oral (Beserra, 2013).

Os colaboradores 2 e 4 alegam preferir cogumelo ao “LSD”, principalmente devido aos efeitos do pós-experiência e por se relacionarem melhor com as experiências do primeiro. As relações expostas aqui dos colaboradores com as substâncias (que embasaram suas comparações) não se configuram como uma regra. Essa foi a relação estabelecida por cada um, não necessariamente as experiências com cogumelos “mágicos” será “limpa” e no outro dia as pessoas se sentirão bem. É importante refletirmos também sobre o juízo de valor feito sobre as substâncias sintéticas e naturais, muitas vezes colocadas em lados opostos da balança. Substâncias naturais podem fazer tanto mal quanto sintéticas, assim como sintéticas podem fazer “bem” e proporcionar experiências agradáveis. Por conta disso não podemos

categoricamente afirmar que os cogumelos “mágicos” são mais saudáveis que o LSD, por exemplo.

5.2.2. Síntese das Unidades de Significado

A partir das narrativas apresentadas, é possível perceber a multiplicidade de sentidos que a experiência com o uso dos cogumelos “mágicos” pode proporcionar. Com os resultados, podemos perceber que o cogumelo “mágico” (psilocibina) assume diversos sentidos de acordo com cada indivíduo e com o momento existencial destes. Diversos fatores aparecem como influências nas experiências com cogumelos “mágicos” - crenças, atitudes, preferências, escolhas e motivações. A relação, inicialmente motivada pela curiosidade, foi assumindo sentidos mais consistentes no decorrer do uso. Percebemos uma maturação gerada pela frequência e qualidade do contato com a substância.

Os relatos nos possibilitaram perceber que os 4 colaboradores tem boa relação com o consumo, fazendo uso quando desejam. Indício de que essas pessoas teriam o controle sobre o uso de drogas e não o contrário. E, como no caso do colaborador 2, mesmo usando a droga de forma recorrente, a frequência foi modificada quando este avaliou que o uso da forma anterior não estava mais sendo necessário. Para alguns, assumiu valor terapêutico. Para outros, cumpre bem a função de sair da rotina e experienciar algo diferente (consumo hedonista). A droga seria então apenas um estímulo que leva a acessar, de modo mais rápido, outros estados de consciência.

O cogumelo “mágico” agiu intensificando aquilo que era próprio de cada um, possibilitando uma *awareness* que permitiu que as realidades significativas ficassem aparentes ao campo perceptivo (Yontef, 1998); é a formação de uma Gestalt na qual os fatores relevantes se tornam figura e se encaixam com respeito ao todo. As possibilidades emergem do campo de acordo com a disponibilidade e abertura do self. Os significados estabelecidos no momento existencial foram construídos a partir das vivências singulares e se mostraram fluidos, ou seja, podem mudar ao longo da vida.

6. Considerações Finais

Após as reflexões realizadas com a construção deste trabalho, podemos avaliar que a relação entre os sujeitos e os cogumelos “mágicos” é única, constituída na vivência dialética, em transformação constante. A função adotada por cada um se demonstrou fluida, de acordo com o contato exercido nas diversas situações experimentadas. Por mais que tenhamos encontrado significados em comum diante do cogumelo, cada usuário trouxe, a partir de sua narrativa, as singularidades da sua experiência. A pesquisa nos permitiu ainda conhecer quem são as pessoas que consomem cogumelos “mágicos” e a popularidade dessa droga. Ainda que a amostra seja limitada se comparada à população brasileira, este trabalho consiste em mais um passo para a construção de um perfil epidemiológico do uso de substâncias psicodélicas e especialmente dos cogumelos “mágicos”.

Os resultados da primeira fase da pesquisa ilustram um perfil inicial de consumidores de substâncias psicodélicas, que se mostra diverso e permeado por diversos recortes. Sendo o uso de drogas ainda hoje estigmatizado e a produção e divulgação de informações pelo Estado desestimulada (e porque não dizer boicotada, vide a tentativa de censura pelo Governo Federal à divulgação dos dados do III LNUD), dados concretos podem ajudar na ressignificação de crenças e preconceitos sobre a temática. Os estudos que trazem informações sobre os consumidores e o consumo de psicodélicos podem contribuir para que o Estado implemente políticas públicas de conscientização e controle de qualidade dessas drogas a partir dos princípios da Política de Redução de Danos, visando garantir uma experiência mais segura para aquelas pessoas que desejam fazer uso.

Diante das narrativas dos colaboradores, podemos concluir que usar drogas, para eles, não é uma questão de infringir normas, ser influenciado por algo ou alguém ou apenas ter um comportamento diferente do comum (Venturi, 2017). Segundo as vivências compartilhadas aqui, as experiências com os cogumelos “mágicos” ocorreram a partir de julgamentos, observações e análise conscientes mediadas pela autonomia. Os colaboradores demonstraram ter alguma noção sobre os efeitos e possíveis riscos, construída a partir de busca voluntária por informações. A diversidade de significados que emergiram sobre os cogumelos “mágicos” reflete a experiência singular de usar e se relacionar com a droga.

Apesar de serem consideradas as drogas mais seguras da medicina quanto aos aspectos farmacológicos, as experiências com psicodélicos demandam cuidados em relação ao risco de toxicidade psicológica e à compreensão das experiências difíceis. Percebemos também o

quanto a política proibicionista, na forma do obscurantismo científico, pode afetar a experiência subjetiva de usar drogas, representado nos discursos pela insegurança diante da falta de informações sobre os efeitos e possíveis riscos. Os colaboradores se sentiram mais seguros e preparados para a experiência após buscarem informações sobre os efeitos e possibilidades, o que maximiza a chance de uma experiência segura.

Dos quatro colaboradores, dois (C2 e C4) relataram efeitos terapêuticos obtidos durante e após a experiência, o que corrobora com os estudos apresentados ao longo da pesquisa e as conclusões recentes dos estudos da MAPS, COMPASS Pathways e do Instituto Usona. Entretanto, não podemos generalizar as conclusões e dizer que toda experiência com cogumelos “mágicos” será de fato terapêutica, como já apontado na discussão sobre integração. A postura do sujeito frente a experiência psicodélica possibilitará um contato potente e mobilizador, que dará base para que a vivência seja reconhecida como terapêutica por quem a viveu. O reconhecimento dos efeitos terapêuticos perpassou principalmente a reflexão sobre o ser-no-mundo, sua relação com o campo e com as outras pessoas. Percebemos que os cogumelos “mágicos” podem proporcionar efeitos terapêuticos mesmo em contextos não-clínicos e não-ritualísticos.

O método fenomenológico permitiu acessar a experiência vivenciada por cada sujeito a partir de suas próprias palavras, facilitando a elaboração de sentido para os narradores. Foi o estar com o outro que possibilitou a compreensão das narrativas. A construção dessa relação permitiu aos pesquisadores se aprofundarem nos relatos de experiência e mergulhar no mundo mágico da psilocibina.

Aqui, nos propomos a compreender a experiência do consumo de psilocibina para estimular que novos estudos possam ser realizados a partir da ótica dos consumidores da substância, com o intuito de promover a Educação em Saúde e o empoderamento desse grupo. Pudemos observar a diversidade dos tipos de consumidores e das relações que podem ser estabelecidas, além de refletir sobre as capacidades terapêuticas da droga. Além disso, observamos a crença na influência da intencionalidade e do estado emocional dos sujeitos na experiência, ilustrado pelos relatos dos colaboradores e pelos diversos estudos apresentados no presente trabalho.

O ser humano no mundo é um ser vivo e dinâmico cuja a vida surge de seu próprio processo de contato, lugar onde surge a relação criadora de sentido. Partindo de uma compreensão holística e dos significados evocados nessa pesquisa, é possível afirmar que na

realidade dinâmica da vivência dessas pessoas, a droga é mais uma figura frente ao fundo que é a vida destas, de acordo com as necessidades do momento. A postura do gestalt-terapeuta diante do fenômeno do uso, nos diversos settings (clínica ampliada, atendimento individual, atendimento em grupo), deve ser de acolhimento e compreensão, contribuindo para fortalecer a autonomia e a capacidade de produção do *clinamen*. Precisamos ter consciência também de que os discursos que surgiram na pesquisa se referem a um momento existencial. Por não se esgotar a compreensão do fenômeno, é preciso sempre manter viva a interrogação sobre ele e a abertura para compreendê-lo nas suas diversas nuances.

Foi a partir do conhecimento construído através das experiências “amadoras” que muito das pesquisas psicodélicas partiram para a construção do caminho de validação do uso de psicodélicos pela ciência. Apesar disso, não podemos esquecer que diversas das substâncias hoje pesquisadas (a exemplo dos cogumelos “mágicos”) já são usadas a centenas de anos e suas propriedades terapêuticas são observadas na prática. É fundamental reconhecer o papel político do Movimento Psicodélico, que sempre tensionou o proibicionismo e os ideais capitalista de meritocracia e individualismo, propondo uma nova forma de se relacionar com o mundo. Dessa forma, também pontuamos a importância da valorização dos saberes tradicionais construídos pelos povos originários e os saberes construídos pelos milhares de psiconautas espalhados pelo mundo.

Para lidar com a questão das drogas, é importante romper com o moralismo, a hipocrisia social e a ignorância em torno do tema. Observamos a completa ineficácia das políticas proibicionistas, uma vez que o uso de drogas só cresce e o tempo mostra que é improvável eliminá-lo da humanidade. Precisamos refletir sobre o porquê de se insistir em estratégias que se mostram ineficazes e insustentáveis do ponto de vista ético e da saúde. A que se propõe a “Guerra às Drogas”? A atuação dessa política se mostra em práticas higienistas e autoritárias com o intuito “velado” de controle dos corpos e de normalização do diferente. Propomos aqui lidar com as drogas pautados no direito à liberdade de escolha dos sujeitos e em seu protagonismo e autonomia, dando maior visibilidade ao usuário como sujeito de direitos e saberes, aproximando-se destes e de seus contextos de vida para dar espaço para os seus saberes.

Para tal, e para avançar o debate no campo acadêmico e social sobre os psicodélicos e as drogas como um todo, o primeiro passo é o fim do proibicionismo. Frente a isso, propomos o caminho da informação para garantir a experiência segura para o usuário e a compreensão

ampla do que são “drogas” e do que é usar drogas. Informações sobre os prós e contras, os efeitos benéficos e adversos e as finalidades - visando uma escolha consciente e autônoma – assim como o respeito ao diferente.

Acreditamos que é de suma importância realizar pesquisas relacionadas ao consumo de cogumelos “mágicos” e do uso da psilocibina como recurso terapêutico no Brasil, acompanhando os avanços científicos da pesquisa psicodélica no mundo. Junto a isso, a necessidade de se pensar políticas públicas voltadas especificamente para a classe dos psicodélicos, no intuito de atender as necessidades específicas desse tipo de substância. Entretanto, não apenas os usos terapêuticos em contexto clínicos são legítimos. É preciso garantir o direito aos usos religiosos e sociais dos psicodélicos. Para nós, pensar as noções de autonomia do uso de psicodélicos é um caminho interessante que dialoga com a Gestalt-Terapia e a ética do cuidado da Redução de Danos, na direção de ampliar os conhecimentos sobre os psicodélicos e a responsabilidade visando o uso mais seguro. Pensando meios e compartilhando informações para estimular a autonomia desses usuários.

Encontramos como desafio para a realização da pesquisa a baixa produção de trabalhos científicos na área, envolvendo a Gestalt-Terapia e o estudo fenomenológico dos psicodélicos. Sugerimos que sejam realizadas pesquisas mais aprofundadas sobre o uso terapêutico dos psicodélicos como um todo, assim como reconhecemos a importância de aprofundar a pesquisa psicodélica a partir da Gestalt-Terapia, visando contribuir para o arcabouço teórico da teoria e a construção dialética de seus conceitos. Até o presente momento, apenas a Ayahuasca e a maconha são estudadas de forma aprofundada no país. Além disso, propomos a construção de um perfil epidemiológico do consumo de cogumelos “mágicos” e de outros psicodélicos, com o objetivo de coletar informações para subsidiar o planejamento de políticas e ações sociais e de saúde em nosso país voltada para os consumidores de drogas.

Para a Psicologia – e os demais cursos de formação em Saúde Mental - propomos que uma nova abordagem sobre as drogas seja introduzida nas grades curriculares dos cursos do país e na formação do “ser psicólogo”, pautando as futuras atuações destes na PRD a partir de uma abordagem humanizada e empática, permitindo uma compreensão real do uso de drogas. É necessário proporcionar ferramentas que possibilitem e estimulem a empatia e a abertura para o mundo, permitindo maior consideração quanto à liberdade de escolha do outro.

REFERÊNCIAS

- Alexander, B. K., Coombs, R. B., & Hadaway, P. F. (1978). The effect of housing and gender on morphine self-administration in rats. *Psychopharmacology*, 58(2), 175–179. <https://dx.doi.org/10.1007/BF00426903>.
- Alves, V.S. (2009). Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. *Cad Saude Publica*, 25(11):2309-2319. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://ref.scielo.org/tnvpph>.
- Anderson, B. (2006). Psychedelic psychotherapy: the ethics of medicine for the soul. *Penn Bioethics Journal*, 2, 9-12.
- Anthony, J. C., Warner, L. A., & Kessler, R. C. (1994). Comparative epidemiology of dependence on tobacco, alcohol, controlled substances, and inhalants: Basic findings from the National Comorbidity Survey. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 2(3), 244–268. <https://dx.doi.org/10.1037/1064-1297.2.3.244>
- Baggot, M. J. (1996). Psilocybin's effects on cognition: recent research and its implications for enhancing creativity. *Newsletter of the Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies (Winter)*, 7, 10-11.
- Barros, A. & Peres, M. (2011). Proibição da maconha no Brasil e suas raízes históricas escravocratas. *Revista Periferia*. Volume III, Número 2.
- Bastos, F. I. P. M. et al. (Org.). (2017). III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira. 528 p. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT.
- Brasil. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional (2014). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen. Santos, T. org. & Rosa, M. I. colab. et al. Brasília.
- Brasil. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional (2018). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen Mulheres. 2ª edição. Santos, T. org. & Rosa, M. I. colab. et al. Brasília.
- Brasil. Ministério da Saúde/SNVS. (1988). Portaria nº344 de 12 de maio de 1998 - Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/hotsite/talidomida/legis/portaria_344_98.pdf,
- Belmino, M. C. (2014). Fritz Perls e Paul Goodman - Duas Faces da Gestalt-Terapia. Fortaleza: Premium.
- Bessa, P. S. (2012). Gestalt-Terapia e cuidado em saúde mental: Um diálogo possível e necessário. *Revista IGT na Rede*. V.9; no 17; p.210-222.

- Beserra, F. R. (2011). *Uso contemporâneo do Badoh Negro: uma visão junguiana*. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida.
- Beserra, F. R. (25 de out. de 2013). *Seu Doce/Ácido era LSD ou NBOMe?* <https://hempadao.com/seu-doce-acido-era-bsd-ou-nbome/>
- Berlant, S. R., 2005. The entheomycological origin of Egyptian crowns and the esoteric underpinnings of Egyptian religion. *Journal of Ethnopharmacology*, 102, 275-288.
- Boiteux, L. (2015). *Brasil: reflexões críticas sobre uma política de drogas repressiva*. Revista Internacional de Direitos Humanos. Ed. 21.
- Brissac, S. G. T. (2008). *Mesa de Flores, Missa de Flores: os Mazatecos e o catolicismo no México contemporaneo*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Canoletti, B. & Soares, C. B. (2005). Drug consumption prevention programs in Brazil: analysis of the scientific production from 1991 to 2001. *Interface (Botucatu)*; 9(16):115-129. São Paulo.
- Carhart-Harris R.L., Erritzoe D., Williams T., Stone, J.M., Reed L.J., Colasanti A. et al. (2012). Neural correlates of the psychedelic state as determined by fMRI studies with psilocybin. *Proc Natl Acad Sci U S A*;109(6):2138–43. <https://dx.doi.org/10.1073/1119598109>.
- Carhart-Harris, R. L., Roseman, L., Bolstridge, M., Demetriou, L., Pannekoek, J. N., Wall, M. B., Nutt, D. J. (2017). Psilocybin for treatment-resistant depression: fMRI-measured brain mechanisms. *Scientific reports*, 7(1), 13187. <https://dx.doi.org/10.1038/s41598-017-13282-7>.
- Carhart-Harris, R. L., Bolstridge, M., Day, C. M. J. et al. (2018). Psilocybin with psychological support for treatment-resistant depression: six-month follow-up. *Psychopharmacology*, Volume 235, Issue 2, pp 399–408. <https://dx.doi.org/10.1007/s00213-017-4771-x>.
- Carneiro, H. (2005). *A odisséia psiconáutica: A História de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas*. In: Labate, B. C.; Goulart, S. L. *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado das Letras: Fapesp.
- Carneiro, A. S. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo: USP.
- Carter, O. L., Pettigrew, J. D., Burr, D. C., Alais, D., Harsler, F., Vollenweider, F. X. (2004). Psilocybin impairs high-level but not low-level motion perception. *NeuroReport*, 15, 1947-1951.
- Center Watch. (2020). *What is Clinical Research?* <https://www.centerwatch.com/clinical-trials/overview>.
- Coelho, H. V., Soares, C. B. (2014). *Práticas na Atenção Básica voltadas para o consumo prejudicial de drogas*. 48(Esp):111-119. USP: Rev Esc Enferm.

- COMISSÃO LATINO-AMERICANA SOBRE DROGAS E DEMOCRACIA. (2009). Drogas e Democracia: rumo a uma mudança de paradigma. Disponível em: <https://cetadobserva.ufba.br/pt-br/publicacoes/drogas-e-democracia-rumo-uma-mudanca-de-paradigma-comissao-latino-americana-sobre-drogas>
- COMPASS Pathways. (23 de out. de 2018). COMPASS Pathways receives FDA Breakthrough Therapy designation for psilocybin therapy for treatment-resistant depression. <https://compasspathways.com/compass-pathways-receives-fda-breakthrough-therapy-designation-for-psilocybin-therapy-for-treatment-resistant-depression-2/>
- Delay J., Pichot P., & Nicolas-Charles P. (1959). Premiers essais de la psilocybine en psychiatrie. *Neuro-Psychopharmacology*.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 371-378.
- Escobar, J. A. C. (2008). Observação e exploração da percepção visual e do tempo em indivíduos sob o estado ampliado de consciência após o consumo de cogumelos “mágicos”. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva. Recife: UFPE.
- Escotado, A. (1989). *Historia de las Drogas*. Madri: Alianza Editorial.
- Escotado, A. (2004). *Historia Elementar das Drogas*. Lisboa: Antígona.
- Food and Drug Administration – FDA*. (04 de jan. de 2018). Breakthrough Therapy. <https://www.fda.gov/patients/fast-track-breakthrough-therapy-accelerated-approval-priority-review/breakthrough-therapy>
- Ferraz, V., & Azevedo, C. (2010). *Psilocibina: Possibilidades terapêuticas do cogumelo psicodélico*. Departamento de Psicologia. Belo Horizonte: PUC-MG.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC.
- Folange, É. (1972a). As pedras-cogumelos. In *Mandala: a experiência alucinógena*. p. 214-221. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.
- Folange, É. (1972b). Eles viram milhares de Deuses. In: Bailly, J.-C. e Guimard, J.-P. (eds). *Mandala: a experiência alucinógena*. p. 203-213. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Fonsêca, C. J. B. (2012). Conhecendo a redução de danos enquanto uma proposta ética. *Psicologia & Saberes*. 1(1):11-36. <https://doi.org/10.3333/ps.v1i1.43>
- Fonseca, E; Bastos, F. I. (2005). Políticas de Redução de Danos em Perspectiva: Comparando as Experiências Americana, Britânica e Brasileira. In: Acselrad, G. 2a edição. *Avessos do Prazer: Drogas, AIDS e Direitos Humanos*. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ. pp. 1-25.

- Forghieri, Y. C. (1997). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Forte, R. (1997). *Entheogens And The Future Of Religion*. San Francisco: CSP.
- Fukumitsu, K. O., Cavalcante, F., & Borges, M. S. (2009). O cuidado na Saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. *Rev Estu Pesq Psicol*;9(1):172-82.
- Gable, R. S. (2004). Comparison of acute lethal toxicity of commonly abused psychoactive substances. *Addiction* 99, 686–696. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1360-0443.2004.00744.x>
- Galduróz, J. C. F., Figlie, N. B., & Carlini, E. A. (1994). Repressão às drogas no Brasil: a ponta do “iceberg”? n. 43. p. 367-371. São Paulo: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*.
- Galduróz, J. C. F., Noto, A. R., Nappo, S. A., & Carlini, E. A. (2004). Trends in drug use among students in Brazil: analysis of four surveys in 1987, 1989, 1993 and 1997. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 37, 523-531.
- Gasser, P., Kirchner, K. & Passie, T. (2014). LSD-assisted psychotherapy for anxiety associated with a life-threatening disease: A qualitative study of acute and sustained subjective effects. *Journal of Psychopharmacology*. 1-12. <https://dx.doi.org/10.1177/0269881114555249>. UK.
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma Terapia do Contato*. São Paulo: Summus.
- Griffiths R.R., Richards W. A., McCann, U., & Jesse, R. (2006). Psilocybin can occasion mystical type experiences having substantial and sustained personal meaning and spiritual significance. *Psychopharmacology*, vol.187, nº3. EUA: Johns Hopkins University School of Medicine.
- Grinspoon, L. & Bakalar, J. (1979). *Psychedelic drugs reconsidered*. Nova York: Basic Books.
- Grob, C. S. (1998). Psychiatric research with hallucinogens: What have we learned? *The Heffter Review of Psychedelic Research*, 1, 8-20.
- Grob, C. S., Danforth, A. L., Chopra, G. S., Hagerty, M., McKay, C. R., Halberstadt, A. L., Greer, G. R. (2010). Pilot Study of Psilocybin Treatment for Anxiety in Patients With Advanced-Stage Cancer. *Arch Gen Psychiatry*. 2011 Jan;68(1):71-8. <https://dx.doi.org/10.1001/archgenpsychiatry>.
- Grof, S. (1970). Subjective experiences during the LSD training session. Disponível em: <https://www.maps.org>
- Grof, S. (1980). *LSD psychotherapy*. Pomona, CA: Hunter House.
- Grof, S. (1987). *Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia*. São Paulo: McGraw-Hill.

- Grof, S. (2000). *Psicologia do futuro: lições das pesquisas modernas da consciência*. Niterói, Rio de Janeiro: Heresis.
- Grof, S. (2008). *LSD Psychotherapy*. Ben Lomond, CA: Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies.
- Grof, C., Grof, S. (1996). *Sede de Plenitude: apego, vício e caminho espiritual*. P. Ribeiro (trad). Rio de Janeiro: Rocco.
- Grof, S., Grof C. (1990). *A tempestuosa busca do ser*. São Paulo: Cultrix.
- Grof, S., Halifax, J. (1977). "Chapter 2: The History of Psychedelic Therapy with the Dying". *The Human Encounter with Death*. New York: E.P. Dutton.
- Guzmán, G., Allen, J. W., & Gartz, J., 2000. A worldwide geographical distribution of neurotropic Fungi: a analysis and discussion. *Anna. Mus. Civ. Rovereto*, 14, 189-280.
- Hart, C. (2014). *Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hartogsohn, I. (2018). The meaning-enhancing properties of psychedelics and their mediator role in psychedelic therapy, spirituality, and creativity. *Front. Neurosci.* 12:129. doi: 10.3389/fnins.2018.00129
- Heim, R & Wasson, R. G. (1972). *A loucura dos Kumas*. In *Mandala: a experiência alucinógena*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 251-271.
- Hofmann, A., Frey, A., Ott, H., Petrzilka, T. & Troxler, F. (1958). Elucidation of the structure and the synthesis of psilocybin. *Nov 15;14(11):397-9*. Alemanha: Experientia. <https://dx.doi.org/10.1007/bf02160424>
- Hofmann, A., Heim, R., Brack, A. & Kobel, H. (1958). Psilocybin, a psychotropic substance from the Mexican mushroom *Psilocybe mexicana*. *Mar 15;14(3):107-9*. Alemanha: Experientia. <https://dx.doi.org/10.1007/bf02159243>
- Hofmann, A. (1983). *LSD, my problem child: Reflections on sacred drugs, mysticism, and science*. Los Angeles: J.P. Tarcher.
- Hollister, L. E. (1961). Clinical, biochemical and psychologic effects of psilocybin. *Archives of International Pharmacodynamic Therapy*, 130, 42-52.
- Holmes, D. S. (1997). *Psicologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Hosri, C. M. (1984). *Prática do treinamento autógeno e LSD*. São Paulo: Martin Claret.
- Husserl, E. (1950). *Idées directrices pour une phenomenologie*. Paris: Gallimard.
- Isbell, H. (1959). Comparison of the reactions induced by psilocybin and LSD-25 in man. *Psychopharmacologia*, 1, 29-38.

- Isbell, H., Wolbach, A.B., Wikler, A. & Miner, E. J. (1961). Cross tolerance between LSD and psilocybin. *Psychopharmacologia* 2, 147–159. <https://doi.org/10.1007/BF00407974>
- James, W. (1991). *As Variedades da Experiência Religiosa*. São Paulo: Cultrix.
- Jerome, L.; Mojeiko, V.; Doblin, R. (2020). Afterword: The Psychedelic Research Renaissance - a review of recent psychedelic psychotherapy reasearch. MAPS: EUA.
- Johnson, M. W., Garcia-Romeu, A., & Griffiths, R. R. (2016): Long-term follow-up of psilocybin- facilitated smoking cessation, *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, <https://dx.doi.org/0.3109/00952990.2016.1170135>.
- Jung, C. G. (1985). *O eu e o inconsciente*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes.
- Karam, Maria Lúcia. *Proibições, Riscos, Danos e Enganos: as Drogas Tornadas Ilícitas*. Vol 3. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.
- Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual / Fred N. Kerlinger; [tradução Helena Mendes Rotundo; revisão técnica José Roberto Malufe]*. São Paulo: EPU: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo.
- Labate, B. C., 2004. *A reinvenção da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, São Paulo, Fapesp, 9-535.
- Laranjeira, R. (supervisão) [et al.] (2014). *II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD)*. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e outras Drogas (INPAD). São Paulo: UNIFESP.
- Leary, T. (1955). theory and measurement methodology of interpersonal communication. *Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes*, 18, 147-161.
- Leary, T.; Alpert, R. & Metzner, R. (1964). *The Psychedelic Experience: A Manual Based on the Tibetan Book of the Dead*. Estados Unidos da América:
- Leary, T. (1966). Programmed communication during experiences with DMT (dimethyl-tryptamine). *Psychedelic Review* n. 8, 83-95.
- Leary, T. (1999). *Flashbacks “surfando no caos”: uma autobiografia*. São Paulo: Beca Produções Culturais.
- Lyons, T., & Carhart-Harris, R. L. (2018). Increased nature relatedness and decreased authoritarian political views after psilocybin for treatment-resistant depression. *Journal of Psychopharmacology*, 32(7), 811–819. <https://dx.doi.org/10.1177/0269881117748902>
- Lunardon, J. A. (2015). “*Ei polícia maconha é uma delícia*”: o proibicionismo das drogas como uma política de criminalização social. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/129000>

- Maciel, M. E.; Vargas, D. (2015). Redução de danos: uma alternativa ao fracasso no combate às drogas. *Cogitare Enferm.* v. 20, n°. 1, p. 207-10. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/js/index.php/cogitare/article/view/37728>
- Macrae, E. J. B. N., Gorgulho, M. (2003) Redução de danos e tratamento de substituição: posicionamento da Rede Brasileira de Redução de Danos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 52, 363-370.
- Malaguth, M. In: Orgler, S., Lima, P., & D'acri, G. (2007). *Dicionário de Gestalt-Terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus.
- Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies – MAPS. (26 de ago. de 2017). PRESS RELEASE: FDA Grants Breakthrough Therapy Designation for MDMA-Assisted Psychotherapy for PTSD, Agrees on Special Protocol Assessment for Phase 3 Trials. <https://maps.org/news/media/6786-press-release-fda-grants-breakthrough-therapy-designation-for-mdma-assisted-psychotherapy-for-ptsd,-agrees-on-special-protocol-assessment-for-phase-3-trials>
- Martins, E. R., e Corrêa, A. K. (2004). Lidar com substâncias psicoativas: o significado para o trabalhador de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12, 398-405.
- Marx, M. & Hillix, W. (1978). *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- McKenna, D. J. & Peroutka, S. J. (1989). Differentiation of 5-hydroxytryptamine receptor subtypes using ¹²⁵I-R- (-)2,5-dimethoxyphenylisopropylamine, (¹²⁵I(-R(-)DOI) and 3 H-ketanserin. *Journal of Neuroscience*, 9, 3482-3490.
- Mendonça Filho, F. P. (2010). Os discursos acerca das drogas e os idiomas experienciais de consumidores na cidade do Rio de Janeiro: apontamentos sobre a continuidade e descontinuidade no consumo de drogas. *Caderno de Antropologia Social*. V. 1; no31; p.145-58.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mithoefer, M. (2001). MDMA-assisted psychotherapy in the treatment of posttraumatic stress disorder (PTSD): protocol submitted to FDA on October 1. *Multidisciplinary Approach of Psychedelic Studies*, XI, 3-4.
- Mithoefer, M.C., Mithoefer, A. T., Feduccia, A. A., Jerome, L., Wagner, M., Wymer, J. et al. (2018). 3,4-methylenedioxymethamphetamine (MDMA)-assisted psychotherapy for post-traumatic stress disorder in military veterans, firefighters, and police officers: a randomised, double-blind, dose-response, phase 2 clinical trial. *Lancet Psychiatry*. 5(6):486–97.
- Monteiro, N. M. O ser terapeuta humanista-existencial e sua postura na psicoterapia infantil. In: *Ser e existir: centro de estudo da pessoa*, [s.p.], [s.d.]. Disponível em: <https://slidex.tips/download/o-ser-terapeuta-humanista-existencial-e-sua-postura-na-psicoterapia-infantil>

- Moraes, J. V. D. (2018). *A viagem de volta: cogumelos e cogumeloidades no processo da vida*. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Juiz de Fora, Brasil: UFJF.
- Moreira, N. M. (2015). *Eu, drogado?! Um olhar gestaltista para a pessoa que usa substâncias psicoativas ilícitas*. Brasília: Universidade Católica de Brasília.
- Moreno, F. A., Wiegand, C. B., Taitano, E. K., & Delgado, P. L. (2006). Safety, tolerability, and efficacy of psilocybin in 9 patients with obsessive-compulsive disorder. *Journal of Clinical Psychiatry*, 67, 1735-1740.
- Moura, R. A. C. (2004). *O diálogo entre as políticas, as pesquisas acadêmicas e a práxis de prevenção ao indevido de drogas nas escolas [dissertação]*. São Paulo (SP): Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica.
- Muller-Granzotto, M. J. & Muller-Granzotto, R. L. (2012). *Clínicas Gestálticas: O sentido ético, político e antropológico da teoria do self*: São Paulo, Summus.
- Naranjo, C. (2001). Experience with the Interpersonal Psychedelics. In: *Ecstasy: The Complete Guide: A Comprehensive Look at the Risks and Benefits of MDMA*, editado por Julie Holland, M.D., p. 208-221. Rochester, VT: Park Street Press. Disponível em: https://claudionaranjo.net/pdf_files/psychedelics/experience_with_the_interpersonal_psychedelics_english.pdf
- National Institute of Health – NIH. (07 de mar. de 2019). *A Study of Psilocybin for Major Depressive Disorder (MDD)*. Disponível em <https://clinicaltrials.gov/ct2/show/NCT03866174>
- Nichols, D. E. (2004). Hallucinogens. *Pharmacology and Therapeutics*, 101, 131-181.
- Nutt, D. J., King, L. A., & Phillips, L. D. (2010). Drug harms in the UK: a multicriteria decision analysis. *The Lancet*, 376(9752), 1558–1565. [https://dx.doi.org/10.101/s0140-6736\(10\)61462-6](https://dx.doi.org/10.101/s0140-6736(10)61462-6).
- Nutt, D. J., Erritzoe, D. & Carhart-Harris, R. (2020). Psychedelic Psychiatry's Brave New World. *Cell* 181, April 2, p. 24-28. Londres: Imperial London College. <https://dx.doi.org/10.1016/j.cell.2020.03.020>.
- Oliveira, J. M. S. L. (2006). *Compreendendo a personalidade do dependente químico no enfoque da Gestalt-Terapia*. Brasília: Centro Universitário de Brasília.
- Oliveira, C. L. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Revista Travessias*, v. 2, n. 3, p. 1-16. e-ISSN 1982-5935. Cascavel: UNIOESTE.
- ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (1961). *Convenção Única sobre Entorpecentes*. Disponível em: http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/convencao_unica_1961_sobre_estupefacientes.pdf

- ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (2019) Human Rights Watch. EUA. Disponível em: <http://www.hrw.org>
- Organização Mundial de Saúde (1993). Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. D. Caetano (trad.), 1ªed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Osmond, H. (1972). Sobre alguns efeitos clínicos. In Bailly, J.-C. e Guimard J.-P. (Editores) *Mandala: a experiência alucinógena*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 42-69.
- Pádua (2016). “O processo de pesquisa”. Em E.M.M, Pádua, *Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática*. (18 ed.). Campinas, SP: Papirus.
- Palhano-Fontes, F.; Andrade, K. C.; Tofoli, L. F.; Santos, A. C.; Crippa, J. A. S.; Hallak, J. E. C. et al. (2015). The Psychedelic State Induced by Ayahuasca Modulates the Activity and Connectivity of the Default Mode Network. *PLoS ONE* 10(2): e0118143. <https://dx.doi.org/10.1017/S0033291718001356>
- Palhano-Fontes, F.; Barreto, D.; Onias, H.; Andrade, K. C.; Novaes, M. M. et al. (2018). Rapid antidepressant effects of the psychedelic ayahuasca in treatment-resistant depression: a randomized placebo-controlled trial. *Psychological Medicine*, [s.l.], p. 1-9.
- Passos, E. H.; Souza, T. P. (2011). Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas” *Psicologia & Sociedade*. v. 23, nº 1, p. 154-162. Disponível em: http://www.observasmjc.uff.br/psm/uploads/30-_REDU%C3%87%C3%83O_DE_DANOS_E_SA%C3%9ADE_P%C3%9ABLICA.pdf
- Pereira, M., Cardoso, L., Costa, L., Sampaio, V., & Oliveira, M. (2013). O consumo de álcool e outras drogas entre estudantes universitários. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas (Edição Em Português)*, 9(3), 105-110. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v9i3p105-110>.
- Perls, F. (1981). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Perls, F. S. (2002). *Ego, fome e agressão. Uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus.
- Perls, F., Hefferline, R., & Goodman, P. - PHG (1997). *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1981). *A Abordagem Gestáltica. Testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: LTC.
- Peroutka, S. J. (1994). 5-hydroxytryptamine receptor interactions of D-lysergic acid diethylamide. In Pletscher, A., Ladewig, D. (eds.), *50 years of LSD*. New York, The Parthenon Publishing Group, 19-26.
- Petuco, D. R. S. & Medeiros, R. G. (2009). Redução de danos: dispositivo da reforma? Disponível em: http://www.koinonia.org.br/bdv/detalhes.asp?cod_artigo=340&cod_boletim=31.

- Piñeiro, J. (2000). *Psiconautas: exploradores de la conciencia*. Madri: La Liebre del Marzo.
- Powdthavee, N and A J Oswald (2014), "Does money make people right-wing and inegalitarian: A longitudinal study of lottery winners", Warwick University Economics Working Paper 1039, February.
- Pratta, E. M. M; & Santos, M. A. (2009). O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. V.25; no 2; p.203-211.
- Quétin, A. M. (1960). *La Psilocibina en Psychiatrie et clinique expérimentale*. Tese de Doutorado.
- Reis, M. S. (2015). Cinema, Criminologia E Rock N' Roll: Uma Breve História Social Das Drogas. *Revista do Curso de Direito* v. 9 , nº17, 2015. p. 9-26. 2015.
- Reis, Carolina dos, Guareschi, Neuza Maria de Fátima, & Carvalho, Salo de. (2014). Sobre jovens drogaditos: as histórias de ninguém. *Psicologia & Sociedade*, 26(spe), 68-78. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000500008>
- Rocha, A. P. (2013). Proibicionismo e a criminalização de adolescentes pobres por tráfico de drogas. *Revista Serviço Social & Sociedade*, n. 115, p. 561-580. São Paulo.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-Terapia: Refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2009). *Holismo, Ecologia e Espiritualidade*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2011). *Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisando o caminho*. São Paulo: Summus.
- Rigotto, S. D., & Gomes, W. B. (2002). Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. *Psicologia: Teoria de Pesquisa*. V. 18; no 1; p. 95-106.
- Rodrigues, S. (2019). *Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia (apostila do minicurso da Associação Psicodélica do Brasil)*. Rio de Janeiro: APB.
- Saad, L. G. (2013). 'Fumo de negro': a criminalização da maconha no Brasil (c. 1890-1932). *Dissertação*. UFBA.
- Salomé, F., Boyer, P., & Fayol, M. (2001). Los efectos de las sustancias psicoactivas y los neurolépticos sobre el lenguaje em sujetos normales y pacientes esquizofrênicos: una revisión. *European Psychiatry (edição espanhola)*, 8, 107-116.
- SAMHSA - Substance Abuse and Mental Health Services Administration (2014). *Results from the 2013 National Survey on Drug Use and Health: Summary of National Findings*, NSDUH Series H-48, HHS Publication No. (SMA) 14-4863. Rockville, MD: Substance Abuse and Mental Health Services Administration.
- Sanchez, Z. M., & Nappo, S. A. (2007). A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34(Suppl. 1), 73-81. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000700010>.

- Santos, V. E., Soares, C. B., Campos, C. M. S. (2010). Redução de danos: análise das concepções que orientam as práticas no Brasil. *Physis* 2010; 20(3):995-1015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v20n3/v20n3a16.pdf>
- Sato, V. A. H. (2011). Participação da serotonina no efeito tipo-antidepressivo induzido pela inibição da nNOS no hipocampo de ratos. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto: USP.
- Savater, F. (2000). *Ética como amor-próprio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Schenberg, E. (2020, Abril). Sintética ou natural? Quais os tipos de drogas [arquivo de vídeo]. Disponível em: <https://www.perestroika.com.br/online/vailaefica/>. Acesso em 18. abr. 2020.
- Schreiber, R., Brocco, M., Audinot, V., Gobert, A., Veiga, S., & Millan, M. J. (1995). (1-(2,5-dimethoxy-4-iodophenyl)-2-aminopropane)-induced head-twitches in the rat are mediated by 5-hydroxytryptamine (5-HT) 2A receptors: modulation by novel 5-HT antagonists, D1 antagonists and 5-HT 1A agonists. *Journal of Pharmacology Experimental Therapy*, 273, 101- 12.
- Schultes, R. E., Hofmann, A., & Rätsch, C. (2001). *Plants of the gods – their sacred, healing and hallucinogenic powers*. 2ª edição, Rochester-Vermont: Healing Arts Press.
- Schultes, R. E. (1963). Botanical sources of the New World narcotics. *The Psychedelic Review*, 2, 145-166.
- Sessa, B. (2017). *The psychedelic renaissance*, Ed. 2. Capítulo 10. Londres: Muswell Hill Press.
- Sewell, R.A., Halpern, J.H., & Pope, H.G Jr. (2006). Response of cluster headache to psilocybin and LSD. *Neurology*.
- Shepherd, G. M. (1994). Central systems: the nature of central systems. In *Neurobiology*, third edition, New York, Oxford University Press, 532-537.
- Siegel, R. K. (2005). *Intoxication: the universal drive for mind-altering substances*. Park Street Press. Retrieved from: <http://www.simonandschuster.com/books/Intoxication/Ronald-K-iegel/9781594770692>.
- Silveira, D. X., & Moreira, F. G.; (2006). Reflexões preliminares sobre a questão das substâncias psicoativas. In Silveira, D. X.; Moreira, F. G.; Orgs. (2006). *Panorama atual de drogas e dependências*. São Paulo: Atheneu.
- Silveira, D. X. (2002). *Drogas: uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências*. 3ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Simões, J. A. (2008). Prefácio in Labate, B. C. et al. (orgs.) *Drogas e Cultura: novas perspectivas – Salvador: EDUFBA*.

- Singer, R. (1958). Mycological investigations on Teonanácatl, the mexican hallucinogenic Mushroom. Part I. The history of Teonanácatl, field work and culture work. *Mycologia*, 50, 239-261.
- Sodelli, M. (2015). A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3 p. 637-644, 2010.
- Souza, M. L e Gomes, W. B. (2003). Evidência e interpretação em pesquisa: as relações entre qualidades e quantidades. *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. 2, p. 83-92. Maringá.
- Spitzer, M., Thimm, M., Hermle, L., Holzmann, P., Kovar, K. A., Heimann, H., Gouzouly-Mayfrank, E., Kischka, U., Schneider, F. (1996). Increased activation of indirect semantic associations under psilocybin. *Biological Psychiatry*, 39, 1055-1057.
- Stafford, P. (1992). *Psychedelics Encyclopedia*. Ronin Publishing: EUA. ISBN 0914171518.
- Stamets, P. (1978). *Psilocybe Mushrooms & Their Allies*. Homestead Book Company: EUA. ISBN 0930180038
- Stijve, T., & Meijer, A. A. R. (1993). Macromycetes from the state of Paraná, Brazil. 4. The psychoactive species. *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, 36, 313-329.
- Strassman, R. J. (1996). Human psychopharmacology of N,N-dimethyltryptamine. *Behavioral Brain Research*, 73, 121-124.
- Strassman, R. J. & Qualls, C. R. (1994). Dose-response study of N,N-dimethyltryptamine in humans. I. Neuroendocrine, autonomic and cardiovascular effects. *Archives of General Psychiatry*, 51, 85-97.
- Swift, R. M., & Lewis, D. C. (2009). *Farmacologia da Dependência e Abuso de Drogas. Princípios Da Farmacologias - A Base Fisiopatológica Da Farmacoterapia*, 260–278. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Farmacologiadadependenciaeabusod edrogas.pdf>
- Thal, S. B.; Lommen, M. J. J. (2018). "Current Perspective on MDMA-Assisted Psychotherapy for Posttraumatic Stress Disorder". *Journal of Contemporary Psychotherapy*. 48 (2): 99–108. <https://dx.doi.org/10.1007/s10879-017-9379-2>. ISSN 0022-0116. PMC 5917000. PMID 29720767
- Tenório, C. M. D. (2005). O “self” e o “eu” nos transtornos histriônico e obsessivo compulsivo da personalidade. Instituto de treinamento e pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (Anais). XI Encontro Goiano da Abordagem gestáltica –Presença e Existência. pp. 187-210. Goiânia.
- Tylš, F., Páleníček, T., and Horáček, J. (2014). Psilocybin–summary of knowledge and new perspectives. *Eur. Neuropsychopharmacol.* 24, 342–356. <https://dx.doi.org/10.1016/j.euroneuro.2013.12.006>

- UOL. (07 de mar. de 2019). EUA liberam spray nasal para depressão. Quando chega aqui? Como usar? <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2019/03/07/spray-nasal-para-tratar-depressao-sera-comercializado-no-brasil-em-breve.htm>
- van Amsterdam, J., Opperhuizen, A., and van den Brink, W. (2011). Harm potential of magic mushroom use: a review. *Regul. Toxicol. Pharmacol.* 59, 423–429. <https://dx.doi.org/10.1016/j.yrtph.2011.01.006>
- Venturi, Gustavo. (2017). Consumo de drogas, opinião pública e moralidade: motivações e argumentos baseados em uso. *Tempo Social*, 29(2), 159-186. <https://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.126682>
- Wasson, R. G. (1961). *The Hallucinogenic Fungi Of Mexico – An Inquiry Into The Origins of The Religious Idea Among Primitive Peoples*. Botanical Museum Leaflets, EUA: Universidade de Harvard.
- Wasson, R. G., Hofmann, A., & Puck, A. (1980). *El camino a Eleusis: una solución al enigma de los misterios*. Ciudad del México, Fondo de Cultura Econômica.
- Weil, A. (1983). Foreword. In: *Psychedelics Enciclopedia: revision edition*. J.P. Tarcher.
- Weil, A. (1986). *Drogas e estados superiores de consciência*. São Paulo – Rio de Janeiro: Ground.
- Wiegand, C. W. (2003). Effects of psilocybin in obsessive-compulsive disorder: an update. *Multidisciplinary Approach of Psychedelic Studies*, XI, 14. Disponível em: https://maps.org/news-letters/v13n1/v13n1_14.pdf
- Wilber, K. (2000). *Psicologia integral: consciência, espírito, psicologia, terapia*. São Paulo: Cultrix.
- Wittmann, M., Carter, O., Harsler, F., Cahn, B. R., Grimberg, U., Spring, P., Hell, D., Flohr, H., Vollenweider, F. X. (2007). Effects of psilocybin on time perception and temporal control of behavior in humans. *Journal of Psychopharmacology*, 21, 50-64.
- Yontef, G. M. (1998). *Processo, diálogo e awareness*. São Paulo: Summus.
- Zinker, J. (2007). *Processo Criativo em Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento disponibilizado no Google Forms

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: Teonanácatl (A carne dos deuses): relatos de experiências com cogumelos “mágicos” sob a perspectiva gestáltica.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marísia Oliveira da Silva, professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba(UFPB).

Orientando: Cauê Pinheiro Costa de Alencar, graduando em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba(UFPB).

Prezado(a) participante.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: “A carne dos deuses”, experiências com cogumelos “mágicos” sob a perspectiva gestáltica, que será o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC de graduação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, de Cauê Pinheiro Costa de Alencar, sob orientação da Prof^a Dr^a Marísia Oliveira da Silva. O estudo tem por finalidade compreender como se dá o consumo de cogumelos “mágicos” em contextos não ritualísticos a partir da própria pessoa que faz uso. A pesquisa consta de duas etapas: a) aplicação de questionário sociodemográfico e do “Questionário sobre substâncias psicoativas”; b) entrevista individual acerca do uso de cogumelos “mágicos”.

Objetivo geral da pesquisa

Compreender a experiência dos sujeitos que fazem uso de cogumelos “mágicos” em contextos não ritualísticos e observar os impactos das experiências com a psilocibina na saúde e na vida do sujeito, avaliando se houve mudanças de hábitos e perspectivas que possibilitam a este se rever como ser-no-mundo.

Objetivos específicos da pesquisa

1. Levantar um perfil epidemiológico da população brasileira sobre o uso de psicodélicos e o conhecimento desta acerca da psilocibina;
2. Compreender as percepções da pessoa que usa substâncias psicoativas a respeito do seu uso;
3. Avaliar se há possibilidades terapêuticas no uso da psilocibina;

4. Identificar possíveis relações entre a intencionalidade e o estado emocional dos sujeitos e a experiência subjetiva durante e após o uso de cogumelos “mágicos” (psilocibina).

Informo que a presente pesquisa apresenta riscos mínimos previsíveis tais como desconforto em relação às respostas e a possibilidade de que a experiência possa mobilizar questões existenciais. Esses possíveis eventos serão minimizados, tendo em vista a possibilidade de o processo ser interrompido a qualquer momento. Todas as medidas serão tomadas para assegurar a confidencialidade e a privacidade dos seus dados pessoais, e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada e apresentação em eventos científicos.

Para mais informações ou qualquer dúvida que você tenha em relação à sua participação pode e deve ser esclarecida junto aos pesquisadores responsáveis:

Cauê Pinheiro Costa de Alencar (caue.alencar@gmail.com – (83) 99889-1676) e
Marísia Oliveira da Silva (anjosimar@gmail.com - (83) 98800-8332).

No endereço Rua Tabelaio José Ramalho Leite, 1425, Apt. 104, Residencial Thereza Almeida, Bairro Cabo Branco, João Pessoa – PB, CEP 58045-230 e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde, localizado na Universidade Federal da Paraíba, Campus I, Cidade Universitária, 1º Andar, CEP 58051-900, Bairro Castelo Branco, João Pessoa – PB, telefone (83) 3216-7791, e-mail: eticaccsufpb@hotmail.com, com atendimento de segunda a sexta-feira das 08h00min. às 12h00min. e das 14h00min às 17h00min.

Anexo 2 – Termo de Consentimento apresentado na entrevista

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - ENTREVISTA

Título do Projeto: Teonanácatl (A carne dos deuses): relatos de experiências com cogumelos “mágicos” sob a perspectiva gestáltica.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marísia Oliveira da Silva, professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba(UFPB).

Orientando: Cauê Pinheiro Costa de Alencar, graduando em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba(UFPB).

Prezado(a) participante:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: “A carne dos deuses”, experiências com cogumelos “mágicos” sob a perspectiva gestáltica, que será o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC de graduação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, de Cauê Pinheiro Costa de Alencar, sob orientação da Prof^a. Dr^a Marísia Oliveira da Silva. O estudo tem por finalidade compreender como se dá o consumo de cogumelos “mágicos” em contextos não ritualísticos a partir da própria pessoa que faz uso. A pesquisa consta de duas etapas: a) aplicação de questionário sociodemográfico e do “Questionário sobre substâncias psicoativas”; b) entrevista individual acerca do uso de cogumelos “mágicos”.

Objetivo geral da pesquisa

Compreender a experiência dos sujeitos que fazem uso de cogumelos “mágicos” em contextos não ritualísticos e observar os impactos das experiências com a psilocibina na saúde e na vida do sujeito, avaliando se houve mudanças de hábitos e perspectivas que possibilitam a este se rever como ser-no-mundo.

Objetivos específicos da pesquisa

5. Levantar um perfil epidemiológico da população brasileira sobre o uso de psicodélicos e o conhecimento desta acerca da psilocibina;
6. Compreender as percepções da pessoa que usa substâncias psicoativas a respeito do seu uso;
7. Avaliar se há possibilidades terapêuticas no uso da psilocibina;

8. Identificar possíveis relações entre a intencionalidade e o estado emocional dos sujeitos e a experiência subjetiva durante e após o uso de cogumelos “mágicos” (psilocibina).

Caso aceite o convite, sua participação consistirá em fornecer respostas em uma entrevista individual. Você tem o direito de recusar-se a responder as perguntas que lhe ocasionem constrangimentos de qualquer natureza, não sendo necessário esclarecer as razões para tal decisão. Os procedimentos utilizados procuram assegurar conforto aos participantes. As entrevistas serão gravadas, todas as informações obtidas terão caráter sigiloso e seus dados pessoais não serão divulgados, nem qualquer outro dado que lhe identifique. A entrevista durará uma hora, aproximadamente.

Sobre os possíveis riscos esta pesquisa pode mobilizar angústias, causar vulnerabilidade e desconforto, porém esses riscos serão minimizados tendo em vista a possibilidade de o processo ser interrompido a qualquer momento, sem qualquer penalização ou prejuízo, e o clima de acolhimento que será estabelecido em nosso contato. Por outro lado, a entrevista pode oferecer espaço para suas reflexões e contribuir para a integração das experiências vivenciadas. Ao final da pesquisa, ela será apresentada para uma banca e possivelmente publicada em revista científica.

Para mais informações ou qualquer dúvida que você tenha em relação à sua participação pode e deve ser esclarecida junto aos pesquisadores responsáveis:

Cauê Pinheiro Costa de Alencar (caue.alencar@gmail.com – (83) 99889-1676) e

Marísia Oliveira da Silva (anhosimar@gmail.com - (83) 98800-8332).

No endereço Rua Tabelaio José Ramalho Leite, 1425, Apt. 104, Residencial Thereza Almeida, Bairro Cabo Branco, João Pessoa – PB, CEP 58045-230 e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde, localizado na Universidade Federal da Paraíba, Campus I, Cidade Universitária, 1º Andar, CEP 58051-900, Bairro Castelo Branco, João Pessoa – PB, telefone (83) 3216-7791, e-mail: eticaccsufpb@hotmail.com, com atendimento de segunda a sexta-feira das 08h00min. às 12h00min. e das 14h00min às 17h00min.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu _____, de forma livre e esclarecida, manifesto o meu consentimento voluntário em participar do projeto de pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

João Pessoa, _____ de _____ de 2019

Participante da Pesquisa

Cauê Pinheiro Costa de Alencar – pesquisador

Prof^a Dr^a Marísia Oliveira da Silva – orientadora da pesquisa

Anexo 3 – Questionário sociodemográfico

1. Idade: _____ anos

2. Gênero com o qual se identifica:

- Feminino
 Masculino

3. Orientação sexual:

- Heterossexual
 Homossexual
 Bissexual
 Outro: _____

4. Naturalidade (cidade/estado):

5. Cidade onde reside:

6. Qual o seu grau de escolaridade:

- Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo
 Pós-graduação

7. Com quem você mora?

- Sozinha (o)
 Com familiares
 Com amigos
 Outros: _____

Se não mora sozinho, mora com quantas pessoas?

8. Com que cor ou raça você se identifica?

- Preto
 Pardo
 Branco
 Indígena
 Amarelo
 Outro: _____

9. Estado civil:

- Solteiro
 Casado
 Divorciado
 Outro: _____

Você trabalha? Se sim, qual a profissão?

Qual a sua renda familiar/grupal?

- até 1 salário mínimo
 entre 2 e 5 salários mínimos
 entre 6 e 10 salários mínimos
 mais que 10 salários mínimos

10. Qual a sua renda individual?

- até 1 salário mínimo
 entre 2 e 5 salários mínimos
 entre 6 e 10

11. Religião:

- Católica
 Protestante/Evangélica
 Espírita
 Outro: _____
 Religião afro-indígena(umbanda, candomblé, Jurema, etc). Qual? _____
 Não sou religioso
 Ateísmo/Agnosticismo

12. Tem filhos? Se sim, quantos? _____

Anexo 4 – Questionário sobre uso de substâncias psicoativas

1) Você já ouviu falar de cogumelos “mágicos”/chá de cogumelo?

- Sim Não

2) Você conhece alguém que já usou cogumelos “mágicos”/chá de cogumelo?

- Sim Não

3) Se você respondeu sim na pergunta 2, o que a pessoa falou sobre a experiência?

4) Você já usou cogumelos “mágicos”/chá de cogumelo?

- Sim Não

Com que frequência? _____

5) Você já consumiu MDMA (Ecstasy)? Indique frequência.

- Nunca
 Até 5 vezes
 6 a 10 vezes
 10 a 15 vezes
 > 15 vezes

6) Você já consumiu LSD(doce)? Indique frequência.

- Nunca
 Até 5 vezes
 6 a 10 vezes
 10 a 15 vezes
 > 15 vezes

7) Você já consumiu Ayahuasca(Daime, vegetal)? Indique frequência.

- Nunca
 Até 5 vezes
 6 a 10 vezes
 10 a 15 vezes
 > 15 vezes
 Sou formalmente ligado à alguma instituição ayahuasqueira

8) Você já consumiu Peyote (mescalina)? Indique frequência.

- Nunca
 Até 5 vezes
 6 a 10 vezes
 10 a 15 vezes

- > 15 vezes

9) Você pode citar que outros tipos de substâncias oriundas de plantas já teve contato? (por exemplo: Salvia divinorum, Datura sp – Trombeta, Argyreia nervosa, Ipomoea sp – Morning Glory, Mimosa sp – jurema, etc.)

10) Você já consumiu Cannabis (maconha)? Indique frequência.

- Nunca
 Até 5 vezes
 6 a 10 vezes
 10 a 15 vezes
 Sou usuário regular

11) Em caso de usuário de maconha, durante a experiência com os cogumelos, você? (Só responder caso já tenha consumido cogumelos “mágicos”).

- Nunca usa
 Tanto faz
 Usa, mas acha dispensável
 Sempre usa
 Usa e acha indispensável
 Se não usar posso ter uma “bad trip”

Anexo 5 – Roteiro de Entrevista

1. Desde quando você faz uso de cogumelos? Ainda faz uso? Com que frequência?
2. O que te motivou a usar pela primeira vez?
3. O que te leva a continuar usando?
4. Quando você usa, você faz com alguma intenção ou objetivo?
5. Você pode falar um pouco da experiência mais marcante que você teve com cogumelos mágicos?
6. Como você se percebia antes do uso de cogumelos?
7. Como o uso de cogumelos mágicos influenciou na sua vida? Você percebe alguma mudança?
8. Você recomendaria o uso de cogumelos para outras pessoas? Por quê?